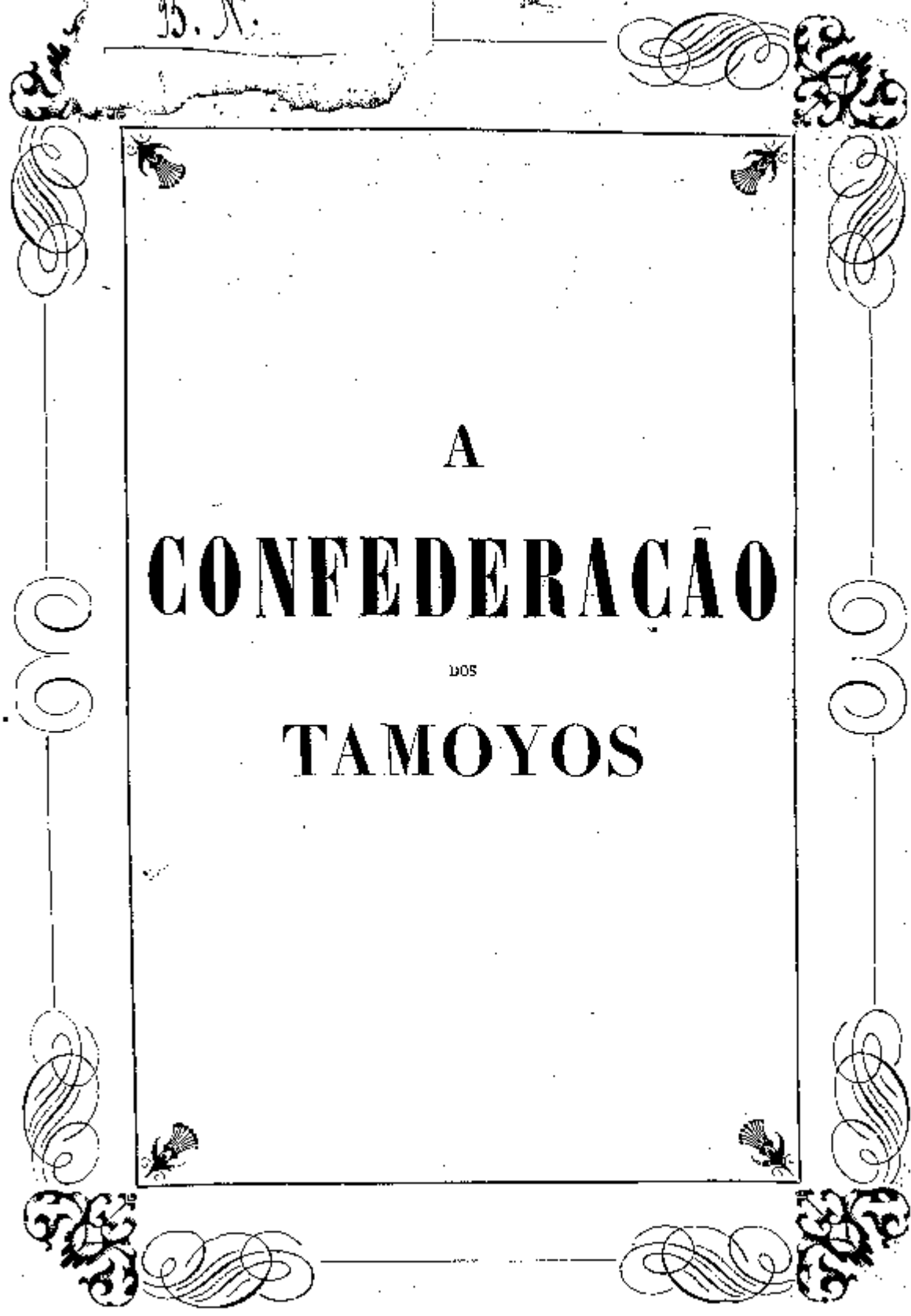


B. N.

A  
**CONFEDERAÇÃO**  
DOS  
**TAMOYOS**



A

**CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS**

A  
**CONFEDERAÇÃO**

EM

**TAMOYOS**

**POEMA**

POR

*Domingos José Gonçalves de Abayathian*



**RIO DE JANEIRO**

EMPRESA TYPOG. — HOUS DE DEZEMBRO — DE PAULA BRITO  
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

**1856.**



4. Brasileira



3869.1  
Est. 4

u

À

SUA Magestade Imperial

**O SENIOR D. PEDRO II**

Imperador Constitucional e Defensor

Perpetuo do Brasil.

## SENIOR

Não é um simples motivo de particular gratidão por' especiais favores devidos a Vossa Magestade Imperial, e sim um sentimento mais patriótico de profunda admiração, e elevado reconhecimento pela prosperidade de nossa paiz, devida á sabedoria, justiça e amor ás instituições livres, que tão altamente brilham no Chrono na Augusta Pessoa de Vossa Magestade Imperial: é este nobre

sentimento, que me inspira a idea de offerer  
a dedicar a Vossa Magestade Imperial  
este meu trabalho literario, como um tributo  
espontaneo de um subdito fiel ao melhor de  
Monarchas.

Vossa Magestade Imperial desja ser  
umado pelas suas virtudes publicas e privadas,  
que tanto edificam; e a Brasil todo e uniu  
a submisso.

Si os bens materiais, que crescem todos  
os dias ante vós, vós os apregoam a solistude  
do V. Magestade em promover-os, muito  
mais apregoam a sabedoria do seu governo, os  
bens moraes e politicos de que gozamos, e pelos  
quais vellas nações da Europa ainda heje  
derriamam vos de sangue.

A instrucção publica propugnada e practi-  
gada, a completa liberdade da imprensa, a



independencia da tribuna, a tolerancia dos  
cultos, os publicos empregos fidejucados a  
todas as capacidades e talentos, a desestrua-  
mento do commercio; todos estes grandes bens,  
e os que dellas necessariamente se derivam,  
ahi estao para apresentar a Brazil como  
uma nação constituida segundo a dignidade  
da natureza humana, e conforme os ditames  
da esclarecida razão e da boa politica, e das

no mesmo tempo de Vossa Magestade Imperial  
o mundo a ideia de um Principe perfeito,  
toda empenhada em promover o bem do seu peo.

Crescendo os justos motivos da minha qua-  
lidade, nunca poderei tucur-me de licajiro.

Dique - Se Vossa Magestade Imperial  
accutar a minha offerta, o multier Penque  
os meus ardentes votos pela vida e prosperidade  
de Vossa Magestade Imperial.

*Beiju as sagradas mãos de Vossa Ma-  
gestade Imperial o*

*De Vossa Magestade Imperial*

*Subdito fiel e reverente*

Domingos José Gonçalves de Magalhães.

**CANTO PRIMEIRO.**

## ARGUMENTO.

---

Invocação ao sol e aos Genios dos bosques do Brasil.—Primazia desta parte d'America.—O Amazonas e o Paraná.—Nada é comparavel ás bellezas desta natureza virgem.—Seus indigenas.—Perseguição contra elles.—Aimbire, o mais audaz dos chefes Tamoyos, confedera todas aquellas tribus contra os Portuguezes.—Para esse fim vai elle procurar Pindobuçú, e o acha dando sepultura a um filho.—Lança Aimbire uma pedra sobre essa sepultura, que encerra talvez o cadaver de um amigo; e recordando-se do tempo da sua infancia, saída a terra em que nasceu, e a que volta depois de longa ausencia.—Pindobuçú o reconhece, e lhe diz que o morto é Comorim seu filho.—Lamenta Aimbire a perda do companheiro da sua infancia.—Conta-lhe Pindobuçú como fôra o filho mortalmente ferido defendendo sua irmã Iguassú, atacada por alguns Portuguezes, dos quaes tres ou quatro foram mortos na lucta.—Jura Aimbire vingar a morte do amigo; e aproveita a occasião para ligar aquella tribu contra os Portuguezes.

# A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

---

## CANTO PRIMEIRO.

Oh sol, astro propicio que abrilhantas  
Do creado universo altos prodigios;  
Que aos bosques dás verdor, doçura aos fructos,  
E os petalos das flores vario esmaltas!  
Oh sol, vital principio, que na terra  
O tenro germe da semente aqueces,  
E o fecundas co'os teus benignos raios:  
Luzeiro perennal, nume adorado

Dos innocentes filhos da Natura,  
Que mal seu Creator, seu Deus conhecem!  
Oh sol, hoje m'inflamma a mente ousada,  
Que azas desprende p'ra mais altos vôos.

Vós, solitarios Genios dos desertos  
Do meu patrio Brasil, nunca invocados  
Té-qui por nenhum vate, a cujas vozes  
Doçura deram do Carioca as aguas;<sup>1</sup>  
Genios, que outr'ora com choroso accento  
Suspiros repetistes lamentosos  
De tantas malfadadas tribus de Indios,  
Que viram do Européo n'ávida espada  
O sangue gotejar dos caros filhos,  
Das esposas, dos pais, e dos parentes;  
Doce inspirações prestai-me, oh Genios!  
Dos Tamoyos o intrepido ardimento,  
Tão fatal á colonia portugueza,  
Do olvido sorvedor hoje exhumemos:  
Na fonte bafejai-me imagens que ornem  
Dos filhos dos sertões a sorte adversa.

Das Americas plagas venturosas,  
Que ás mais plagas do mundo nada invejam,  
Ufana-se o Brasil como a primeira.  
Formosa é sempre ali a Natureza,  
Eterna a primavera, o outono eterno.  
Em leitos diamantinos pura lympha  
Rega seus campos em caudaes correntes.  
Innumeras, pujantes catadupas,  
Voz dando á solidão, em crystaes curvos  
De rochedos alpestres precipitam-se;  
E de horrendo estridor pejuando os ermos,  
De valle em valle, entre asperas fraguras,  
Onde atroam tambem gritos das feras,  
Das serpes os sibillos, e os trinados  
Dos passaros, e a voz dos roucos ventos,  
Viva orchestra parece a Natureza,  
Que a grandeza de Deos, sublime, exalta.

Balisa natural ao Norte avulta  
O das aguas gigante caudaloso,  
Que pela terra alarga-se vastissimo:



Do Oceano rival, ou rei dos rios,  
Si é que o nome de rei o não abate;  
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho  
No solio á multidão em torno curva,  
Supera o Amazonas na grandeza  
A quantos rios ha grandes no mundo!  
O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississipe,  
Inda que as aguas suas reunissem,  
Com elle competir não poderiam.  
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado  
Mil feudatarios rios vem pagar-lhe  
Tributo perennal de suas aguas.  
Resupino gigante se afigura,  
Qual outro Briarè, mas verdadeiro,  
Que estende os braços p'ra abarcar a terra!  
Pujante assim no Atlantico se entraucha,  
Ante si repellindo o argenteo salso,  
Como si elle na terra não coubera,  
Ou como de inunda-a reccioso  
Si mais longo e mais lento a discorresse!  
O Amazonas co'o Oceano furioso  
Lucta renhida trava interminavel

Para roubar-lhe o leite; e ronca e espuma,  
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,  
Feroz sucuriúba horrída ronca<sup>2</sup>  
Quando sente mover-se á flôr das aguas  
Lontra ligeira, ou anta descuidada,  
E inchando as fauces, a cabeça eleva,  
Os queixos escancára, a lingua sólta,  
Para de uma só vez tragar o amphibio.  
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas  
Para sorvel-o a larga foz medonha  
Legoas abre setenta! A ingente lingua  
Estende de tres vezes trinta milhas,  
Como uma longa espada, que se embebe  
Ao travez do Atlantico iracundo,  
Que gemendo recúa no arremesso,  
E em montes alquebrado o dorso enruga.  
Armas que joga ao mar são grossos troncos  
Arrancados na furia, são pedaços  
De esbroadas montanhas que elle mina:  
Seus gritos são trovões tão horrorosos,  
Que alli parece submergir-se o mundo  
Quando se incha seu corpo desmedido:

Equorea, espessa nuvem se levanta  
Como uma chuva contra o céu erguida,  
Reflectindo do sol os sete raios.  
Tal o conquistador, que co'os despojos  
Dos reis desthronisados se opulenta,  
Ou co'os tributos dos vencidos povos,  
Em pé firme no carro do combate.  
Envolto n'uma nuvem de poeira,  
Na frente vai levando dehandada  
Ingente alluvião de inimigas hostes,  
E ante as portas de bronze do castello  
Nova victoria alterca porliosa.

Da opposta parte, não tão magestoso,  
Mas grande em si, o Paraná se alonga  
Da serra Mantiqueira, e cava, e afunda  
Largo sulco nas terras que devassa;  
Como escorregadiça, argentea estrada,  
Obra sem par das mãos da Natureza.  
Em prol dos filhos seus circumvisinhos,  
No trajecto veloz se assenhoreia

De pingues, numerosos afluentes,  
Té no Prata perder-se, ou dar-lhe origem.

Nesta vasta extensão do Eden terrestre  
Se ostenta o céo tão lindo e tão sereno  
Como os olhos da virgem, cuja mente  
Erma está de amorosos pensamentos:  
Tão crystallino e azul como um zimbório  
De inteiriça turqueza, ou de saphira.  
O ar é tão nectareo como o aroma  
Que no dia nupcial o ardente esposo  
Nos puros labios frêe da virgem noiva  
Co'as primicias de amor, beijo suave!  
E tão leda e garbosa a Natureza  
Como as faces de riso salpicadas  
De uma mãe que se expande entre os filhinhos,  
Que innocentes meiguices lhe tributam.  
Oh vós da Grecia deliciosos campos,  
Onde o Alphèo e o Eurotas serpenteam,  
E em cujas margens Dryades habitam!  
Montes, que dáis abrigo em vossos topos,

De loureiros à sombra, às castas Musas,  
 Vós não assoberbais a magestade  
 Destes montes brasilios, destes bosques!  
 Desdenha este sumptuoso Paraiso  
 As sonhadas ficções da mente humana;  
 Maligos Faunos, pudibundas Nymphas  
 Nestas virgens florestas não vagueam:  
 Grande como sabio das mãos do Eterno,  
 A Natureza é tudo, e excede ao homem.  
 Que hade bem cedo emparelhar com ella!  
 Oh placido remanso! . . . Aqui a mente  
 Repousa, e se deleita em contemplal-o:  
 E no intimo d'alma, que se espraia,  
 Resôa de seu Deus a voz cadente,  
 Como resôa em bosques de palmeiras  
 Vago sopro das auras matutinas.

Raças mil de homens livres sem cultura,  
 Cujá origem té hoje ignora o mundo,  
 Estes sertões outr'ora povoaram,  
 Antes que a industria e as artes, transplantadas

Pelas mãos do Europeo, aqui mudassem  
Brutas pedras e troncos em cidades.  
Mas quanto, oh Parahyba, quanto sangue  
De innocentes indigenas primeiro  
Tuas aguas tingio, regou teus campos!

Tu só, Religião sublime e santa  
Do Deos por nosso amor martyrisado,  
Tu só consolador oleo verteste  
Nos ulcerados corações dos Indios.  
Tu só com mão piedosa as almas cordas  
D'harpa mysteriosa revolvendo  
Milagrosos accentos extrahiste,  
Que os filhos dos desertos encantaram,  
E á tua grei os foram attrahindo.  
Si as maravilhas tuas cantar posso,  
Meu estro fortifica, aquece-o, anima-o  
Co'uma brasa do teu sacro thurib'lo.

Oh! e porque tão frio, tão amargo

Pranto verteis, meus olhos magoados?  
Tanto dos Índios vos contrista a sorte,  
Ou dos nossos maiores a dureza  
Com que á escravidão os reduziram?  
A escravidão! . . . oh céos! Quando do mundo  
Tão grande crime fugirá p'ra sempre?  
Mãos, sim, nossos pais foram p'ra com elles.  
Torpe ambição, infame crueldade  
Os esforços mil vezes deslustraram  
Dos primeiros colonos Lusitanos,  
Que o amor do aureo metal e feios crimes  
A estas virgens plagas conduziram.

Não, dos canhões não foi o eco estrondoso  
Que ao Índio impoz terror; nem mesmo a morte;  
Que mortes e trovões terror não causam  
Aos filhos dos sertões á guerra afeitos,  
Que livres deslisavam vida errante;  
Foi sim o captivoiro, algemas foram,  
Que alguns, ora colonos, de seus pulsos  
Aos pulsos dos indigenas passaram;

Alguns, ora colonos, mas que outr'ora  
Em Lísia réos infames se opprimiam  
De enpestadas prisões nos subterraneos.

Como preza a andorinha a liberdade,  
E por instincto soe cantar errante,  
Errante fabricar ligeiros ninhos;  
E si no aereo carcere encerrada  
Triste pende a cabeça, encolhe as azas,  
Cala o trinado que soltava livre,  
Rejeita tenue grão, suspira e morre:  
Não menos estes filhos das florestas  
Errante vida e liberdade estimam.  
Ora aqui, ora alli erguem choupanas,  
E onde frondosas arvores estendem  
Pejados ramos de gostosos fructos,  
Ahi é seu paiz, ahi se abrigam.

« Toda esta terra é nossa, e nunca falta  
Terra para os mortacs. O passarinho



Que nos ares nasceo, nos ares vóa,  
E nem n'um tronco só seu ninho tece;  
Embora o tronco firme sobre a terra,  
Supporte a chuva, e o sol, e o vento, e o raio;  
Não tem membros o tronco que o transportem.  
Mas nós homens, a quem Tupan deo tudo,  
Nós, que livres nascemos nestes bosques,  
Porque escravos agora nos faremos? »  
Deste geito discorrem os selvagens.

Depois que as praias e os sertões brasilios,  
Ribombando o trovão da artilharia  
Repetiram taes sons—Tudo isto é nosso—  
Viram-se os Indios sob o peso curvos  
De asperrimos trabalhos, como brutos,  
Que os Portuguezes brutos os julgavam,  
Cantando ao som do látego incessante,  
Mas cantico de dôr com voz de escravo.

Não mais, grotas, não mais em vós soára  
O canto do homem livre!—A liberdade  
Trocado havia em lucto as brancas vestes,

E só tristes gemidos exhalava;  
Como o guará, que perde as alvas penas<sup>3</sup>  
E novas porém negras só lhe crescem,  
E de tão lindo que era e tão garboso,  
Adejando ligeiro á flôr do lago,  
Co'o rostro ora ferindo-o, e contemplando  
Sua imagem no meio de mil orbes,  
Que iam delineando as moveis aguas;  
Ora curvando a aquatica vergantea  
Co'o peso de seu corpo, qual esbelta  
Virgem que em banha corda se embalança;  
Ora enfim alongando o airoso collo  
Como uma flauta eburnea, a voz soltava;  
De tão lindo qu'elle era, se transforma  
Em passaro funéreo, e fugitivo  
Geme, como carpindo a perda sua,  
E nem ousa mostrar-se envergonhado,  
Até que o lucto em purpura se muda  
Co'as plumas novas, que lhe crescem rubras.

Assim fugiste, oh cara liberdade.

De lucto envolta; e só com sangue agora  
Te é dado o triumphar! — Ai, pobres Indios!  
Uns faziam gemer a virgem terra  
Co'os repetidos golpes das enxadas;  
Outros nos densos mattos mutilavam  
Arabutans, jacarandás, graúmas,  
E os bosques rebramavam co'as pancadas  
Resoantes dos machados: — parecia  
Que de dór se carpian, por se verem  
Roçados pelas mãos de homens escravos  
Pela primeira vez: homens que outr'ora  
Livres á sombra sua se acoutavam.  
Outros enfim das abas das montanhas,  
Sobre os despidos hombros já callosos,  
Os lavrados esteios carregavam,  
Que deviam erguer nascentes villas,  
Para commodo só dos seus senhores.

Inda tudo não é; mesmo no centro  
De incognitos sertões o Luso armado,  
Como da destruição o infrene genio,

Levava o captivo, o horror, o estrago,  
O incendio e a morte ás tabas indianas.  
Homens justos, apóstolos de Christo,  
Anchieta e seus irmãos em vão bradavam  
Contra tão fera usança e ruin costume:  
Conselhos de dever, de honra, que valem  
P'ra as almas encharcadas na cobiça?

Aimbire, o mais audaz entre os Tamoyos,  
Meditava projectos de vingança  
Contra a Lusa colonia Vicentina,  
Donde p'ra seus irmãos o mal saia.  
De sertão em sertão, de taba em taba  
Andava elle incansavel incitando  
As tribus dos Tamoyos á revolta.  
Já tinha percorrido as fertes plagas  
Que banha o Pirahy, e o Parahybuna:  
Tinha já costeado a dextra margem  
Do longo, caudaloso Parahyba;  
E atravessado os campos e as montanhas  
Que entre o Guandô e o Macahé se estendem:

Por toda a parte amigos encontrára,  
Promptos como elle, para a grande empreza,  
E todos de vingança sequiosos;  
Que o presente cruel se lhes mostrava,  
E o futuro peior; terrivel tudo.  
O Indio verboso, e de subtil engenho,  
Por afanosos trances amestrado,  
Inda mais inflammaudo-lhes o odio,  
Pra vingança commum os colligava.

Só faltava-lhe o braço e a experiencia  
Do ancião Pindohaçú; a elle corre,  
Sóbe ao alto da Gavia, onde elle habita,  
E o acha, oh dôr, em funebre apparato  
Dando o eterno repouso a um caro filho.

Já o cadaver dentro da igaçaba, <sup>5</sup>  
Com as guerreiras armas de que usára,  
Tinha sido enterrado em funda cova.  
De Comorim o irmão e os companheiros

Com lentos passos, e as cabeças curvas,  
E os olhos para o chão, em pranto envoltos,  
Já para a sepultura vão levando  
Toscas pedras p'ra o tosco monumento.  
O Cacique, sentado junto á cova,  
Pousa a sinistra mão sobre a cabeça  
Da filha, que soluça em seus joelhos,  
E co'a dextra apertando a própria fronte,  
P'ra o funereo moimento absorto atenta,  
E como que sua alma além vagueia.

Aimbire chega, e pára; olha, examina;  
Bate-lhe o coração; fallar não ousa.  
Ao ver o velho assim, e ao lado a filha,  
Parece adivinhar. . . Toma uma pedra  
E a leva á sepultura: « Em paz descança,  
(Diz) oh guerreiro, cujo nome ignoro;  
Mas és Tamoyo, e amigos meus te choram.  
Aqui teus ossos jazerão p'ra sempre  
Sobre este monte, que me viu pequeno,  
Após meu pai, andar sahís caçando,

Tão lindos qu'eu co'as pennas me enfeitava,  
Lá diviso a Tijuca tão saudosa,  
Cujas aguas bebi; nellas banbei-me.  
Alli n'aquelle morro, onde se eleva  
O Corcovado pincaro ventoso,  
Doce e manso deslisa-se o Carioca,  
A cujas margens minha mãe cantava  
Tão mestos cantos, qu'eu chorando ouvia,  
E ainda choro co'a lembrança delles.  
Quantas vezes naquella escura varzea,  
Onde o Catéte saltitante corre,  
Ouvindo o sabiá e o gaturamo,  
Dormi, sonhei, aromas respirando  
Co'aquelles arcs puros que dão vida!  
Aqui a baixo o Comorim se alarga,<sup>6</sup>  
Onde eu pescava tantas vezes, tantas.  
Terras em qu'eu nasci, como sois bellas!  
Como és formoso, oh céu do Guanabara!  
Mais azul do que as pennas d'ararúma!  
E a vós eu volto e vos saúdo em frente  
De uma recente, pranteada campã,  
De quem, não sei; talvez de algum amigo! »

Mal a voz — Comorim — souo ao velho,  
Subito elle estremece; olha, procura  
Reconhecer o incognito guerreiro  
Que tal nome soltou. A voz lhe escuta,  
Mede-o todo; e depois qu'elle se cala:  
— Aimbire! não és tu?

— Sim sou Aimbire!

E o Cacique, lançando-se em seus braços,  
O aperta contra o peito; encara-o e chora,  
E de novo o aperta uma e mais vezes.

— Aimbire! tu aqui. . . Ah, quem te disse,  
Como soubeste qu'eu perdi meu filho,  
Teu amigo da infancia, o meu querido,  
O meu bom Comorim?..

« Que! pois é elle?

Elle?.. o meu Comorim?.. é elle o morto  
Que alli jaz?.. Comorim: como morreste?  
Tu tão moço, tão bravo, e tão robusto?  
Quem um putumujú te não julgára, ?  
Em força, em duração, como em belleza?



Que raio te ferio antes de tempo?  
Eu não sabia, ah, não... Quando cuidava  
Poder hoje apertar-te nestes braços,  
Contar-te minha vida, meus trabalhos,  
Meus longos sofrimentos e desgraças,  
Venho pôr um pedra em teu moimento!  
Oh companheiro meu nos tenros jogos  
Dessa idade feliz, que brilha e acaba,  
Como a flôr da urumbeba, após deixando  
Feio tronco, escabroso, e todo espinhos!  
Quantas vezes amigos apostámos  
Quem mais certo mandaria a flecha  
O passaro ferir, alto pairando!  
Quem mais veloz nadando, ou já correndo,  
Primeiro chegaria ao dado termo.  
Ou quem mais agil pendurado a um galho  
Para o galho fronteiro se arrojára.  
Como eu gostava de brincar contigo!  
E perdi-te! e não mais ver-te-hão meus olhos!  
Como subindo alegre esta montanha,  
Tão cheio de prazer e de esperanças,  
Pensando tanto em ti, que vivo eu eria,

Não palpitou-me o coração presago;  
Nem ouvi murmurar por entre o bosque  
O echo de nenhum Maraguigana, <sup>3</sup>  
Que este golpe fatal me annunciasse!  
Ai! quanto custa a perda de um amigo,  
De um bravo como tu! . . . E eu inda vivo! »

O pai, o irmão, a irmã, os Indios todos  
Enternecidos choram, vendo Aimbire,  
E ouvindo-o deplorar do amigo a morte.  
Queixas, lamentações longas soaram.  
« Mas enfim, disse o velho, é tempo, oh filhos,  
De deixar em repouso a quem não vive.  
Pois que Aimbire aqui chega afadigado  
De bem longe talvez, que se passaram  
Tantos sóes sem notícias termos delle,  
Vamos dar-lhe agasalho e algum repouso. »

« Não, disse Aimbire, não: quero primeiro  
Que em torno destas pedras assentados

Me contes si em combate, ou de que modo  
O bravo Comorim perdeu a vida. »

— Ai, exclama o Cacique, nenhum homem  
Morreu ainda por mais nobre causa!  
Era meu filho! E como morreria  
Senão lutando tão audaz guerreiro!

« Apenas ha tres sóes que uns Emboabas, »  
Dos que talvez na Bertiôga habitam,  
Naquella praia em baixo appareceram.  
Comorim e Iguassú tambem andavam  
Nesse dia fatal por lá caçando:  
Quem podia prever um mal tão grande?  
Em quanto n'um momento, não cuidadoso,  
Meu filho pelo bosque se entranhára  
Após um caitutó que lhe fugia,  
Sua irmã, que aqui vés, linda e garbosa,  
Que vence o sahixé na gentileza,  
E excede o sabiá no meigo canto,

Cantando andava só, toda entretida  
A colher uns ingás pela restinga;  
P'ra mim ella os collhia; é seu costume  
Sempre que sabe trazer-me alguma cousa.  
Aquelles mãos a viram tão sósinha,  
E assim que a viram, cobiçando-a logo,  
Quizeram agarral-a: ella, gritando,  
Coitada! como a rôla perseguida,  
Para o matto correo. Correram elles  
Após como as igáras esfaimadas;  
Mas ella, pelo irmão chamando sempre,  
Mais ligeira do qu'elles lhes fugia.  
Um mais audaz já quasi a segurava,  
Quando o meu Comorim apparecendo,  
Já co'o arco esticado e a flecha no alvo,  
Com prompta morte atravessou-lhe o peito.  
Outro, que vinha após, co'o braço alçado  
Para lhe disparar troante bala,  
Varado o braço, allí cahio bramando.  
Era a ultima flecha, e já meu filho  
Daquelle inutil braço ia arrancal-a,  
P'ra mandal-a de novo a outro ousado,

Que vira mais além por entre os raios,  
Quando dous por detraz o aferraram.  
E seus punhaes nas costas lhe embeberam.  
Concorim, mesmo assim preso e ferido,  
Curva-se um pouco, e subito se erguendo,  
O corpo sacudio e os fortes braços,  
E por terra atiron os dous contrarios:  
Como ligeiro e forte era meu filho!  
E agarrando-os depois pelos cabellos,  
Deo co'a cabeça de um contra a do outro.  
Que batendo quebraram-se estalando,  
Como estalam batendo as sapucaias!  
Nenhum mais se mostrou: os mais fugiram.  
Entretanto Iguassú vinha gritando,  
Até que ao longe vio alguns Tamoyos,  
Que a seus gritos pungentes acudiram.  
E sabendo do caso logo foram  
O irmão soccorrer. Porém, oh magoa!  
Já longe do logar da feroz lucta  
O acharam quasi exangue e semimorto.  
Assim o filho aos hombros me trouxeram:  
Assim nos braços o tomei chorando.

Ah meu filho! parece que o estou vendo!  
Que não fiz eu para estancar-lhe o sangue,  
Que das largas feridas se escoava!  
Elle sem exhalar um só suspiro,  
A dôr vencendo, desdenhando a morte,  
Com voz segura, posto que difficil,  
Pôde contar-me o que narrado tenho.  
Ninguem o vio gemer; senão que o digam?  
Calou-se um pouco, e respirou com força;  
Era a ultima vez que respirava,  
E todo contrahindo-se: — Vingança! —  
Disse, e morreo. . . E alli cabi sobre elle!

. . . . .  
Creio que muitos os malvados eram,  
Porque os mortos no bosque não se acharam;  
E no mar vio-se ao longe uma canôa  
Grande, cheia e veloz, que ia fugindo.  
Em vão alguns dos nossos a acossaram;  
Tarde foram, e a noite protegeo-a. »

Mal que o velho acabou, Aimbire exclama:

« E p'ra quando guardais essa vingança  
Que Comorim pediu no extremo arranco?  
Não ouvís sua voz surgir da cova,  
E de novo bradar — Vingança — amigos? »

« Sabes (Parabuçu pergunta irado),  
Sabes tu onde estão os companheiros  
Dos vis que meu irmão assassinavam?  
Dize onde elles estão, onde se escondem,  
Que a vingança pedida lirar quero. »

« Onde estão? Tu perguntas? Pois não sabes  
Onde estão os ferozes Portuguezes,  
Que nos roubam os filhos e as mulheres,  
E matam nossos pais, irmãos e amigos?  
Não sabes onde estão esses ingratos,  
Que tomam nossa terra e nos perseguem,  
E nos caçam e a escravos nos reduzem? »

Stão em Piratininga, em Bertioga,  
Onde Tibiriçá, opprobrio nosso,  
Os Carijós e os Guayanás os servem.  
Lá stão elles tranquilllos, meditando  
Em roubos, guerras, mortes e exterminio;  
Lá stão elles pensando de que modo  
Hão de aqui vir bem cedo p'ra vingar-se,  
E roubar Iguassú, que lhes fugira.  
Pois bem, eu tambem penso em extinguil-os.  
Serás vingado, Comorim, eu juro  
Por teu sangue innocente derramado:  
Por minha mãe, que os vís assassinaram;  
Por meu pai, que morreo no captiveiro;  
Pela linda Iguassú, que defendeste,  
E qu'eu defenderei de hoje em diante  
Como irmão si quizer, ou como esposo,  
Si ella e Pindobuçu me não desprezam!  
Juro por este céo, por estes ares,  
Por tudo quanto vejo, e pela lua  
Que tomo em testemunha, e que me escuta;  
Juro qu'heide vingar a tua morte,  
Até que a tua voz me grite: — basta!



« Tamojos, que me onvis, tudo está prompto;  
Todos estes sertões estão armados,  
E por vós só esperam. Eia, armai-vos  
Para a grande vingança, de nós digna:  
Não ha prazer que ao da vingança iguale.  
Comorim não quer lagrimas, quer sangue!  
Não quer tristeza, quer furor e guerra!  
Preparai-vos p'ra a guerra sanguinosa,  
Qu'eu aviso vou dar ás tabas todas  
Que vós sereis connosco. Prometteis-me?  
Quereis ser livres de uma vez p'ra sempre? »

— Sim, promettemos. — N'uma voz bradaram:

« Vingança e liberdade só queremos. »

« Pois bem: que agora os mortos sós descancem  
Nas suas içaçabas; qu'eu repouso  
Não quero até o dia da vingança. »

---

**CANTO SEGUNDO.**

## ARGUMENTO.

---

Usos e costumes dos Tamoyos.—Seus principaes chefes: Aimbire, Pindubugú, Parabugú seu filho, Jagoanharo, Aratay seu pai e irmão de Tibiriçá, Coaquira.—Conselho dos chefes.—Falla primeiro Jagoanharo como o mais novo.—Discurso de Aimbire.—Feitos mais importantes da sua vida.—Ataque da fortaleza de Villegagnon.—Como allí fôra Aimbire feito prisioneiro, e como se escapára da mão de Mem de Sá.—Anima os seus companheiros para a guerra; e manda Jagoanharo pedir a Tibiriçá seu tio que deixe a causa dos Portuguezes, e se ligue aos seus.—Todos o applaudem.

# A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

## CANTO SEGUNDO.

P'ra acabar co'os ataques reiterados  
Dos Lusos, confederam-se os Tamoyos.  
Bravos são os Tamoyos, e descendem  
Da raça dos Tupis. Elles não erram  
Sem tabas, nos sertões, como os terríveis  
Ferozes Aimorés, raça Tapuia.  
Natural, inspirada poesia  
De todos os distingue, os ennobrece.



E tratáveis os torna, inda que altivos:  
Crêm elles qu'esse dom, e as doces vozes.  
As puras aguas devem do Carioca.  
Vasta extensão occupam do terreno  
Que banha o Guanabara. As suas tribus  
Se estendem desde as longas serranias  
Que um orgão fingem, donde o nome tiram.  
Até o Cairuçu, terror dos nautas.  
Um Deus adoram, que dispara o raio,  
E que pelo trovão aos homens falla:  
Tupan se elle nomeia; os seus ministros  
São os Payés, entre elles venerados.  
Leis escriptas não tem; mas não lhes faltam  
As leis da Natureza e as dos costumes,  
Herdadas de seus pais. O mais idoso  
E o mais forte é por chefe respeitado. <sup>1</sup>

Já todos os guerreiros se apercebem  
De tacapes e maças de pão-ferro, <sup>2</sup>  
Arcos robustos, e emplumadas flechas.

Aimbire, o forte Aimbire, apregoado  
Entre todos os fortes pela audacia  
Com que se arroja ás feras e as suffoca,  
Aqui se mostra á frente dos Tamoyos,  
Pelo voto geral primeiro chefe.  
Aimbire desde a infancia se amestrára  
A certo enviar co'a setta a morte;  
Nem no rapido pulo lhe escapava  
O jaguar mais ligeiro sobre a rocha;  
Nem mesmo o gavião alto pairando,  
Nem pequenino passaro burlavam  
Da setta alada o infallivel tiro.  
Fraldão tecido de encarnadas pennas,  
Matizadas d'azul, que a arára imita,  
A cintura lhe cinge. Do pescoço  
Cabe o collar de dentes arrancados  
Por suas mãos das boccas dos vencidos.  
E tão amplo lhe cahe que o peito cobre.  
Larga, escamosa, verdenegra pelle  
De enorme jacaré, qu'elle matára,  
As espadoas lhe veste. Tem na dextra  
Uma de dentes de onça achá embutida,

Que de serra lhe serve e mortal arma.  
C'roa-lhe a fronte um resplendor de pennas  
Da côr do fulvo sol: obra apurada  
De Iguassú, que lh'a dêo de amor em prenda,  
Iguassú sua amante, e qu'elle espera  
Tomar, fmda esta guerra, por esposa.  
Nem ao lado lhe falta grossa aljava,  
Nem o arco robusto, que dous homens  
Como nós a vergal-o suariam,  
E em suas mãos porém facil se curva.

O ancião Pindobuçú de nobre aspecto  
Sua taba conduz: elle se cobre  
De negras plumas, que a tristeza exprimem  
Pela morte do filho, qu'inda chora.  
Parabuçú, de porte agigantado,  
De pennas não se cobre; moço ainda  
Quer espanto causar co'o horrído aspecto  
Da figura: manchada, oncina pelle  
Desde a cabeça, que no largo espaço  
Das abertas mandibulas se enfia.

Até ao chão se estende: enorme casco  
De tatú lhe defende o peito e o ventre;  
De escudo outro lhe serve. Elle sobraça  
A terrível inúbia, que assignala "  
A hora da investida e retirada.  
Tão medonho trajar mais lhe realça  
O corpo colossal e musculoso.  
Pindobuçu, seu pai, que muito o ama,  
N'elle de Conorim tem viva a imagem,  
E nelle cifra o orgulho dos seus annos.

O altivo Jagoanharo, que alimenta  
No grande coração nobre desejo  
De vingar dos parentes o opprobrio,  
Jagoanharo não falta a esta empreza;  
Que no peito lhe ferve o amor da guerra,  
E na mente um fulgor de arguto engenho.  
A par d'elle Araray, seu pai, se encosta  
Sobre um feixe ligado de arco e flechas,  
Com triste aspecto, e sobrenho horrível.



De sua fronte as rugas denotavam  
Um profundo pezar; a bocca firme  
Por um riso feroz tremia ás vezes.  
Fixos os olhos rubros rutilavam:  
Ressumbrava em seu rosto o horror do inferno.  
Amor ardente de vingar insultos,  
E a dôr de ir combater irmão e amigos.  
Era Araray irmão do convertido  
Chefe Tibiriçá, á fé chamado,  
P'ra ser nestes sertões seu firme apoio:  
Tibiriçá, que as armas empunhando  
Dos Lusos em favor, em São-Vicente  
Seu proprio irmão e amigos aguardava.  
Jagoanharo e Araray ambos aos hombros  
Tem de tamanduás rajadas pelles.  
Elles conduzem a guerreira tribu,  
Tão agil e amestrada que se engrimpa  
Pelas mais broncas, ingremes montanhas,  
E vence na carreira a veloz ema.

Outros chefes iguaes, de quem a historia

Os nomes occultou, os campos enchem  
Co'as emplumadas hostes sagittarias.

E tu, Coaquira, em cuja fronte ondeam  
As cans da longa idade; e em cuja mente,  
Dada ás cousas divinas, arde o fogo  
Da inspirada poesia; tu que escutas  
Os trovões de Tupan, e os interpretas;  
Tu que das serpes o veneno anihilas,  
Que das plantas conheces as virtudes,  
Mostrado és tu aqui como um amigo  
Dos homens e do céo; por tua bocca  
Suas ordens supremas se revelam

Nunca té-li os homens destas plagas  
Armas tomaram para igual empreza;  
Nunca tantas familias se ligaram,  
Tantos guerreiros em commum se uniram.  
Grande é a empreza, duvidosa a sorte.  
Segundo a usança em decisivos casos,

Um concilio propõe o ancião Coaquira,  
Em que o plano da guerra se debata,  
E o certo meio da victoria se ache.

Approvam todos o dizer do velho,  
E inúbias soam, convocando os chefes,  
Que em círculo se formam, começando  
Desde Coaquira, que mais sóes contava,  
Té o mais moço descendendo em annos,  
Todos armados como em guerra estavam,  
Que inseparaveis são das feras armas  
Os barbaros: taes foram sempre os Francos,  
Taes dos desertos d'Asia os cavalleiros,  
Os Tartaros, que até montados iam  
Em seus corceis ao Gurultai armados, <sup>4</sup>  
Para as leis discutir de paz e guerra.

Rompe o silencio o joven Jagoanbaro,  
Que entre elles soem fallar primeiro os moços,  
Em quem mais luz o engenho e o enthusiasmo,

Para depois se ouvir com mais proveito  
Frios conselhos dos cabaes em annos.  
Ufano por ser esta a vez primeira  
Que tem de discorrer em grave assumpto,  
Ar decisivo Jagoanharo ostenta:  
« Vede esta pelle, que me cobre os hombros;  
E' de um tamanduá, animal fraco,  
Que não ousa atacar, mas que manhoso  
Deitado espera o aggressor incauto,  
E abraçando-o lhe crava as curvas garras.  
Quereis vós imital-o na fraqueza?  
Humildes receber novos insultos?  
Esperar e lutar como cobardes,  
Que jamais se apresentam flecha á flecha,  
E com meios de industria só combatem? »

Disse: e com ar altivo olhou em torno.  
E na terra cravou a ponta do arco.  
De alegria signaes os moços deram,  
E seu pai Araray, um pouco alçando  
A tenebrosa frente, parecia

Mais serenado da profunda magoa;  
Fugaz sorriso lhe roçou os lábios;  
Tanto digno de si seu filho achára,  
No porte egregio, e no dizer soberbo.

Nenhum joven fallar ousou diverso:  
Visos de impaciencia os velhos davam,  
Signaes de opposta idcia, receiosos  
Que os moços desta vez prevalecessem.

O terrivel Aimbire percebia  
Dos velhos o receio bem fundado;  
E querendo accender n'elles a audacia,  
E o furor roborar da juventude,  
Começou a fallar d'esta maneira:

« Tupan lá do alto céo me escuta agora;  
Elle vio o qu'en vi, caso inaudito,  
E de horror levantou ante seu rosto

Uma montanha enorme de átras nuvens,  
Para a seus olhos esconder taes scenas.  
Que tenho eu visto, e que soffrido tenho!  
De vós, oh moços, o vigor conservo;  
De vós, oh anciãos, tenho a experiencia  
Colhida á custa de arduos sacrificios.  
Porém mais que vós todos reunidos  
Segredos aprendi de estranhas gentes:  
Com ellas batalhei co'a setta e o raio,  
E hoje o mysterio de Tupan conheço!  
Tupan que se apresente, então veremos  
Qual de nós dous melhor dispara o raio.  
Eis o meu, não o escondo! » Isto dizendo  
Tira do cinto uma pistola armada,  
O braço estende, e para o céu dispara;  
E a bala foi ferir uma ave negra,  
Que no espaço mil gyros descrevendo,  
Cahir veio a seus pés inda guinchando,  
Quentes gottas de sangue sacudindo  
Sobre a assombrada turma estupefacta.  
Alvorota-se o campo; e quantos ouvem  
O inopinado estrondo p'ra alli correm,

E em torno do concílio se amontoam,  
Tendo todos os olhos sobre Aimbire.  
Elle, immovel, co'o braço inda estendido,  
Com ar vanglorioso a arma empunha  
Porque do seu poder não se duvide.  
Ninguem ousa fallar, até que Aimbire.  
No cinto a arma guardando, assim prosegue:

« Inda a alma de meu pai, como um colibri  
Em feia noite no seu ninho occulto,  
Atém não tinha das azues montanhas  
Descido aos campos de eternas delicias,  
Quando o mar arrojou em nossas praias  
Homens de branca pelle e longas barbas,  
Que posto filhos d'agua parecessem,  
Fogo traidor os perfidos traziam.  
Vós innocentes, do prodigio absortos,  
Incautos, não prevendo o mal futuro,  
Vossas plumas lhes demos, vossos fructos,  
Vossas redes, e até arcos e flechas.  
Como pagaram elles taes favores?

Bem depressa senhores se fizeram;  
Em nossos bosques foram-se estendendo  
Sempre de fogo contra nós armados.  
Suas victimas fomos, seus escravos!  
Nossas mãos dos sertões levaram troncos,  
Ergueram seus casares; e até por elles  
Mil vezes contra os nossos combateram!  
Oh dura ingratidão! Morder por elles,  
Sermos em nossa terra seus escravos,  
E em troca só affrontas recebermos!  
Oh dura ingratidão! O Amoré fera,  
Que d'agna tem horror, e sangue bebe;  
O Amoré, que co'o tigre rivalisa,  
É a quem só praz a guerra e o sangue nosso.  
Tanto horror, tanta infâmia não pratica.  
O Amoré tem a côr dos Emboabas!  
Eu mesmo lhes servi na flor da vida,  
Minhas mãos calejei, mandando a flecha  
Seu sustento buscar no ar, nos bosques.  
Meu pai morreo sem honras de guerreiro.  
Sem funeral. Eu mesmo abri-lhe a cova  
No lugar em que ao sol se elle aquecia,



Quando o duro senhor folgas lhe dava.  
P'ra não deixar sózinho o triste velho.  
Com elle supportei o captiveiro.  
Morreo meu pai, e eu livre abri caminho  
Pelo sertão, em busca das cabanas  
Dos meus antepassados, resolutos  
A vingar de meu pai a morte infame.

« Sem chefe os meus dispersos vagueavam:  
Souu entre elles: — E' chegado Aimbiré!  
E a milhares de bravos vi-me unido.  
Contei-lhes tudo; e attentos e chorosos.  
Ouvindo de meu pai o triste caso,  
Todos quizeram ir buscar seus ossos,  
E o sangue derramar do seu tyranno  
Sobre o tumulo seu. Porém meu odio  
Não se fartava com tão pouco sangue.  
Eu queria vingar a minha terra,  
E os restos de meu pai, e a mim, e a todos.  
Queria de uma vez limpar p'ra sempre

Nossas florestas dessa raça escuria.  
Não me faltava a audacia, mas a empreza,  
Tão grande, superava ás nossas forças.  
Que devia eu fazer? Minha vingança  
Delongas não soffria. . . Nesse tempo  
No Guanabara estava, n'um rochedo "<sup>o</sup>  
A raça branca de cabellos louros,  
E de olhos cõr do céu, tão nossa amiga,  
Para a entrada impedir d'essa outra raça  
De olhos, e barbas, e cabellos negros.  
Em canoas metti-me, e os meus guerreiros.  
E fui-lhe offerecer os nossos braços.  
Como amigo o seu chefe recebeu-me:  
Chamou-me seu irmão; e nesse instante  
Dêo-me uma arma, que fogo de si lança,  
E o segredo do raio revelou-me.  
E o que cuidais, oh chefes? que este raio  
Sempre está prompto? Não: quando lhe falta  
Este pó negro, polvora chamado,  
Que o fogo accende, e como o raio estronda.  
Esta arma inutil fica. (E assim dizendo,  
Vai mostrando o que diz). Mas nós podemos

As aljavas pejar de novas setlas,  
Fabricadas por nós, em quanto o matto  
Duras cannas brotar, e as aves pennas:  
Porém quando fallar este pó negro,  
Que só alguns d'entre elles fazer sabem  
Com muito tempo e custo, sem defeza  
Nossos tyrannos ficarão vencidos.  
Podeis marchar contra elles arrojados:  
Os seus trovões não são Tupaçunangas,  
Nem os seus raios são Tupaberabas. <sup>7</sup>

o Guerreiros, ante vós tendes Aimbire,  
Que taes cousas conhece, e que não teme  
O fogo e o raio de traidoras armas.  
Aimbire vio de fogo o atroz combate,  
E sem temor c'ò a setta combatia  
Contra os homens de fogo; e mais certo  
Mor entre o fumo a morte dardejava.  
Em quanto cegos outros nada viam.  
Valem mais nossas flechas que os seus raios.

« Guerreiros, escutai. Lá do rochedo  
Que banha o Guanahara, onde abrigada  
Estava a raça de celestes olhos,  
Eu vi. . . como direi? . . . vi, não qual vemos  
Co'os olhos descobertos; nada eu via,  
Mas fizeram-me ver, oh que prodigio!  
Ao travez d'um caudo, que apontado  
Sobre as longinquas, invisiveis cousas.  
As pôe tão perto e tanto as engrandece.  
Que cuidamos poder co'a mão tocá-las:  
Por este modo eu vi na linha ao longe,  
Onde se abaixa o céu e o mar se perde,  
Lus vultos como passaros boiantes  
De peito escuro, e longas, brancas azas.  
— São portuguezas náos — gritaram todos:  
Lá tremôla a bandeira portugueza!  
Temos hoje combate. Ellas que venham,  
Que não hão de voltar co'o mesmo vento.  
E todos p'ra o combate se aprestavam.

o Entretanto as canôas monstruosas,

Cujas azas os ventos enfunavam,  
P'ra nós se aproximavam, e nós todos  
O combate esperavamos contentes.

« Era o tempo em que o sol abrasa tudo,  
Em que as seccas florestas se incendiam,  
E se extinguem as aguas das torrentes.

« Tendes ouvido como a serra às vezes  
Roucos medonhos solta do seu seio?  
Como convulsos os penedos saltam  
Do seu cume, e rolando se abalroam,  
Troncos quebrando na arrojada queda?  
Assim, oh chefes, foi o atroz combate!

« De ambos os lados raios sobre raios  
Disparados, no ar se emmaranhavam;  
Trovões sobre trovões tão repetidos  
Ribombavam, que o mar todo tremia.

E erriçado em montanhas se elevava  
Sobre o penedo, em colera bramando:  
Tremia o céu, de fumo só coberto!  
E o echo horrendo d'estes duros montes,  
Que ia medonho ao longe resoando,  
Era igual ao estridor da trovoadá.

« Qual de vós não dissera que esses homens,  
Que tanto estrondo e horror alli causavam,  
Eram filhos do céu, ou do sol filhos,  
Outros tantos Tupans que guerreavam!  
E eu os via cair feitos pedaços!

« Que estrago! oh que não sei como vos conte!  
Nunca vi tanto sangue derramado!  
Todo o rochedo em sangue se inundava,  
Mil regatos de sangue ao mar corriam;  
E o mar vermelho estava! — Entre cadáv'es,  
Braços, pernas, cabeças mutiladas,  
Tropeçavam os vivos! . . Sobre as aguas

Muitos dos inimigos já feridos  
Luctavam p'ra subir sobre as canoas,  
Aos remos se agarravam, e uns e outros  
Seguros mutua guerra se faziam.  
Que confusão! que horror! que gritaria!  
Tudo era fogo e fumo, e sangue e raiva!

« Uma chuva de ardentes, grossas balas,  
Entre fuzis e turbilhões de fumo,  
Do mar erguida, sobre nós cahindo,  
As fileiras rompeo dos meus guerreiros;  
Muitos corpos rolaram sem cabeças,  
Muitos braços voaram pelos ares.  
Cuidei alli ficar vivo enterrado  
Entre montões de mortos e feridos.

« Duas vezes o sol surgiu dos montes,  
E com gritos de guerra foi saudado;  
Duas vezes nas aguas mergulhou-se,  
E incertos nos deixou no atroz conflicto,

Só sangue, e fumo, e fogo respirando.  
Apareceu em fim o sol terceiro,  
E já sobre o rochedo os Portuguezes  
Braço a braço o terreno disputavam.  
Ah quão feros são elles! Só Tamoyos  
Em copia igual vencel-os poderiam.

« Qual foi o meu espanto ao ver com elles  
Tupís e Carijós de setta armados,  
E o bravo Cayoby á sua frente!  
Cayoby! Cayoby! quem tal diria?  
Então cego de colera investi-os,  
E a morte semei sobre essa raça,  
Que deshonrava assim nossas florestas.  
Minhas flechas além já se perdiam,  
Tão perto elles estavam: dando um pulo,  
Que a onça me invejára, puz-me entre elles,  
E mais veloz que a onça abri caminho  
Co'uma pesada maça, derrubando  
Quantos se me antepunham: n'um momento



Junquei o chão de mortos e feridos.  
Não sei quantos caíram. Já fugiam,  
Quando Tibiriçá, vestido e armado  
A' maneira do barbaço inimigo,  
E dos nossos irmãos sangue escorrendo,  
Oh vergonha e horror! se apresentou-me,  
Chamando por meu nome e o seu dizendo!  
Só por essa arrogancia conheci-o,  
Tão estranho e hediondo se mostrava!  
—Oh perfido, bradei, do inimigo as vestes  
Não te cobrem da infamia!— Ia matá-lo;  
Oh desesperação! . . . Que não morresse!  
Eis que uma grossa bala arrebatou-me  
A maça, que esta mão tanto apertava,  
Que um subito tremor tolheu-me o braço.  
O corpo vacillou, o pé faltou-me,  
E n'um lago de sangue revolvi-me.

« Ergui-me, mas fui preso; e como chefe  
Não me fizeram mal, talvez cuidando

Qu'inda eu os serviria: e me levaram  
Para uma das canôas monstruosas,  
Onde depois entrou victorioso  
Mem de Sá, cuja voz tudo ordenava.

« De longe eu vi a ensanguentada rocha,  
Que testemunha fôra de meu brío,  
E já nenhum dos meus a defendia,  
Nem os amigos brancos, que invencíveis  
Em seus muros de pedra se julgavam.  
E eu chorei vendo-a assim, vendo-me preso.  
Apezar da victoria, os Portuguezes  
Da lucta porfiosa afadigados,  
E irritados co'o sol, que os abrasava,  
Reponso procuravam. Veio a noite,  
E exceptuando alguns que vigiavam,  
De um lado e d'outro armados passeando,  
Os mais dormiam. Eu deitado estava,  
Co'as mãos atadas para traz com cordas.  
E olhando para o mar. Mais do que o corpo

Pesava-me a cabeça. Eu não podia  
Por mais que me voltasse achar repouso.  
Lavado de suor, tinto de sangue,  
Furioso por me ver entre inimigos,  
Sem saber qual seria o meu destino,  
Resolvi-me a morrer, ou a salvar-me.  
O guarda, que a meu lado passava,  
Parecia do somno ameaçado;  
Bocejava a miúdo, e a cada passo  
Olhava para mim, como si eu fosse  
Quem vigilante o somno lhe impedisse.  
Não movi-me; e elle logo se encostando  
Num grosso tronco, que o trovão vomita,  
Depressa adormeceu. De leve ergui-me;  
Fácil foi-me o passar p'ra adiante os braços,  
E os fortes laços desatar co'os dentes.  
Tomei-lhe esta arma, que a seu lado estava:  
Já quasi acordando, ao mar lancei-o;  
E eu após, p'ra evitar maior ruído,  
Descei por uma corda, cahi n'agua,  
E nadei p'ra o rochedo mais visinho.  
Fui visto, e inuteis raios dispararam

Contra mim. No rochedo descansando,  
De novo pelo mar abri caminho;  
De rochedo em rochedo, e já sem forças,  
Quando do mar o sol se levantava,  
Tambem sahi do mar, e tomei terra.

« Como me achei então? Sem arco e flechas,  
Devorado de fome e somnoento,  
A meu pesar dormi. Ao despertar-me,  
Lembrei-me do passado, e que não estava  
Salvo de todo. Ergui-me, e caminhando  
De fructos da floresta alimentei-me.  
E logo quiz Tupan qu'eu me encontrasse  
Com alguns escapados do rochedo,  
Francezes e Tamoyos. Uns e outros  
Com pasmo me abraçaram, perguntando  
Como o perigo e o mar tinha eu vencido.  
Contei-lhes tudo; e como esta arma inutil  
Eu trazia no cinto, um dos Francezes  
Da polvora que tinha um chifre deo-me.

e Alli guerra jurámos, guerra eterna  
A esses por quem nós tanto soffremos  
Sobre o mar, sobre a terra: sangue, sangue,  
Guerra, guerra, as florestas repetiram!  
De paz não mais se falle! Guerra, guerra,  
Commigo repeti, bravos Tamoyos!  
Não ouvís os clamores de vingança  
De nossos pais e irmãos qu'elles mataram?  
Não ouvís que esta terra está pedindo  
Que a livremos dos pés dos Portuguezes?  
Quereis que um dia nossos filhos digam:  
—Nossos pais foram vis, cobardes foram,  
Defender não souberam nossas tabas,  
Opprobrio e escravidão delles herdamos!—  
Não, não: tal não dirão: antes primeiro  
Morrámos todos nós; sim, antes morram  
Velhos, moços, crianças e mulheres,  
E os filhos qu'inda as mãis no ventre aquecem:  
Todos morramos, sim, porém mostremos  
Que sabemos morrer como Tamoyos,  
Defendendo o que é nosso e a liberdade,  
Que antepomos a tudo, e à propria vida.

« Eia, Tamoyos meus, antes que as aves  
Amanhã se levantem de seus ninhos,  
Nós devemos marchar: e ao mesmo tempo  
Do inimigo arredar cautos tentemos  
O apoio mais terrível. Jagoanharo  
Vá ver Tibiriçá; vá declarar-lhe  
Que Araray seu irmão, a nós unido,  
Em nome de seu pai lhe diz e pede  
Que elle não deixe os seus pelos estranhos.  
Que a terra e a liberdade nos roubaram.  
Vai, Jagoanharo, vai: dize a teu tio  
Que se arrependa, e venha honrar os ossos  
Da mãe, que tanto o amava, e que chorára  
Si o vira contra o irmão entre o inimigo:  
Si a tão caras memórias e ao sobrinho  
Tibiriçá resiste, Jagoanharo,  
Dize-lhe enfim que nós nada tememos;  
Que te mandámos lá por amor delle,  
Por amor de Araray, não por fraqueza:  
Que p'ra cobrir o mar temos canoas  
Tantas, que vendo-as tremerá de espanto:  
E tantos homens temos bem armados

Que podemos encher todo o seu campo,  
E o ar escurecer co'as nossas flechas,  
Como uma cerração pesada e negra. »

Calou-se e respirou, vibrando os olhos,  
Que dous carvões accessos pareciam:  
E todos com mil gritos applaudiram  
Tão sabio parecer, tão grandes feitos  
Do chefe sem igual, do heroe Tamoyo.  
Em signal de alegria dispararam  
Mil settas para o ar: e vozeando,  
Os seus interrompiam n'um trinado,  
Sobre as boccas batendo co'as mãos ambas,  
Nem mais aos anciãos ouvir quizeram:  
Nem elles em contrario votos tinham.  
Coaquira, o mais idoso, era o primeiro  
Que plena approvação a tudo dava.

Qual nas plagas felizes do Janeiro,  
Por entre os coruchecos das serraniás,

Quando ás vezes o sol mais resplandece,  
E os passarinhos ledos esvoaçam,  
Se eleva o furacão inesperado,  
Que vai consigo arripiando as nuvens,  
E esbarra contra os pináculos, bramando  
Co'o medonho estridor da trovoadã:  
Tal foi a vozeria dos Tamoyos,  
Quando Aimbire poz termo ao seu discurso.



CANTO TERCEIRO.

## ARGUMENTO.

---

Terminado o concilio, occupam se por modos varios os moços, as mulheres e as crianças.—Responde Aimbire às perguntas que lhe fazem acerca dos Europeos.—Quem era Villegagnon.—Apparecem alguns Francezes conhecidos de Aimbire.—São bem recebidos.—Ernesto e Potira se enamoram.—Pede aquelle a Aimbire que lhe conceda a mão da filha.—Este o promette para depois da guerra.—Hymno guerreiro.—O banquete da despedida.—Amoris de Aimbire e Iguassú.—Dialogo dos dous amantes.

# A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

---

## CANTO TERCEIRO.

Terminado o concilio, guerra, guerra,  
Os Tamoyos unisonos bradaram,  
Como si todos elles não formassem  
Senão um homem só, uma só bocca.

Já dos bosques escuros e dos montes  
Projectavam-se as sombras p'ra o oriente,

E a doce viração embalsamada,  
Por entre os verdes ramos susurrando,  
Vinha seus frescos sópros espargindo.  
Brilhavam no occidente argenteas nuvens  
Sobre ondas d'ouro e purpurinas faxas;  
E as aves renovavam seus gorgeios  
Em despedida ao sol, que transmontava.

Era o tempo em que o bello cajueiro,  
Cujos frondosos ramos o chão tocam,  
Se ia tornando avaro de seus fructos,  
Que ostentam do carmin e do ouro as mesclas,  
E de verdes castanhas se coroam.  
Chorava o tronco seu lagrimas de ambar,  
Que umas sobre outras em crystaes pendiam;  
Desta resina o pó n'agua solvido  
É para os Indios grata medicina,  
De balsamico aroma; de seus fructos  
Fabricam elles precioso nectar;  
E quem mais talhas tem d'este aureo vinho,  
Mais rico se reputa entre os selvagens.

Destas formosas arvores copadas  
Coberto estava o campo, em que os Tamoyos  
Erguiam as cabanas de taquára,  
Com tectos de sapê e de palmeiras,  
Que vinte a mais pessoas abrigavam.  
Dos esteios pendiam largas rêdes  
De fio de tucum, que ao linho iguala:  
Nestas rêdes repousam, nellas dormem,  
Nellas gemendo deitam-se os maridos  
Quando as mulheres dão á luz os filhos,  
Como se elles p'ra si a dôr tomassem;  
Em quanto ellas airosas e robustas  
Ao serviço domestico se entregam.  
Tanto o habito pôde sobre a gente!

Das cabanas nos angulos se viam  
Os fructos da estação, e as igaçabas  
De licores diversos abundantes.

Em quanto as criancinhas se divertem

Correndo pelo campo, e outras se amestram  
A disparar a setta contra os troncos,  
Estão as velhas preparando as carnes,  
Já expondo-as ao sol, já sobre brasas,  
Já com outros diversos artificios.  
Outras cavam o chão, e nos buracos  
Lançam a carne ou peixe envolto em folhas;  
Depois de terra os cobrem, sobre a terra  
Fogo accendem, e dest'arte as carnes torram:  
E a isto dão de biariby o nome.

Em quanto no domestico exercicio  
Se occupam as mulheres, pelos campos  
Os fructos da estação os homens colhem  
Para o grande banquete: outros apostam,  
Resupinos deitados sobre a terra,  
Quem mais destro fará subir ás nuvens  
A setta, que voltando traz a presa,  
Que nem no ar voando ao tiro escapa.

A um grosso tronco reclinado Aimbire,  
E ladeado dos chefes, que o interrogam,

Vai respondendo a quantos lhe perguntam  
Sobre os costumes dessa gente estranha,  
E o que mais vira na tomada íbета,  
Que de Villegagnon conserva o nome.

Era Villegagnon manhoso e ousado  
Cavalleiro Francez, que de Calvino  
Ostentava seguir a nova seita,  
P'ra ter de Coligny o certo apoio  
Na ambição desmedida que o movia;  
Mas com todos traidor cuidava o inipio  
Poder com vis enganos e perfidias  
Novo Imperio fundar nestas devezas,  
A qu'elle—França Antartica—chamava.  
Mas faltava ao Francez aventureoso  
Constancia igual ao plano agigantado;  
Faltava-lhe inda mais a fé sincera  
De quem attinge á ideia, não ao lucro.

Por Lery e Richer, com quem tratára,

Tinha sido o Tamoyo iniciado  
Nos pontos principaes da lei de Christo:  
E desses dous zelosos calvinistas  
Grata lembrança o Indio conservava.

Narrava Aimbire os usos e os costumes  
Dos homens do outro pólo; e como adoram  
A um Deos Trino e invisivel, que governa  
Tudo o que existe, e que de si tirára  
Só com esta palavra poderosa:  
—Faça-se!—e tudo fez-se ao seu mandado.  
Como vendo esse Deos o mal dos homens,  
Mandou Jesus seu filho p'ra ensinar-lhes  
O caminho do bem e da verdade:  
Mas os homens ingratos o mataram.  
« Esse Filho de Deos, dizia Aimbire,  
Só ensinou aos homens que se amassem,  
Que fossem todos como irmãos e amigos.  
Elles confessam isso, elles o adoram;  
Mas por tudo qu'eu vi, pelo que fazem,  
Creio que de seu Deos as leis aprendem



P'ra calcal-as melhor, e não cumpril-as.  
Vede como são máos os Emhoabas,  
E o que esperar podemos de taes homens. »

Nisto vio-se brilhar por entre a selva  
Um clarão, que nos ares se movia:  
— Quem será?— Todos gritam n'um momento:  
E os esparsos guerreiros acudindo,  
Em ordem de combate se formaram.  
Soou um brado ao longe, e o echo ouviu-se  
De um clarim, instrumento estranho a muitos,  
Que de pavor encheo as almas fracas,  
Cuidando ser algum Maraguigana,  
Que já viesse anunciar-lhes morte.  
Mas o audaz Aimbire, em cujo peito  
Não palpitava o medo, assim lhes brada:  
« Ou sejam Anhangás, ou sejam homens, <sup>1</sup>  
Amigos ou contrarios, aqui firmes  
Esperemos sem medo. Por ventura  
Tão fracos sereis vós como as mulheres,  
Que fogem só co'a sombra do perigo? »

Sou de novo o lugubre instrumento;  
E o destro Aimbire, já no chão deitado,  
E co' o ouvido applicado sobre a terra,  
Pôde melhor ouvir o som longinquo,  
E logo, dando um pulo, alegre brada:  
« Homens são, pela voz eu os conheço!  
São do rochedo os bravos companheiros:  
Rindo e cantando vem! E' gente amiga,  
Que vem unir-se a nós; eu a esperava. »

Gritos de almo prazer saltaram todos,  
E as selvas resoaram de alegria.  
Correndo em confusão receber foram  
Os de Aimbire tão caros companheiros.

Mal se encontram na taba, entre os applausos  
De quantos já por elles esperavam,  
Para Aimbire os Francezes se dirigem;

E o principal d'entre elles abraçando  
O chefe da coorte Americana,  
Na lingua do paiz lhe diz: « Amigos,  
Eis-nos todos aqui para ajudar-vos,  
P'ra vencer ou morrer a vosso lado.  
P'ra a guerra estamos promptos, si p'ra guerra  
Hoje vos preparaís. Os nossos braços  
Por vós dardejarão ardentes raios  
Contra os vossos insanos inimigos.  
Se vingar pretendeís os frios ossos  
De vossos pais e amigos, dos insultos  
Dos feros Portuguezes. concedei-nos  
A gloria de verter o nosso sangue  
Em tão sublime empreza, que adoptamos  
Como si o mesmo céu nascer nos visse. »

Então o bravo chefe dos Tamoyos  
Destarte replicou: « Chegais a tempo;  
Ha bem pouco brilhava o sol nos montes,  
E ouvia-me celebrar os grandes feitos

Do rochedo, em que juntos pelejámos.  
Não sois estranhos, não, a esta gente,  
Que já vos considera como amigos.  
Em vós o coração desmente a pelle,  
Cuja cor nos tem sido tão funesta.  
Os raios vossos nos serão propícios  
Contra os nossos crueis perseguidores.  
Vinde: nossas cabanas vos esperam,  
Do nosso vinho hebereis connosco  
No banquete frugal de despedida.  
Si da marcha chegais afadigados,  
Nossas rédes p'ra vós estão suspensas:  
E nem vos faltarão gentis mulheres,  
Que alegres velarão a vosso lado,  
À gloria de servir-vos aspirando. »

Agradeceram elles a seu modo  
Tão grato acolhimento, e para o campo  
Entre applausos geraes se encaminharam.  
Alguns mais folgazões e galhofeiros  
Iam garganteando, ou já pufando,

Com que mais aos Tamoyos alegravam,  
Que mui amantes são do canto e dança.

Eis chegam: logo um còro de donzellas  
De coma flutuante, e mal cobertas  
Cò um tecido de pennas de tuano,  
Tão esbeltas no talhe que venciam  
As mais bellas palmeiras destes bosques.  
Ante elles assomando graciosas  
Lhes offertam em cãias coloridas  
O ardente nanany, e outros diversos;<sup>2</sup>  
Saborosos licores, que ellas mesmas  
De fermentados fructos extrahiram.

« Sejais bem vindos, dizem; para servir-vos  
Aqui nos tendes, bravos estrangeiros. »  
E nisto os vão das armas despojando,  
E dos pesados mantos embebidos  
De poeira e suor. — « Vinde connosco,  
Lavaí nesta agua pura as mãos e o rosto.

E si o corpo vos pede algum descanso,  
Nas nossas rédes repousai tranquillos. »

« Afadigada foi nossa viagem  
Por incultas veredas, disse um delles  
Que a lingua do paiz melhor fallava:  
Mas quem pôde trocar grata vigilia,  
No meio do festim dos homens livres,  
E á sombra d'estas arvores amigas,  
Pelo somno, que irmão do esquecimento,  
Vos viria roubar aos nossos olhos!  
Olhos cheios de imagens deleitosas  
Só cansados de ver ao somno cedem.  
Deixai, gentis meninas, que elles gozem  
Das graças naturaes do vosso porte:  
Qu'elles nadando em ondas de ternura  
Fixados sobre vós se fartem hoje  
De um prazer, que talvez heu pouco dure. »

Como apraz o louvor! Quão gratas soam

As meigas expressões! Nem da espessura  
As virgens, pouco afeitas a taes mimos,  
Desdenhosas se agastam escutando-as!  
E' feminil instincto o ouvir fnezas,  
Que, se amor não inspiram, nunca offendem.

— Como te chamas, estrangeiro amavel?  
Com terna voz pergunta uma das moças,  
Em quem mais juventude resplendia,  
E que á frente das outras se ostentava  
Tal como o chupa-flôr entre as mais aves.

« Meu pai chamou-me Ernesto em minha infancia:  
Porém na tua terra me nomeiam  
Cabellos de guará: tu vês a causa. »

« Pois eu te chamarei Guaraciaba, <sup>7</sup>  
Que co'o sol teus cabellos rivalisam.  
Agora se saber queres meu nome,

Vai perguntar a Aimbire, que primeiro  
Vio-me os olhos abrir á luz do dia,  
Quando em seus braços paternaes tomou-me  
Das mãos de minha mãe, que já não vive. »

Aimbire, que taes cousas escutava  
Ao lado de Iguassú, chega-se á filha,  
Aperta-lhe a cabeça contra o peito.  
E enternecido diz-lhe: « Filha minha.  
De meu primeiro amor unico fructo.  
De tua mãe herdaste o nome e as graças;  
Em ti folgo de ver minha Potira,  
Potira qu'eu amei como amo a aljava.  
O arco e as settas, que meu pai deixou-me;  
Potira qu'eu amei como amo os bosques  
Que me viram nascer, e a liberdade  
Por quem hei de morrer armado em guerra:  
Potira qu'eu amei, e cujos olhos  
Suspenso e amoroso me traziam.  
Mas ella me deixou! Ah! entre as pedras  
Sobre a terra que a cobre amontoadas



Crece o verde capim e a flôr do campo,  
Que talvez de seu corpo a vida bebam.  
Potira te chamei, oh filha minha,  
Viva imagem d'aquella qu'eu amava.  
Só tens uma rival na formosura:  
E' a minha Iguassú: ambas tão bellas  
Como um saly de um guanumby ao lado.  
Que guerreiro haverá que te mereça?  
Feliz daquelle para quem volveres  
De amor os olhos fluctuando em ondas,  
Feliz daquelle para quem tu mesma  
O canim preparares, e a quem deres  
Filhos, que ao menos no valor me igualem. »

« Sim, mil vezes feliz! — Ernesto exclama,  
E si a câr de meu rosto merecesse  
O que já mereceram meus cabellos,  
Agora afouto lhe off'recêra a dextra:  
Qu'inda não vi mais bella creatura,  
Gestos mais senhoris, olhos mais negros,  
Olhar mais terno, mais mimosa bocca.

Onde um sorriso meigo e pudibundo  
Suave amor nos corações embebe. »

Sorrio-se o pai, e affabil lhe responde:  
« Si o sol dêo sua côr aos teus cabellos,  
Como nos dêo á pelle, tambem pôde  
Com seus raios crestar a côr da lua,  
Que alogueada brilha no teu rosto.  
E em trevas converter-te a conia de ouro.  
Não serás o primeiro de côr branca  
Que se enlaça a uma virgem destes bosques.  
Contente desde já te concedera  
A formosa Potira por esposa,  
Si eu por Tupan jurado não tivesse  
Que a nenhuma mulher eu me uniria,  
Nem esposo daria á minha filha,  
Em quanto de meu pai os frios ossos  
Fossem calcados pelos pés dos Lusos. »

« Bem! exclama o Francez, das-me esperança.

Bem! Meu braço unirei aos vossos braços.  
E pela mesma causa luctaremos;  
E si vencermos, como espero, oh dita!  
De Potira serei fiel esposo. »

Para a guerra porém marchar não podem  
Sem que primeiro tenham celebrado  
Da despedida a festa.— Á festa—bradam  
Com unanime voz os chefes todos:  
— Á festa! á festa!—os Indios lhes respondem.  
Dá Coaquira o signal, e de repente  
Troam todas as bellicas inúbias.  
Marraques e urucás: o eco estrondoso  
Como o rugido de enraivadas feras  
Os valles repercutem: mil volateis.  
Aos ninhos seus fugindo amedrontados.  
Sem fino pelos ares esvoaçam.  
Como as folhas das comas arrancadas  
Pelos ventos nos ares remoinham.

Ao clangoroso som dos instrumentos,  
Que foi pelos desertos retinindo.

Succede alto silencio. Então Coaquira  
Sobre um combro de terra se levanta,  
P'ra que seja de todos visto e ouvido.  
E a ponta do seu arco no chão crava.  
Uma alva cúia de inimigo craneo,  
De licor espumante transbordando,  
Aos labios chega e a esgota: eis de improviso  
Sacro fogo as entranhas lhe devora:  
Inflamam-se-lhe os olhos, e se envolvem  
N'uma auréola de sangue; as cans mescladas  
Esparsas se arripiam sobre a fronte  
Como hirsutos espinhos; dentes rangem.  
Franze-se a testa, as faces se intumescem:  
Arqueja o peito, e todo o corpo treme,  
Como si um calafrio o sacudisse.

Momento é esse em que no céo sereno  
Placida alveja a lua; e ao indio vate  
Com pallido clarão branquea o rosto.  
As fogueiras, que em torno em chammas ardem,  
Escarlates reflexos n'elle imprimem

Co'o pallor do planeta contrastando,  
Mal perturba o silêncio das fileiras  
O brando sopro das nocturnas auras,  
Que as folhas estremecem murmurando,  
Oh que sagrado horror nos peitos lava  
De quantos alli 'stão! Do vate o aspecto  
E' de um phantasma que apparece em sonhos,  
Ou dos genios malignos que se antolham  
Em solitaria noite ao peregrino.

Olhos espavoridos pelo campo  
Elle vibra, e depois na lua os fita.  
Descruza os braços e p'ra o céo os ergue;  
Bronzea, tonante voz, ronca e medonha,  
Sóbe do peito aos labios arquejando,  
E troveja este cantico de guerra:

« Gloria, gloria a Tupan! Sua voz trõe  
Desde a cabana erguida na montanha  
Té nos covis reconditos das feras.

« O céo é de Tupan, a terra é nossa;  
Nossos pais a regaram com seu sangue;  
A nós toca morrer para vingal-os.

« Nossos pais livres foram, e temidos  
Dos Aimorés terríveis, que só comem  
Crua carne, e só quente sangue bebem.

« Do que nos servem mãos, arcos e flechas.  
Si o fero Portuguez impune calca  
Nossa terra, e captiva nossos filhos?

« Pais, mulheres, irmãos, filhos e amigos,  
Ou são a nossos olhos fulminados,  
Ou escravos vão ser dos Emboabas.

« Ah não! Ligeiras pernas, braços fortes,  
Iremos abraçar suas cabanas,  
Sem medo dos trovões, sem temer raios. »

Dança ligeira traçam os Tamoyos  
Em toruo de Coaquira, repetindo:

« O céo é de Tupan, a terra é nossa;  
Nossos país a regaram com seu sangue:  
A nós toca morrer para vingar-os. »

De nova inspiração accesa a mente,  
O bardo dos Tamoyos continua:

« Noite é esta talvez a derradeira  
Para muitos de nós, em que nos veja  
A lua em branda paz estar folgando.

« O sol hade amanhã dourar os grêos  
Das palmeiras do monte; e nós armados  
Já marchando p'ra guerra o saudaremos.

« Eia, dancemos hoje; eia, bebamos  
Entre nossas mulheres, nossos filhos,  
Que amanhã só de guerra pensaremos.

« Por nós temos Tupan! Eia, no sangue  
Do inimigo lavemos nosso opprobrio,  
E seus corpos que fiquem sobre a terra.

« A terra os repndie de seu seio;  
Só negros urubús sobre elles pastem:  
E morra co'o vapor quem enterral-os.

« De herdada valentia exemplo novo  
A nossos filhos demos. Morra o fraco  
Que a morte de seu pai vingar não sabe. »

Pára espumando o trovador Tamoyo,  
E arrolado em deliquio cahe por terra.  
Gyrando o côro á roda delle canta:



« O céu é de Tópan, a terra é nossa:  
Nossos pais a regaram com seu sangue;  
A nós toca morrer para vingal-os. »

Das iúbias ao som termina o canto;  
Cessa a dança, e o banquete principia.

De mão em mão já plenas cúias passam  
De licores balsamicos, que excitam  
O olfacto, o paladar, e a propria vista:  
Licores pelos Índios extrahidos  
Do sumo do ananaz delicioso.  
Do aipim e do cajú, que a sêde aplaca,  
E refrigera o mal do amor impuro,  
Mimo fatal das Venus Europeas,  
Que a America até-lí não conhecia.  
Em festiva, opiparo banquete  
O polido Europeo não desdenhára  
Taes licores gostar em taças de ouro.  
Tostadas carnes de mui varias cucas.

Sêccas umas ao sol, outras torradas,  
Co' o pó do cumari mais saborosas,  
Servem de refeição, regalo aos Indios,  
E aos amigos Francezes que os imitam.  
Grandes jurupirás, bellas garoupas,  
Torrados camarões, fructas aos montes,  
O appetite voraz tudo consume.  
De comer e beber já muitos cançam:  
Alguns, por tantos vinhos excitados,  
Dão-se a gargautear toscas endechas:  
E ao som dessas monotonas cantigas,  
Que os vapés sonorosos acompanham,  
Dançando alongam da vigilia os gozos.  
Geral contentamento o campo anima.  
Porém ao quadro o aspecto a aurora muda  
Quando nuncia vem ser da despedida:  
Da despedida, oh céo! quão dura é ella!  
Ah diga-o quem tiver de amante o peito,  
De mãe o coração, alma de amigo.

Vli ao lado do guerreiro esposo

Terna esposa se mostra muda e triste,  
Carregando em seus braços dous penhores,  
Que ella aleita e amima; outros em torno  
Em brincos innocentes correm, pulam,  
Ou se apoiam-lhe ás pernas, e as abraçam:  
Assim de artista celebre inspirado  
Destro cínzel esculpe em duro marmor  
Bella estatua, que aos olhos representa  
A maternal Natura caridosa.

Velha mãi alli 'stá, e um pai amoso.  
Que o bravo filho abraçam, e só pedem  
Que honre sua velhice, e antes fique  
Para pasto de abutres sobre o campo,  
Do que sem gloria volte, e sem que aumente  
O collar que o pescoço lhe guarnece.

Mas em momento tal quem ha que iguale  
A formosa Iguassú na acerba angustia  
Da saudade, que o peito lhe agrilhôa?

O funebre fanal, que a noite aclara,  
Entre milhões de estrellas moribundas,  
Quasi ao termo tocava de extinguir-se,  
Qual lampada que d'oleo vai minguando;  
E ao lado de Ignassú, que não dormira,  
Ainda Aimbire estava. Elle dest'arte,  
Disfarçando o pezar que o opprimia,  
Consolar procurava a terna amante,  
De cujos negros olhos borbulhavam  
Como perolas lagrimas continuas,  
Que elle com beijos ternos enxugava.

a Oh de Pindobuçu amavel filha,  
A Aimbire destinada; olha, querida,  
Como se apaga e desaparece a lua  
Quando sobre ella negra nuvem passa!  
Assim co'o pensamento de deixar-te  
O fogo de meu animo se extingue.  
Vés como o calumby co'a noite murcha!  
Assim meu coração de dôr se encolhe  
Neste momento que p'ra mim é noite.

Apezar de que o dia vem nascendo,  
E já o calumby desdobra as folhas.  
Mas de guerreiro pai filho guerreiro,  
Amigo de teu pai, e teu amante,  
Dos Tamoyos a injuria vingar devo.  
Eu me ausento de ti: mas ah! quão cara  
Vai aos nossos cruéis perseguidores  
Esta ausencia custar! Suas cabanas  
Serão por nossas mãos incendiadas,  
Devorados seus campos, e seus filhos  
Mesmo á vista dos pais e dos parentes  
Sem piedade serão estrangulados,  
Para acalmar a sêde de vingança.  
Dessa raça feroz seguindo o exemplo,  
Implacavel serei exterminando-a. »

Iguassú que tal ouve se arrípiã:  
« Não mates, não, Aimbire, os innocentes  
Filhinhos d'esses homens, que banhados  
São ao nascer em agua mysteriosa.  
Tu mesmo me contaste, que elles dizem

Que quem matar tão debeis creaturas  
Abrazado será lá n'outra vida.  
Elles são do seu Deos tão protegidos  
Que os raios e os trovões lhes obedecem,  
E se escondem nas suas espingardas.  
Tão forte é o seu Deos, que até parece  
Que Tupan o respeita e o adora. »

« Adore-o quem quizer, qu'eu não o adoro! »  
Já em furor Aimbire lhe responde:  
« Nem elle, nem Tupan, quanto mais homens  
Alfrontar poderão a tempestade  
De flechas, que obumbrar vai o seu campo.  
Braços de Aimbire, procellosos braços,  
Acaso alguma vez frouxos tremestes  
Canguçús e giboyas subjugando?  
Alguma vez tremestes quando a morte  
Em cada setta aos Lusos enviastes?  
Porque não fartarei a minha raiva  
Com todo o sangue do inimigo odioso?  
Bella Iguassú, por mim nada reccies;

Faze como eu, não creias nos inventos  
Com que busca essa gente amedrontar-nos. »

« És grande, és forte, Aimbire! — diz-lhe a moça.  
Desculpa o meu temor tão mal fondado;  
Mas zelo foi de amor. Vai, oh guerreiro,  
Em tua valentia assaz confio.  
Vai, defende os Tamoyos. Vai, triumphá,  
Ou morre exterminando a impia raça  
Dos nossos oppressores. Vai: si acaso  
Minha imagem seguir-te no combate,  
Não esmoreças, não; investe ousado,  
Estica o arco e a flecha, e a morte envia  
Com toda a força do teu braço ingente.  
Vai, Aimbire-guassú, ao lado marcha  
Do aucião Pindobuçú, e como filho  
Vela sempre sobre elle: inda que forte.  
Meu pai é como o tronco solitario,  
Que aos ventos resistio das tempestades;  
Mas abalado jaz, e pende e murcha:  
Sete vezes das mãos os dedos conta

Que tem visto dos bosques os coqueiros  
Com seus cachos de côcos enfeitados.  
Vai, e volta com elle; e nestes braços  
Terás de esposa a paz e a recompensa.

---



CANTO QUARTO.

## ARGUMENTO.

---

A amora. — A partida. — Melancolia de Iguaçu. — Seu canto saudoso, repetido pelo echo. — Marcha dos guerreiros pelos bosques virgens. — Durante a noite fazem fogueras para afugentar as feras, e deitam-se nos ramos das arvores. — Lucta das jaraacas com o fogo. — Apparecimento do Payé. — Temor dos Indios. — Discurso do Payé aconselhando-os a desistir da empreza. — Ambur se lhe oppõe. — Extraordinario sortilegio da Tangapema. — Cojuna Ambur a fatal annuncia, e annega o Payé. — Desapparece este sem que se saiba como.

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

### CANTO QUARTO.

Já da noite os negrumes se extinguíam,  
O sol que extensas vira Eôas plagas,  
Que a terra lhe mostrára no seu gyro,  
De assomar no brasilico horizonte  
Mesmo ao longe se mostra jubiloso,  
Como é sublime o alvorecer da aurora  
Nestes formosos climas! Já seu rosto  
Rutila entre essas colossaes montanhas,

Que em fôrma de pyramides se elevam,  
Ou de egypcias columnas, sustentando  
Nos verdes capiteis de eternos bosques  
O vastissimo tecto de saphira.  
Rôvas, purpureas nuvens, d'ouro orladas,  
Se curvam, se ensanefam e arcos formam,  
Que ao triumphante sol entrada ampliam.  
É hora da partida! A sensitiva,  
Que da noite o langor enmurchecêra,  
Se desperta e desdobra as verdes folhas.  
Das palmeiras os grelos como lanças  
Igneas lampejam co'o fulgor diurno,  
E o aroma matinal o campo exhala.  
É hora da partida! Bramam feras  
Nos covis do deserto; o hymno de gloria  
Ao Creator entôa a Natureza,  
E a voz lhe cadencia o alado côro,  
Que alegre pelas comas verdejantes,  
Antes de ir procurar seu alimento,  
Com suaves gorgeios e trinados  
Parece graças dar á Providencia,  
E aos homens ensinar a dar-lhe graças.

É hora da partida! Sim, é hora!  
Já rouquejam dos chefes as imbias,  
E nos valles os sons o echo prolonga,  
Dos tardos olhes repellindo o somno.

Mal do somno despertos os guerreiros  
Da terra se levantam; estiricam  
Os braços, e tres vezes as cabeças  
Emplumadas sacodem: assim vê-se  
Vasta planície de flexiveis cannas,  
As verdes folhas agitando, erguer-se  
Quando se enfreia o vento que as curvára.

Às costas cada qual suspende a aljava  
Pejada de farpadas, leves flechas,  
E o arco sobraçando, a maça empunha.  
Outros sopesam galhos guarnecidos  
De candido algodão e sêccas palhas,  
Com que do inimigo aos campos mandam  
Pelos ares o incendio, o estrago, e a morte.

Por inculdas veredas mal trilhadas,  
Luctando cōos sipós que os emmaranham,  
Os Tamoyos belligeros caminham  
Seguidos dos Francezes alliados,  
Tão poucos que talvez de cem não passem.

Marcham das tribus na avanguarda os chefes,  
E ante todos soberbo Aimbire assoma.  
Do exercito na cauda horrendas velhas  
Enrugadas, medonhas como espectros,  
Nuas, pintadas do verniz vermelho  
Do fructo do urucú, e matizadas  
De listas transversaes ou angulosas,  
Amarellas e negras, vivas cores  
Que tiram do assafrão e genipapo,  
Sobre bordões se curvam, e carregam  
Os potes de catim, tão grato aos Indios.

Sobre o cume de um monte alcantilado,  
Assentada Iguassú contemplativa,

Nas mãos pousando o queixo, a coma esparsa,  
Negra, lustrosa, em ondas fluctuantes,  
Vê ao longe o exército sumir-se,  
Ora outeiros subindo, ora descendo,  
E entre os dos bosques corpulentos troncos  
Arbustos os guerreiros lhe parecem.

Ruim melancolia lhe agrilhôa  
O coração immerso na tristeza.  
De copada arocira em verde ramo  
Modúla o sabiá canções de amores  
Com magicos accents da saudade;  
Canções que embebem n'alma o abatimento,  
Branda, terna affeição, langor suave,  
Que quasi a vida extingue entre delicias;  
Canções, direi melhor, que a alma extasiam,  
E do corpo mortal arrebatando-a,  
Ao vago espaço a sobem, e a sublimam  
Ás puras regiões de excelsos gozos.  
Que coração ha hí já tão quebrado,  
Tão vazio de amor, ou já tão duro,

Cujas cordas não vibrem doces echos,  
Quando o canoro sabiá gorgeia  
Seu canto malinal por entre as selvas?  
Que coração ha lá petrificado,  
Que allivio não encontre quando exhala  
A dôr sua em tristissimos suspiros,  
Em cantos repassados de amargura?

Canta, oh virgem dos bosques olinegra!  
Canta, oh bella Iguassú! canta, acompaña  
O terno sabiá, que te convida.  
Ah doce é o cantar! remedio é prompto  
Que d'alma aos seios sóbe, e a magoa abranda  
Do maldado coração que chora.  
Tal da papoula o expandido aroma  
Entorpece o aguilhão que o peito punge,  
E n'alma idéias gera delectosas.

« Só, eis-me aqui no cimo da montanha,  
Dos meus abandonada; como um tronco  
Despido, inutil no alto da collina,  
A que os raios quebrou Tupan co'a flecha.



« Só, eis-me aqui, do velho pai ausente,  
Ausente do querido bem amado;  
Como viuva rôla solitaria  
Em deserto areal seu mal carpindo.

« Inda hoje o caro pai vi a meu lado,  
Inda hoje o amante eu vi! . . . Fugiram ambos  
Velozes como os cervos da floresta:  
Já fui feliz, mas hoje desgraçada! »

E os echos responderam: — desgraçada!

« Desgraçada! . . . E inda vivo? Antes á guerra  
O pai e o bravo amante acompanhasse:  
Ouvindo sua voz, seu rosto vendo,  
Acabar a seu lado melhor fôra. »

E os echos responderam: — melhor fôra!

« Genios, que as grotas povoais, e os valles;  
Genios, que repetís ós meus accentos;  
Ide, e do amado murmurai no ouvido  
Que a amante sua de saudade morre. »

E os echos responderam:—morre. . . morre!

Morre . . . morre! sou por longo tempo.  
O canto cala um pouco a triste moça,  
Murmurando dos echos o estribillo.  
Como si algum presagio concebesse.  
Os negros olhos de chorar cansados  
Co'as mãos enxuga; mas de novo estanques  
Lagrimas brotam, que lhe o peito aljofram,  
Como gotaja em bagas abundantes  
De fendida tabóca a pura lympha.

O sabiá de ouvil-a enterneceo-se:  
E como si algum genio o inspírasse,

Ouvindo-a modular tristes endechas  
Tão cortadas de dôr, calou seu canto:  
Ou talvez que julgando-se vencido,  
Não podendo imitar tão doce gamma,  
Mudo aprendesse a gorgear mais terno.  
E quem conhece os íntimos mysterios  
Da vida, e dos instinctos de laes entes,  
P'ra afirmar ou negar o que parece?  
Suspendendo ella o canto, elle replica  
Com mais grata e escolhida melodia.

Por um momento a solitaria o escuta;  
Crava os olhos no céu menos chorosos;  
Suspira e geme, e continúa o canto:  
E temendo que os echos lhe respondam,  
Em meia voz começa compassada.

« Porque tão cedo, oh sol, hoje raiaste?  
Porque flamejas como accesas brazas?  
Ah! tu me queimas: teu calor modera.  
Que na marcha os guerreiros enlanguece.

« Desta terra que é tua, destes bosques  
Que o grão Tamandaré depois das aguas <sup>1</sup>  
Do diluvio plantára p'ra seus filhos,  
Hoje os Tamoyos em defesa marcham.

« Tamandaré foi pai dos avós nossos;  
Sempre Tamandaré a ti foi caro;  
Tu, oh sol, o aqueceste na velhice;  
Aquece os filhos seus; mas ah! não tanto.

« Olhos meus, de chorar cansados olhos,  
Que tendes mais que ver? Já se sumiram  
N'aquelles densos bosques os guerreiros  
Entre os arribás e as sapucaias.

« Nada mais vejo que prazer me cause.  
Só estou sobre a terra; vinde, oh feras!  
Não ha quem me defenda: vinde, ao menos  
Menos dura é a morte que a saudade.

« Sim, morreréi . . . » E mais dizer não pôde:  
Em meio de um gemido a voz faltou-lhe.  
Os labios lhe tremiam convulsivos  
Como flores batidas pelos ventos.  
Cruza os braços no collo, os olhos cerra,  
Pende a fronte, e no peito o queixo apoia,  
As derretidas perlas entornando:  
Tal n'um jardim a candida açucena,  
De matutino orvalho o calix cheio,  
Si o zephyro a hafeja, a fronte inclina,  
Puros crystaes em lagrimas vertendo.  
Não sei si dorme, ou si respira ainda:  
Mas parece entre pedras bella estatua.  
O sol que ao resurgir a viô chorosa,  
Nesse mesmo logar chorosa a deixa.

Entretanto os Tamoyos vão vingando  
Altas serras peçadas de cabiunas,  
Cupalibas, jacuás e sucupiras;  
E descendo já lassos da fadiga,  
Chegam co'a tarde n'uma varzea amena.

Plantada pelas mãos da Natureza,  
Curta é a varzea, e um bosque além começa.  
Negreja o oriente, e róxas nuvens  
De fogo orladas pelo céu vagueam.  
Parece o occidente um mar de sangue,  
Com vagas de ouro; o sol nada no meio  
Como um pharol acceso ou igneo escudo,  
Que ao longe seus reverberos reflecte.  
Um vapor azulado se desliza  
Sobre o vasto horizonte: ao longe os montes  
Quaes saphiras se ostentam sotopostas  
A inflamados rubins. Toda a floresta  
Representa uma nuvem condensada  
Sobre a terra, da cor da violeta,  
E aureo effluvio sobre ella se evapora.

Nunca humano pincel pôde a Natura  
Ao vivo retratar: ella n'uma hora  
Por magico poder taes quadros fórma,  
E o homem de pintal-os desespera.  
Vinde saudar a virgem Natureza,

Oh artistas da Europa encanecida!  
Vinde inspirar-vos neste Paraíso,  
Que de humano artifício não carece  
Para mostrar-se grandioso e bello.

Cantor sublime dos brasileiros bosques,  
Que fazes dos pinceis que a Natureza  
Com tanto amor te deo? Caro Araujo,<sup>2</sup>  
Tu que pintando o que tão bem descreves  
Com essa alma de fogo, que se abrasa  
Num volcão de arrojados pensamentos,  
Crear podias maravilhas d'arte,  
Que a par dos versos teus mais te exaltassem,  
Porque não mostras quanto pôde o eugenho,  
Que esta Patria accendeo p'ra gloria sua?

Espessa é a floresta, emmaranhada  
De parasitas mil que se entrelaçam,  
Pelos troncos se enroscam como serpes,  
E abraçando-os lhes sorvem força e vida

Co'a seve de que nutrem-se vorazes:  
Como dos reis os tredos lisongeiros  
Tanto lhes pesam, tanto mal lhes fazem.

Cabal rio, de longe dimanado,  
A floresta divide em duas partes.  
Reposa a escuridão sobre esses tectos  
De apinhoadas folhas de mil ramos  
De mil diversas arvores gigantes,  
Cujas flores os ares embalsamam.  
Como errantes estrellas relampejam  
Phosphoricos insectos, aclarando  
O horror da escuridão: ora afilhados  
Luminosas serpentes se afiguram:  
Ora n'um só lugar, como um ebuveiro  
Seu pallido clarão juntos soltando  
Vão fugindo relampago longinquo,  
Que das nuvens rebenta e se evapora:  
Ora em chusmas pousados nas cobrêas,  
Que pendem de altos troncos, representam  
Illuminadas cúpulas dos templos,



Que em noite festival nos ares brilham  
Sobre os escuros tectos das cidades.  
Desta negra mansão o horror redobra  
O funebre clamor da voz nocturna,  
O echo dos ventos que entre as folhas gemem,  
O echo do rio que o trovão simula,  
E lento se prolonga reboando;  
E o echo inda mais funebre e monótono,  
Como o som do martello sobre a incude,  
Da immovel araponga, que soluça <sup>3</sup>  
De ancião jequitibá na altiva coma.  
Esta é a voz da Natureza em luto,  
Voz terrivel que os homens apavora,  
E a ideia lhes desperta do infinito.

Temem os Indios de arrojarem-se ao rio  
Em horas tão sinistras; e a seu modo  
Co' um sécco e duro páo n'outro encravando,  
Como quem atarracha um parafuso,  
Desenvolvem calor, e a flamma surge  
Como por força magica atçada:

Que ao homem, inda que bruto, jamais falta  
P'ra o que mais lhe é mister a intelligencia.  
Aqui e alli em círculo levantam  
Com fogueiras que as feras afugentem.  
E dest'arte seguros e tranquillos  
Sobem aos troncos, e entre os ramos buscam  
Leito p'ra o somno, asylo contra as feras.

Já tudo dorme enfim, é alta noite.  
O fogo despertou as jararacas,  
Inimigas do fogo, que dormiam.  
Eil-as silvando vem, o fogo investem,  
Debatem-se com elle; ora recuam,  
Erguem-se inchadas, cabem sobre as fogueiras;  
Esta já salta, e a cauda o chão açouta:  
Aquella gyra no ar como um corisco;  
Ora em torno se arrastam, té que o extinguem.  
Só esparsos carvões e cinzas restam.  
Quaes, lutando co'as brazas, se queimaram:  
Quaes feridas, co'a dôr no chão se enroscam.

Mordendo a terra, e orbes descrevendo;  
Quaes vão aos seus covis victoriosas.

Começa a noite a declinar. Um echo  
Na espessura resôa, rouco e surdo,  
Como echo do buzió. O horror se espalha,  
De sobresalto o somno se interrompe;  
Despertam-se os guerreiros, receiosos  
Que os malignos genios Macacheras,  
E os ruins Juruparís os acommettam. <sup>1</sup>  
Uns tomados de medo cahem dos troncos,  
E nem ousam da terra erguer as fronte;  
Outros espavoridos, como estatuas  
Estão immoveis, mudos escutando.  
De novo perto estruge o som medonho,  
E se repete pela vez terceira.  
No mesmo instante um funebre gemido  
Vai entre os negros troncos sibilando,  
Como o guincho do mocho entre ruinas;  
E dous lumes a par, de fumo envoltos,  
Que os olhos lembram de infernaes duendes

Pela mente febril phantasiados,  
 Ora aqui, ora alli erram na selva,  
 Até que da cohorte em frente estacam.  
 A luz surge das orbitas de um craneo  
 Suspenso n'uma flecha: é a lanterna  
 Horrenda dos Payés, que nestas plagas  
 De sortilegio usando o medo incutem:  
 Que onde falta a verdade o embuste avulta.

« É Payé! » N'uma voz todos bradaram.  
 « É Payé! » Cada bocca pronuncia.  
 Batendo estão os corações de medo.  
 E os olhos todos no Payé pregados.

Eil-o, alto e mirrado, e bem parece  
 De magico poder mumia animada,  
 Que da terra surgira, ou do profundo!  
 Disseras qu'essa pelle crespa e sêcca,  
 Como a cortiça de já velho tronco,  
 Sobre ossos descarnados se amoldára.

« Filhos destes sertões, brada o agoureiro,  
Eis o vosso Payé, que vos procura!  
Velho Coaquira, destemido Aimbire,  
Como dos meus conselhos não cuidadosos,  
Tão afoutos p'ra guerra duvidosa  
Ides, sem minha voz ouvir primeiro?  
E quereis que Tupan por vós combata.  
Quando do seu Payé, que em vós só pensa.  
Em continuo jejum na gruta escura,  
Não consultais a magica sciencia?  
Como filhos vos amo: e si estes olhos,  
Sêccos como o meu corpo, inda tivessem  
Alguma occulta lagrima, ver-me-hias  
Na minha dôr vertel-a neste instante.  
Oh filhos meus! que males vos aguardam!  
Que males, ai de mim! . . . e inda heide eu vel-os!  
Feliz eu si primeiro em minha gruta  
Para sempre meus olhos se fechassem.

« Estes annosos troncos, tão antigos

Como Tamandaré; estas florestas  
A cuja sombra nossos pais dormiram  
O socegado somno do homem livre,  
Vão ser em breve a cinzas reduzidas  
Por essas mãos iníquas, sempre armadas  
De mortal fogo contra vós, incautos,  
Contra vós, que co'amor os recebestes!  
Fugi, Tamoyos meus; fugi, deixai-lhes  
De Nitheroy as margens deleitosas,  
Que elles invejam tanto; e onde pretendem  
À custa vossa apascentar seu ocio,  
E erguer co'as vossas mãos suas cidades.  
Deixai-lhes estas varzeas tão regadas  
De aguas tão doces, e estes verdes mattos  
Onde colheis o cambucá gostoso,  
O odoroso ananaz, e a grumixama.  
Tudo deixai-lhes, sim; fugi, mas livres,  
Que a par da liberdade tudo é nada,  
E aqui sereis escravos. Desta terra,  
Que já vossa não é, pois que seus olhos  
Passaram por aqui, tirai sómente  
De vossos pais os ossos, que os não pisem

Os pés de tão ferozes inimigos.  
Ide, e tirai da terra as igaçabas  
Que esses ossos encerram; e com ellas  
Vamos todos, além dos grandes serros,  
Procurar outra terra mais longinqua,  
Outros sertões mais invios, outros rios  
Mais candalosos, e outro céo mais puro. »

« E onde? brada Aimbiré acceso em ira,  
Como si o inferno lhe estourasse n'alma:  
E onde, estulto velho, onde acharemos  
O céo de Nitheroy? As lerteis plagas  
Do nosso Parahyba? E as doces aguas  
Do saudoso Carioca, que suavizam  
Dos cantores a voz melodiosa?  
Tudo deixar? . . . Fugir? . . . Mas tu deliras!  
Fugir? . . . Que Curupira malfazejo  
Inspirou-te tão baixos pensamentos? <sup>5</sup>  
Fugir! sem combater?... Quem?... Nós, Tamoyos?  
Ferve-te acaso o cajuly nas veias,

Ou perturba-te o fumo que se exhala  
Do queimado tabaco nesse cráneo,  
Que fucado ali tens sobre essa flecha?  
E onde iremos nós, que nos não sigam  
Esses que cuidam não caber na terra,  
E toda a terra querem e o mar todo?  
Que rios caudalosos, que altos serros  
De amparo servirão ás nossas tabas,  
Si elles canóas tem e pés ligeiros?  
Em que sertões iremos acontar-nos,  
Como as tapiras que de tudo fogem? <sup>6</sup>  
E onde livres, e em paz esconderemos  
Esses ossos de nossos pais guerreiros,  
Que temendo estão já que os revolvamos?  
Ossos de nossos pais! estai tranquillos:  
Não temais que os Tamoyos vos aviltem,  
E da terra em que estais vos tirem hoje,  
Para entregal-a ao barbaro estrangeiro.  
Não fugiremos, não. Dizei, Tamoyos,  
Dizei: quereis fugir? »

« Queremos guerra;  
Guerra, e só guerra. » Unisonos bradaram.



« Ouves? ouves, Payé? (Aimbire exclama  
De prazer exultando). Ouves o grito  
Que ainda forte soa? . . . Já conheces  
Que gente vai aqui? Que mais tu queres?  
Que nos dizes agora? Ah! já te calas! »

Após breve silêncio, o agoureiro  
Com voz pesada diz: « Pois bem. Tamoyos,  
Vosso valor o animo me exalta.  
Vamos ver si Tupan, que vos escuta,  
Querirá proteger vossas fadigas. »

Assim dizendo o Aruspice dos bosques  
Deixa em pé a lanterna pavorosa;  
Toma duas forquilhas de pão sêcco,  
Como tesouras, e com força as finca  
No duro chão, defronte uma da outra  
Tres palmos de distancia: após sobre ellas

Deita e amarra com torcida embira  
Uma clava de pennas enfeitada,  
A que chamam os Indios Tangapema.

Trudo assim preparado o sortilegio,  
Chama p'ra junto a si os tocadores  
De cangocira, instrumento de ossos feito,  
Que os cabellos erriça co'os sibilos.  
—Tocai, dançai comigo.—Eit-o que dança  
Em torno á Tangapema; e já dançando,  
Seguem-lhe os passos muitos dos Tamoyos,  
Pelo infernal concerto arrebatados.  
Mais que todas as velhas se revolvem,  
E em côro a feias bruxas se assemellam.  
Cada vez mais a mais se anima a orchestra,  
E cada vez a dança mais se anima;  
Como um confuso rodopio rapido  
De violento uracão que gyra e zune.  
Mais celeros não são os Dervis d'Asia  
No rodante bailar religioso,  
Com que o grande Allah honrar pretendem.

Amainando já vai a estranha dança;  
Já vão minguando os circulos valsantes;  
Tontos e frouxos já repousam muitos,  
Até que em fim caçados todos param,  
E em torno ao feiticeiro se acocoram,  
Como egypcias estatuas de granito.  
Só elle inda volteia, possuído  
De algum demonio, que lhe agila os membros.  
Que diabolicos gestos, que tripudios,  
Que esgares faz, os olhos não tirando  
Da magica armadilha! Já lhe banha  
Todo o corpo o suor em grossas bagas.  
Com rouca voz e sons interrompidos,  
Que parece o bulhão d'agua que ferve,  
Não sei que tetro canto sybillino,  
Que horrenda evocação stá murmurando.  
Nunca em Delphos a Pythia assim tão cheia  
Do deos que a enfurecia, e tão convulsa  
Sobre a sagrada tripode arquejando  
Soltou com voz confusa o seu orac'lo.  
Só se lhe ouve dizer:—Mando eu que posso;  
Quero e mando: obedece, Macachera!—

Pela terceira vez isto dizendo,  
 Como certo de ser obedecido,  
 Incha as bochechas, firma os olhos rubros,  
 E tres vezes assopra a Tangapema.  
 Oh infernal prodigio! Eis de repente  
 Sobre as forquilhas estremece a clava,  
 Como sobre o altar do sacrificio  
 A victima estremece quando o ferro  
 Lhe abre o ventre e as entranhas lhe revolve.  
 P'ra dar algum presagio ao Adevinho.  
 Estalam, arrebentam-se as embiras,  
 Sem que visivel mão a clava toque.  
 Eil-a já solta das prisões que a atavam,  
 E em torno a si gyrando, ao céu se eleva  
 Numa linha espiral que a prumo sóbe,  
 Deixando boqui-aberta o vulgo ignaro.  
 Só Aimbire de colera roxeia,  
 E espera conjurar o vaticínio  
 Si contrario elle fôr ao seu intento.

Sóbe a clava zunindo como a pedra  
 Pela funda com força arremessada:

Sóbe, e tão alto vai que no ar se some.  
Mas volta... eil-a que vem... traz sangue! É certo!  
Onde foi ella? Donde vem? Quem sabe?  
Vem toda ensanguentada! . . . Mas parece,  
Pelo rumo que segue, cair deve  
Distante das forquilhas. . . Máo presagio!  
Aimbire, qu'isso vê, inda de longe,  
E teme o effeito do fatal annuncio,  
Dispara incontinente alada flecha,  
Que a vai ferir nos ares, e trazel-a  
Para onde elle quíz. A flecha e a clava,  
Uma encravada n'outra, ambas já descem.  
É entre as forquilhas cahem. Aimbire exulta!  
Mas o velho Payé horrorisado:  
« Impio (exclama)! Tu vês? Vês tu? Entendes  
O que isto quer dizer? »

—« Sim; muito sangue

Temos de derramar. Sim; a victoria  
É certa para nós. . . Vai-te, agoureiro,  
Se a vida te não pesa, e aqui não queres  
Ter a sorte da tua Tangapema.  
Vai-te, que é tempo de marchar p'ra a guerra. »

Disse Aimbire; e um susurro se levanta  
Entre os guerreiros, p'ra marchar já promptos.  
Os Francezes pasmados do que viram,  
Como explicar não sabem tal prodigio.  
Que mysterios são estes da Natura, ?  
Que os olhos vêem e a sciencia repudia?  
Seria uma illusão? ou caso estranho  
De occulta força, que a sciencia ignora?

Sumio-se o feiticeiro: não se sabe  
Si ao rio se arrojou, ou si escondeo-se  
No bojo de algum trouco carcomido,  
Ninhos de serpes que o Payé não teme.  
Crêm alguns que elle aos ares se elevára  
Entre os vapores do queimado fumo;  
Outros, que a terra por seu pé batida,  
Abrindo-se convulsa, o engulira.

O crer é d'alma natural instincto,  
Que da sciencia ás duvidas resiste.

E uo que não crevão homens tão brutos,  
Se muitos dos que tem a luz de Christo  
Crêm, e ensinam a erer em taes prodigios?  
E que homem tem da omnisciencia a chave,  
Que os arcanos penetre do invisivel,  
E a verdade de Deos, luz immutavel,  
Mostre à proscripta raça dos humanos,  
Condemnada a não ver a realidade?

---

**CANTO QUINTO.**



## ARGUMENTO.

Chega Jagoanharo a S. Vicente em procura de Tibiriçá. — Alguns Indios lhe mostram da porta de uma igreja o Cacique, que dentro estava orando. — Atraído por aquelle espectáculo não visto, e pelos canticos religiosos, entra Jagoanharo na igreja, e insensivelmente se ajoelha ao lado do tio. — Findas as preces, erguendo-se ambos, reconhece o Cacique o sobrinho, e dá graças a Deus, mudando que elle o procura para baptisar-se. — Leva-o à casa, e pelo caminho lhe vai mostrando as cousas mais notaveis da recente villa. — Convida-o a jantar á maneira de um senhor Portuguez, sendo servido pelos de sua nação, com o que se scandalisa o sobrinho. — Dá-lhe este a embaixada, e questionam por longo tempo. — Narra Tibiriçá as tradições dos seus antepassados, e conclue em favor do seu novo estado. — Não se converte o sobrinho. — Trata o tio de seduzi-lo com presentes e promessas. — Jagoanharo tudo recusa; e cansados ambos se entregam ao sono.

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

### CANTO QUINTO.

A cauôa em que fôra Jagoanharo  
Por mandado de Aimbire a São-Vicente,  
Já das aguas vencendo a correnteza,  
Tinha chegado á ilha desejada,  
Oude o mancebo impavido esperava  
Achar Tibiriçá, dar-lhe a meusagem.

O Indio embaixador chegando á praia  
De Tacaré, que jaz viziuba á villa,  
De que foi fundador Martin Alfonso,  
Soube de uns Guayanás, que conhecera,  
Onde achar poderia o seu Cacique.  
Um delles o guiou da igreja á porta,  
E de fóra o mostrou, que de joelhos  
Com grande devoção orando estava.

Cantavam os neophytos em côro,  
Separados os homens das mulheres,  
E o venerando Anchieta os dirigia.

Jagoanharo esperava; mas suspenso.  
Ouvindo os echos dos sagrados hymnos,  
Que o sanctuario enchiam de harmonia,  
P'ra dentro olhou: e curioso e attento,  
Sem sentir pouco a pouco foi entrando

Pelo encanto da musica atraído,  
Até que a par do tio ajoellou-se.

Os altares de flores enfeitados,  
As tochas e as alampadas accesas,  
O odor do incenso, os cantos que soavam  
Ao som de nunca ouvidos instrumentos;  
Todo aquelle apparato jamais visto  
De tal maneira fascinado o tinha,  
Qu'elle olhando p'ra o tio foi erguendo  
As mãos postas p'ra o céo, e parecia  
Mais que todos contrito penitente.  
Tibiricá, que attento o altar fitava,  
Só quando as sacras preces terminaram  
Erguendo-se encarou com Jagoanbaró,  
E attonito ficou com tal sorpresa.

« Como! disse elle, aqui! . . . Tu a meu lado! •  
Na casa do Senhor! . . . Feliz si buscas  
O baptismo e a fé! . . . E quão ditoso

Serei eu si me escolhes por padrinho!  
 E teu pai? . . . Meu irmão, onde está elle?  
 Desejará tambem vir humilhar-se  
 Aos pés do altar do Redemptor do mundo?  
 Falla, sobrinho, dize. . . Mas primeiro  
 Quero, por ver-te aqui tão bem disposto  
 A receber a luz de Jesus Christo,  
 Dar graças a meu Deus. » E assim dizendo,  
 De novo se ajoelha, os braços abre,  
 E porque Jagoanhão o comprehenda,  
 Recita em lingua Túpica um verseto,  
 Que o zeloso Anchieta compozera:  
 « Gloria ao unico Deus, ao Pai Eterno!  
 A ti, Senhor, que em tua alta bondade  
 Brillar fizeste a luz entre os gentios;  
 E por teus sacerdotes nos mandaste  
 A verdade de Christo, e os bens da graça. »  
 E assim dizendo beija a cruz de Christo,  
 Que do collo lhe pende em rubra fita,  
 Premio do seu valor no fero ataque  
 Do forte Coligny contra os Francezes.  
 Depois: « Vamos agora, disse, vamos

Em casa repousar: lá quero ouvír-te,  
E noticias saber da nossa gente.

Em caminho lbe foi mostrando as cousas  
Mais dignas de attenção na nova villa:  
« Aqui moram, dizia, os santos padres,  
A quem devemos tanto; elles ensinam  
O caminho de Deos aos nossos filhos,  
E só em fazer bem vivem pensando;  
E tão humanos são, e amigos nossos,  
Que só por isso os seus já os odeiam.  
Não são como os Payés, que vos enganam  
Com embustes e vans feitiçarias.

« Eis a casa do bom Martin Afonso,  
Meu padrinho, e senhor do que estás vendo.  
Elle aqui não está, que o Rei mandou-o  
Governar outros povos mui distantes,  
Lá onde além dos mares nasce o dia.  
Todos estes sertões que atravessaste

Desde o Paranaguá, terras e rios,  
Até o Macahé, tudo isto é delle,  
Que o nosso Rei lhe dêo, que é seu amigo. »

— « E quem dêo, o mancebo lhe pergunta,  
E quem dêo a esse Rei a terra nossa,  
Para tiral-a a nós, que aquí nascemos,  
E dal-a a seu prazer aos seus amigos? »

« O Rei, lhe volta o tio, não precisa  
Que ninguém lhe dê nada; tudo é delle.  
O Rei tira, o Rei dá, o Rei é dono  
Das terras e do mar: é senhor nosso. »

— « Então o Rei, replica-lhe o sobrinho,  
É mais do que Tupan? Desejo vê-lo! »

« Si é mais do que Tupan! brada o Cacique:  
O que é Tupan? Deos é que pôde tudo.  
E depois delle o Rei; o resto é nada. . .  
Mas não, também os padres podem muito. »

— « Dize, e o Rei come e bebe, e também morre? »

« Sim, come, bebe, e morre. »

— Então é homem!

Promptamente o selvagem lhe retorque.

« Homem, sim; mas de Deos na terra imagem,  
E curvar-nos devemos a seu mando.

« Vês tu aquella casa? Alli habita  
O Portuguez Bamalho, que é meu genro:  
Has de vel-o, e a mulher, e os meus netinhos. »  
Isto mostrando o chefe convertido,  
Só não mostrou o carcere da villa.



Onde, como animaes, os pobres Indios  
Á fome, á séde, e á força se amansavam.

Nisto passou, no meio de uma escolta,  
Um grupo de selvagens, que amarrados  
Vinham a dous em dous, e as criancinhas  
Das mãis nos hombros: pobres creaturas,  
Á traição dos seus bosques arrancadas,  
Um duro captiveiro as esperava.  
Bem os vio Jagoanhuro, e nada disse,  
Mas os labios mordeo, voltando o rosto.

Já em casa chegados, o Cacique,  
Crendo o sobrinho não tão brouco e fero,  
Quiz grandeza ostentar ante seus olhos,  
E co'o aspecto do luxo seduzil-o.  
Convida-o a comer em mesa ornada  
Com todo o apparatus e louçania  
De um senhor Portuguez d'aquelles tempos.  
Por alguns Guayauás servidos eram.

— « Quem são estes, pergunta o Indio inculto,  
Que em quanto nós comemos assentados,  
Tão humildes estão em pé servindo?  
São acaso inimigos prisioneiros? »  
« São da minha nação, volta-lhe o tio,  
Soldados Guayanás, meus camaradas. »  
Ouvindo tal com pasmo e quasi irroso  
Já o mancebo ergue-se; mas prudente  
Disfarçou seu despeito, e com frieza  
Disse: « Então uns aqui servem aos outros,  
Sendo todos amigos e guerreiros?  
E como tu também os Portuguezes  
Pelos nossos irmãos serão servidos? »  
Razões mui sociaes dêo-lhe o Cacique  
D'aquella differença e jerarchia,  
Necessaria ao governo e á boa ordem.  
Mas não quiz o selvagem convencer-se.  
Fundo o brodio, o soberbo mensageiro  
P'ra um lado leva o tio, e assim lhe falla:

« Devo agora dizer-te qual a causa

Que me fez procurar-te entre inimigos,  
Expondo a minha vida p'ra salvar-te.  
Teu irmão Araray, e o grande Aimbire,  
Chefe geral de todos os Tamoyos,  
Pindobucú, Coaquira, e mais guerreiros,  
Por mim mandam dizer-te que elles promptos,  
Armados e já perto, estão dispostos,  
Com tantos arcos que parece um matto,  
A vingar as affrontas, que incessantes  
Estes vis Emboabas lhes tem feito.  
Mas meu pai quiz primeiro qu'en viesse  
Por tua mãe pedir teu forte apoio.  
Muito lhe dóe o ver-te tão contrario  
À tua terra e aos teus. Esperam todos  
Que um Guayaná, Cacique, e tão valente,  
Não arme o braço seu contra os amigos,  
Contra seu proprio irmão, contra o sobrinho,  
Em defesa dos máos que nos perseguem;  
E tão máos, tão cruéis, que até odeiam  
Esses bons padres, como tu disseste,  
Que só em fazer bem vivem pensando!  
Vê que taes elles são! . . . Co'a nossa gente

Marcham alguns Francezes, que os conhecem,  
Que o mesmo Deos adoram, e nos dizem  
Serem na sua terra os Portuguezes  
Taes como os Aimorés nos nossos bosques.  
Dize tu mesmo, e crês que na cruz  
Os Aimorés com elles rivalisem,  
Ou que as onças ferozes os igualem?  
Temos razão, ou não, de aborreccel-os?  
Que Guayaná valente, ou que Tamoyo  
Poderá ser amigo de tal gente?  
Dize, Tibiriçá, o que decides?  
Que resposta me dás com qu'eu exulte,  
E do teu Araray a dôr dissipe? »

O chefe Guayaná pensando um pouco,  
Com voz pesada diz: « Quando na igreja  
A meu lado te vi, cuidei que vinhas  
Com pensamentos d'alma arrependida  
Procurar o caminho da verdade.  
Mas tu me vens propor traição e guerra!

Nenhum outro ousaria assim fallar-me!  
E si eu me não lembrasse de que és filho  
De meu unico irmão, pago terias  
Tua arrogancia e destemido arrojo.  
Vai, dize a meu irmão, e a esse Aimhirc,  
Esse ingrato a quem eu poupei a vida,  
E que ousado anda os Indios incitando,  
Qu'eu aqui os espero; elles que venham,  
Com quantos braços reunir poderem,  
Que em defesa da igreja e dos bons padres  
Contente morrerei, porém luctando.  
Dize-lhes que um christão, qual eu sou hoje,  
Que me honro de chamar Martin Affonso,  
Tem por gloria morrer por Jesus Christo,  
E que só em christãos irmãos enxerga.  
Mas dize-lhes tambem que eu condoido  
Dessa vida sem Deos, sem lei, que vivem  
Como animaes no matto, os aconselho  
Que venham receber a luz da igreja,  
E a palavra de Deos, que aqui se ensina.  
Dize-lhes mais, que a guerra que hoje intentam  
Contra gente tão forte e venturosa,

De seu Deos tão amada e protegida,  
Só em danno será, e p'ra extermínio  
Dos que com ella empacellar não podem  
Nem na força do braço, nem na industria,  
Nem no saber, que vale mais que tudo.  
Que se lembrem que já esses Francezes,  
Que a elles se ligaram p'ra vingar-se,  
Foram por Mem de Sá lançados fóra  
Da illota, onde tão fortes se julgavam,  
Sem lhes valer na lucta atroz e horrivel  
O seu Villegagnon, que abandonou-os.  
Em fim, dize-lhes qu'eu lhes peço e rogo  
Que se ajuntem a mim, e que me sigam;  
Que ouçam a voz do céo, que os padres pregam,  
Si querem que seus filhos inda sejam  
Senhores desta terra. De outro modo  
Serão todos p'ra sempre exterminados,  
Ou p'ra os sertões fugindo, irão ás feras  
Disputar os covis, viver com ellas,  
Até que de lá mesmo expulsos sejam.  
Si os cauçués podeis vencer co'as flechas,  
Estes vos vencerão co'as espingardas.

Quem mais industria tem é o mais forte.  
Como amigo te fallo, e te respondo. »

Ouvindo este discurso, surprehido  
O mensageiro estava, e suspirando:  
« Assim pois, exclamou, não nos bastava  
Este odioso inimigo, além nascido,  
Não sei onde, em longinqua, ignota plaga,  
Senão que tu; tomando o seu partido,  
Queres co'os Guayanás, que te obedecem,  
Combater contra o irmão e contra amigos?  
Isto é pois o que os padres te ensinaram?  
E esse Deos, por quem já Tupan deixaste,  
Quer que em favor do estranho o irmão se mate?  
E esta é a nova lei em que tu vives,  
Pela qual condoído nos lamentas  
Que vivamos sem Deos, sem lei nos bosques?  
Não teremos nós leis porque vivemos  
Em perfeita igualdade, e outras seguimos  
Diversas dessas leis que hoje tu segues?

Achas então que é justo, que é bem feito  
Que deixemos a terra em que nascemos,  
Ou que sejamos nella escravos desses,  
Que da terra e de nós se julgam donos? »

« Escuta, Jagoanhara! assim prosegue  
O chefe convertido, meio culto,  
De engenho perspicaz e previdente.  
Quero dizer-te mais. Meu pai contava  
Que esta terra, que nossa hoje chamamos,  
Nem sempre nossa foi. Antes de tudo,  
Quando Tamandaré inda vivia,  
Nua e deserta muito tempo esteve  
Pelo grande dilúvio que inundou-a,  
E a cobriu té aos montes, afogando  
Plantas, e aves, e animaes, e homens,  
E só esse Payé deixando vivo  
Para de novo povoar a terra.  
E tão verdade é isto que até mesmo  
Dizem os padres, que de tudo sabem,  
Que era Noé o nome desse velho,



E não Tamandaré como dizemos.  
Depois que a terra se arrou de novo  
De verdes bosques, animaes e homens,  
Os que primeiro para aqui vieram,  
Filhos do unico pai dos homens todos,  
Foram, como parece, esses Tapuyas,  
Que co'as feras luctando as imitaram,  
Posto que os Taboyaras se acreditem  
Os primeiros senhores desta terra,  
E orgulhosos por isso assim se chamem.  
Não sei donde lhes vem essa vaidade,  
Si elles tem dos Tupís a lingua e os usos!  
Mais brancos do que são eram taes homens,  
Qual o Aimoré, que é dessa raça, o mostra:  
O sol ardente lhes crestou a pelle,  
Como tambem a nós, que após viemos.  
Depois chegaram os Tupís valentes,  
Que mais do que elles a Tupan respeitam,  
E por isso mais brandos e entendidos.  
Estes ouviram de Sumé as vozes <sup>1</sup>  
Junto do Itajuru, onde entalhadas  
Estão as impressões do seu cajado.

Quando o poder de Deos apregoando,  
Como agora estes padres o apregoam,  
Lhes dizia:—Si a pedra com ser dura  
Se abranda, e cede à voz do Omnipotente,  
Como à verdade resistir mais duros  
Os corações dos homens, de Deos filhos? —  
Desse velho Payé inda hoje existem  
Muitos signaes; em Itapoá seus passos,  
E em Marapè, no mar, o seu caminho.  
Quando ao furor fugio de homens ingratos.  
Foi Sumé, ou Thomé como é mais certo,  
Que era branco e trazia longas barbas,  
Quem mostrou aos Tupis como extrahindo  
Da mandioca o succo venenoso,  
Se fabrica a farinha e a tapioca.  
Desses Tupis nós todos descendemos,  
Tupinambás, Tamoyos, Taboyaras,  
Guayanás, Carijós, e outros muitos  
Que por toda esta terra se estenderam  
Sempre em frente do mar, em guerra aberta  
Co'os Tapuyas que o centro procuraram.  
E que jamais connosco paz quizeram.

*a* Agora chegam estes Portuguezes,  
Que melhor do que nós a Deos conhecem.  
Que vivem como irmãos em grandes villas,  
Que fazem tantas cousas espaulosas,  
E só querem que nós os imitemos,  
Respeitando a seu Rei, a lei, e aos padres:  
E vós vos declarais, como os Tapuyas  
Já connosco fizeram, seus contrários,  
Por cuidar que esta terra só é vossa!  
Em vez de vir com elles instruir-vos,  
E aprender suas artes proveitosas!  
Porque só vossa deve ser a terra?  
Toda a terra é de Deos. Terra não falta  
Pra todos nós; só falta quem trabalhe.  
Mais que venham depois acharão terra.  
Vós fabricais a setta, a igaçaba,  
A farinha, o cauim, a rede, a inubia,  
E tantas outras cousas que vos servem;  
Mas porque não haveis com paciencia  
Aprender a fazer cousas melhores?  
Vem ver a minha horta. . . Olha, sobrinho,  
Quantas plantas em tão pequeno espaço!

Vê alli o cajú, vê a banana,  
A jaca, o cambucá, a canna doce,  
E quantas fructas ha por esse matto,  
Que sem fadiga aqui colher-se podem.  
Esta planta que vés chama-se vinha,  
P'ra aqui os Portuguezes a trouxeram  
Com outras muitas, e animaes não vistos.  
Desta come-se o fructo, e faz-se o vinho  
De roxa còr, que á mesa tu gostaste.  
Vê quantas flores, que no campo murcham,  
Como lindas aqui a vista alegam!  
Os homens são assim, querem cultura.  
Vê n'aquelle cercado quantas aves,  
Que o trabalho me poupam de ir caçal-as!  
Vê n'este tanque quantos peixes vivos,  
Que brincando pescal-os qualquer póde!  
Sem de casa sahir, tudo aqui tenho;  
E quer chova, quer vente, e a qualquer hora,  
Acho o meu alimento sem canceira.

« Vê agora esta casa como é feita;

Como melhor me cobrem estas vestes,  
De tecido tão fino e cor tão linda,  
Que excedem na belleza ás vossas plumas.  
Vê agora esta espada como corta!  
E esta espingarda, que nas mãos 'stá firme,  
E vale mais que centos dessas flechas.  
Olha, vê tudo bem, observa e nota.  
Dize tu mesmo agora, Jagoanharo,  
Não achas que é melhor viver tranquillo,  
Gozando destes bens, tendo tudo isto,  
Do que errante viver por entre os bosques,  
Sempre incerto, arriscado, e exposto ás feras?  
Não achas que é melhor que aos Portuguezes  
Nós todos nos unamos? Que casemos  
Nossos filhos co'os delles? Que façamos  
Uma nova nação, grande e temida  
Dos Tapuyas, que comem carne humana,  
E de quantos a nós moverem guerra?  
Si amas a independencia e a liberdade,  
Tu não as perderás como eu vivendo  
Sujeito a Deos, ao Rei, ás leis que impedem  
Que a seu prazer o forte roube ao fraco.

Mais livre e independente me acho agora,  
Que posso chamar meu quanto possuo.

« E Deos, o grande Deos, que nos dá tudo,  
Que seu Filho mandou para remir-nos,  
Para morrer por nós, para ensinar-nos  
O caminho do bem e da verdade!  
Não achas que devemos dar-lhe graças  
Dia e noite, entoando sacros hymnos  
Reunidos na sua santa igreja?  
Que podes aqui ver que te desgoste,  
E te faça odiar a nossa vida?  
Dize, falla, responde: então que pensas? »

Um sorriso de dôr e de ironia,  
Proprio d'alma orgulhosa e pouco instrua,  
Roçou os labios do sagaz mancebo,  
Que tudo via com desdem selvagem,  
Mal pesando as razões, que ouvira apenas.

« Queres pois qu'eu responda? Bem, escuta,  
Mas deixa-me dizer tudo o que penso.  
Tudo isto é muito bom p'ra quem deseja  
Converter seus irmãos em seus escravos,  
Gozar á custa do suor alheio,  
E em paz como senhor viver mandando.  
Que importa a meus irmãos que eu tenha muito.  
Si elles devem soffrer p'ra que eu só goze?  
Nem eu quero gozar á custa delles.  
O direito do chefe é ser na guerra  
O primeiro a marchar e expôr-se á morte,  
E mostrar-se valente mais que todos,  
Para que os mais o imitem e lhe obedecam;  
Que fóra do combate ignaes são todos.  
Eu porém vejo aqui os teus guerreiros  
Trabalhar para ti; não enfeitados  
Como tu, mas com sujos, rotos pannos,  
Banhados de suor, que mal os cobrem.  
Quando comes sentado, em pé 'stão elles,  
E depois vão roer os teus sobejos!  
E entre nós até mesmo o estrangeiro  
E o inimigo connosco juntos comem!

São elles os qu'eu vi lavrar teu campo,  
Limpar o teu quintal, dar milho ás aves,  
Que tens p'ra teu regalo no cercado!  
Elles trabalham pois, e só tu gozas!  
Em que consiste aqui a liberdade  
E a independencia do homem, que gabaste?  
Onde a igualdade está? Porque motivo  
Tanto tu has de ter, e elles nada?  
Porque? hem eu o sei! E tu pretendes  
Que te inuite meu pai? ou que venhamos  
Aqui servir a ti e aos Portuguezes?  
Cuidas tu que os Tamoyos corajosos,  
E os poucos Guayanás que nos ficaram,  
A tão pesado jugo as fronteas dobrem?  
Não, não: antes a morte, dirão todos,  
E eu com elles tambem prefiro a morte!

« Nada me agrada aqui, excepto a igreja,  
E o Filho desse Deos que elles mataram,  
De quem ouvi contar tão grandes cousas



Que pelos homens fez, só ensinando  
Que todos como irmãos sempre se amassem.  
Mas porque esses homens que o adoram  
Nada do que elle fez connosco fazem?  
Querem que nós humildes o imitemos  
Para melhor, crueis, escravisar-nos,  
Roubar nossas irmãs, nossas mulheres,  
E viverem aqui como senhores,  
Como os unicos donos desta terra!  
E que mal lhes fizemos? Por ventura  
Os recebemos mal como os Tapnyas,  
Que aos Tupis guerra eterna declararam?  
Que digam elles de que modo affavel  
Sua chegada aqui foi festejada?  
Si alguma cousa os nossos lhes negaram?  
Si ante essa cruz, que em nossa praia ergueram,  
De joelhos prostrados, imitando-os,  
Não estiveram com respeito attentos  
A quanto o padre fez, e a quanto disse?  
E negar poderão estas verdades?  
Si lhes fizemos guerra, é que elles guerra  
Primeiro com perfidias nos fizeram.

Não se queixem de nós, mas de si mesmos,  
Que em seus escravos converter-nos querem. »

Não faltaram ao chefe inteligente  
Razões p'ra rebater as do sobrinho;  
E ambos largo tempo pleiteando  
Convencer um ao outro não puderam.  
Dest'arte os sábios em questões sublimes  
Após longo debate e controversia  
Firmes em seus conceitos permanecem:  
Que como a luz tão varia se reflecte  
Segundo os corpos, côres mil lhes dando,  
Tal a verdade, que uma só ser deve,  
Varia se mostra nos juizos varios,  
A que paixões diversas senhoream.

Vendo o chefe sagaz como baldadas  
Eram suas razões, busca outro meio,  
Que poucas vezes resistencia encontra  
Nos fracos corações da humana gente:

Meio tão eficaz, vergonha do homem!  
Que chega a impôr silencio ao santo, ao justo,  
E deslumbra a razão, calca a verdade.

Começou por mostrar uns avellorios,  
Com que adornou o collo do sobrinho;  
Dêo-lhe uma faca e um lenço de Alcobaça;  
Prometteo-lhe uma espada, armas de fogo,  
E honras de capitão da sua gente,  
Si com ella prestar viesse apoio  
À nascente colônia Vicentina.  
Exaltou-lhe o valor, encheo-lhe o peito  
De vaidosas ideias, de esperanças  
De um futuro brilhante e glorioso.  
Tudo quanto accender pôde a cobiça,  
Quanto a vaidade e o orgulho excitar pôde,  
Desenvolveo com manha de homem culto,  
Que bem da seducção conhece a força  
Para vencer o coração rebelde.  
Não duvidando já do seu triumpho,  
Com mostras de prazer o abraçava:

Já conduzil-o á igreja pretendia  
Naquelle mesmo instante, e apresental-o  
Ao venerando Anchieta, que lá 'stava  
Os neophytos sempre doutrinando.

Do filho de Araray a alma incorrupta  
Tinha toda a altivez e a magestade  
Da virgem Natureza que a formára!  
Era um bello diamante em rude crosta!  
Tudo elle rejeitou! Não pôde a offerta  
Mais do que a razão! Quão poucas vezes  
Isto acontece assim! « Nada ha que possa,  
Disse, fazer que eu traia a minha gente.  
Ainda que o teu Rei me desse o dobro  
De quanto tu agora me promettes,  
Não deixaria os meus para servil-o,  
Sacrificando a allieia liberdade. »

Podemos lamentar a ignavia do homem,  
A rudeza do espirito selvagem:

Mas o valor que ás seducções resiste,  
Que faz que a alma á cobiça se não dobre,  
É virtude tão rara, santa e egregia,  
Que o devido louvor ninguém lhe nega.  
Si é sublime no heroe, mais é naquelle  
Que da gloria o pregão nem mesmo espera.

O Indio christão por fim desenganado,  
Vendo que a noite p'ra seu meio andava,  
Convidou o seu hospede ao repouso  
N'uma réde suspensa. Elle entretanto  
A Deos se encommendando fervoroso,  
Com aquella lé viva de um converso,  
Foi tambem repousar. Doce esperança,  
Inseparavel sombra do desejo,  
Em sua alma vagava de que a noite,  
Tão placida e suave conselheira,  
Amigo pensamento bafejasse  
No coração rebelde do sobrinho.

---

**CANTO SEXTO.**

## ARGUMENTO.

---

Excitado Jagoanhara pela discussão que tivera com Tibiriçá, e que espontanea lhe vem á memoria, mal pôde conciliar o somno.—Dorme em fim, e neste estado exalta-se sua alma, e sonha.—Apresenta-se-lhe S. Sebastião, cuja imagem na igreja lhe attrahe a attenção, e o transporta ao cimo do Corcovado.—Magnificencia do golfo do Rio de Janeiro, a que nada se compara.—Mostra o Santo ao Indio fundada, no futuro, a grande cidade do Janeiro: seu porto arado de innumerás mãos.—A chegada da Familia Real.—A elevação do Brasil á categoria de Reino-Unido.—O regresso de El-Rei D. João VI.—A proclamação da Independencia e fundação do Imperio.—A abdicção de D. Pedro I.—A memoridade.—O amor do povo ao Senhor D. Pedro II.—Assume elle o poder.—O Imperio crescerá com elle.—A Providencia deve conceder a victoria aos Portuguezes sobre os selvagens em favor da propagação da religião de Jesus Christo.—Quer o Indio abraçar a cruz: esta lhe apparece.—Acorda Jagoanhara.—O tio o conduz á igreja.—Encontra-se na praça com Iguassú, que vem presa.—Inutilmente procura libertal-a.—Desesperado parte praguejando.

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

---

### CANTO SEXTO.

Como da pyra extincta a labareda  
Inda o rescaldo crepitante fica,  
Assim do ardente moço a mente accesa  
Na desusada lucta que a excitára,  
Inda alerta e escaldada se revolve.  
Em vão na rêde, que suspensa oscilla  
De um lado e d'outro, se revira o corpo,  
Como após da tormenta o mar banzeiro;



Alma e corpo repouso achar não podem.  
Debalde os olhos cerra; a igreja, as casas,  
A villa, tudo ante elle se apresenta.  
Das preces a harmonia inda murmura  
Como um longinquo som em seus ouvidos.  
Os discursos do tio mutilados  
Mão grado seu assaltam-lhe a memoria.  
No espontaneo pensar lançada a mente,  
Redobrando de força, qual redobra  
A rapidez do corpo gravitante,  
Vai discorrendo e achando em seus arcanos  
Novas respostas ás razões ouvidas.

Mas a noite declina, e branda aragem  
Começa a refrescar. Do céo os lumes  
Perdem a nitidez já desmaiando.  
Assim já frouxo o pensamento do Indio,  
Entre a vigilia e o somno vagueando,  
Pouco a pouco se olvida, e dorme, e sonha.

Como immovel na casca entorpecida  
Clausurada a chrysalida recobra

Outra vida em silencio, e desenvolve  
Essas ligeiras azas com que um dia  
Esvoaçará nos ares perfumados,  
Onde em quanto reptil não se elevára;  
Assim a alma no somno concentrada,  
Nesse mysterio que chamamos sonho,  
Preludiando a vista do futuro,  
A posthuma visão preliba ás vezes!  
Faculdade divina, inexplicavel  
A quem só da materia as leis conhece.

Elle sonha. . . Alto moço se lhe antolha  
De bello e santo aspecto, parecido  
Co'uma imagem que vira atada a um tronco,  
E de setas o corpo traspassado,  
Num altar desse templo onde estivera,  
E que tanto na mente lhe ficára.

— Vem, lhe diz: e ambos voam pelos ares.  
Mais ligeiros que o raio luminoso

Vibrado pelo sol no veloz gyro;  
E vão pousar no alcantilado monte,  
Que curvado domina o Guanabara.

Cerrado nevociro se estendia  
Sobre a vasta extensão do espaço em torno,  
E o topo da montanha sobranceiro  
Parecia um penedo no oceano.  
Mas o velario da cinzenta nevoa  
Pouco a pouco se foi descodensando,  
E rarefeito em fim em brancas nuvens  
Foi vagueando pelo azul celeste.

Que grandeza! Que immensa magestade!  
Que espantoso prodigio se levanta!  
Que quadro sem igual em todo o mundo!  
Onde o sublime e o bello em harmonia  
O pensamento e a vista attrahe, e leva,  
E faz que o coração extasiado  
Se dilate, se expanda, e bata e impilla

O sangue em borbotões pelas arterias!  
Os olhos encantados exorbitam,  
E lagrimas de amor nelles borbulham.  
Como as vibradas cordas de uma lyra  
De almo prazer os nervos estremecem;  
E o espirito pairando no infinito,  
Do bello nos arcanos engolfado,  
Parece alar-se das prisões do corpo.

Nitheroy! Nitheroy! como és formoso!  
Eu me glorio de dever-te o berço!  
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,  
Prolífica Natura, céo ridente,  
Legoa e legoa de prodigios tantos,  
Num todo tão harmonico e sublime,  
Onde os olhos verão longe deste Eden?

Não és tão bello assim, ceruleo golfo,  
Onde a linda Parthénope se espelha,  
Tão risonha e animada como a noiva

No dia nupcial leda se arrêa  
Para mais encantar do esposo os olhos!  
Não és tão bello assim, quando torrentes  
De purissima luz vão esmaltando  
Tuas mágicas vibas apinhadas  
De garbosas cidades, de palacios  
Entre bosquetes e odorosas tempes,  
E combros de ruinas gloriosas  
Da romana grandeza que inda choras.  
Ou quando no teu céo voluptuoso,  
Onde o ar perfumado amor inspira,  
Entre os cirios da noite alveja a lua,  
No mar mostrando ao longe a bella Capri,  
E a saudosa Sorrento, onde meus olhos  
Cuidam ver inda infante o egregio Tasso  
Brincando á sombra de frondosos louros.  
Ou mesmo quando inopinado ás vezes  
O teu volcanico monte, contrastando  
A brandura da doce Natureza,  
Horrisono troando e estremecendo,  
Das sulphureas entranhas arremessa  
Pela bocca infernal, de fumo envolta,

Altos jorros de lavas inflammadas,  
Como ardentes columnas crepitantes,  
Que estalam no ar, e rompem-se em chuveiros,  
E umas sobre outras cabem em catadupas,  
E torrentes de fogo, que lambendo  
Vão o seu dorso, avermelhando as nuvens,  
Meu patrio Nitheroy te excede em galas,  
Na grandeza sem par muito te excede!

A alma ardente do Indio enleada goza  
Contemplando esse mar que em flôr se quebra  
Nessas longinquas praias e enseadas,  
Que recortando vão da terra as orlas,  
Como uma argentea franja abrilhantada;  
E esses continuos montes verdejantes,  
Que o vasto Nitheroy cingem e fecham  
Como em profundo lago, salpicado  
De graciosas ilhas. Ah! disseras  
Um pedaço do céu cheio de estrellas,  
Guardado entre muralhas de esmeraldas!

Resupino gigante de granito  
Protege a entrada do remanso equoreo;  
E co'o pé colossal, penedo ingente,  
Ao longe mostra a barra ao viajante,  
Que absorto fica ao ver a maravilha!

Pouco a pouco essas terras, esses mares,  
Essas altas montanhas, essas ilhas  
Foram-se enchendo de prodigios novos;  
Como n'um panorama, invenção rara  
Do engenhoso Francez, mudam-se as scenas  
Pelo effeito da luz varia disposta.

O santo guia então dest'arte falla  
Com prophetica voz ao Indio attento,  
Cuja mente no sonho se aclarára:

« Volve os olhos áquella immensa varzea,  
Que desde o And'rahy ao mar se estende:

Não vês aquelles combros que branquejam,  
Enchendo todo o campo, entre os verdores,  
E se alongam em grupos alinhados  
Pelas praias e encostas das montanhas?  
É a nova cidade do Janeiro,  
Que em breve tem de ser alli fundada  
Co'a minha protecção. Formosa e grande  
Será como ora vês, cabeça illustre  
De todo o vasto Imperio Brasileiro,  
Do qual a Cruz será o alçado emblema  
Da sua liberdade e independencia.  
Vês tu como a cidade tanto cresce,  
Que já em torno della outras se elevam?  
Aquella que alli vês na opposta margem  
A linda Nitheroy será chamada.  
Quantas outras innumeradas cidades  
Neste Imperio da Cruz se irão erguendo!

« Olha agora p'ra o mar: eis-o sulcado  
Por essa multidão de ousados lenhos,  
Lus co'as velas bojadas, insufladas



Como expandidas azas branquejantes,  
Outros movidos pelo fogo interno;  
Que o engenho, inspiração de Deos aos homens,  
Governa a terra, o mar, o ar, o fogo.

« Vês tu aquella não apavonada  
De listões tremulantes, multicores,  
Soberba entrando a foz do Guanabara,  
Que a saída com brados jubilosos?  
Sabes quem nella vem? . . . Uma rainha,  
E seu filho e seus netos, descendentes  
Dos Reis de Portugal! Família illustre,  
Que deixa o paço avito, e a terra pátria,  
Para abrigar-se nesta plaga amena,  
E aqui fundar um Throno, e um Reino novo,  
Maior Reino que o velho que deixára.

« Eis erguido esse Throno! A elle sóbe  
João, sexto no nome entre os Reis Lusos;  
E o Brasil, que colonia supportára

Do altivo Portugal os duros ferros,  
Agora Reino irmão é proclamado!

« Porém inda é mais alto o seu destino,  
Que Deos assim o quer; e hade cumprir-se  
Apezar da ambição de homens mesquinhos,  
Que na sua vaidade leis dictando,  
Cuidam poder mudar as leis eternas,  
Que a marcha e a sorte das nações regulam.

« Oh quanto pôde o amor do patrio berço  
No humano coração, rei ou vassallo!  
Volta o Rei de seus pais ao velho Throno,  
Que abalado chorava a sua ausencia,  
E deixa o filho sustentando o novo,  
Porque a dôr de o perder o não destrua,  
E não se apague o amor que o elevára.  
Deseja o pai que o herdeiro dos seus Thronos  
Um só seja, e os reuna, e mande, e reine;  
Mas nem do Rei os calculos prudentes.

Nem do filho o respeito e a obediência  
Aos decretos de Deos resistir podem:  
E ambos, cedendo, mostram-se mais sabios  
Que esses, de orgulho cheios, que pretendem,  
Lá no congresso da longínqua Lísia,  
Com discursos e leis, e ferro e fogo  
De novo escravisar o Reino grande,  
Que quer ser livre, e póde, e deve sel-o!  
Como os homens são loucos quando intentam  
As nações sotopor aos seus caprichos!

« Pedro, o Príncipe herdeiro dos dous Thronos,  
Bem vê que um vasto mar os tem distantes,  
E que uma só vontade e um mesmo sceptro  
Já não podem unir nações distinctas;  
Quanto mais, nem seu peito em tal consente,  
Curvar e sujeitar a nação nova,  
Resplendente de brio e de futuro,  
Ao Reino Lusitano, que deslinha,  
É a quem tem elle de outorgar um dia

A antiga liberdade, e uma Rainha  
Filha sua, nascida nesta terra.

« Eil-o, egregio mancebo de alto porte,  
Dos filhos do Brasil já ladeado,  
E desse sabio Andrada, que se ufana <sup>1</sup>  
Co'os illustres irmãos de ter nas veias  
Sangue de Tib'riçá e dos Tamoyos.

« Eis o heroe lá nas margens do Ypiranga!  
Escuta sua voz; eil-o que brada:  
— Independencia ou morte. — Exulta, oh Indio!  
Exulta, qu'esse brado foi ouvido  
Desde o vasto Cruguay té o Oyapock;  
E os povos, que o escutam jubilosos,  
Bradam com Pedro: — Independencia ou morte!

« Um novo Imperio grande se levanta  
Onde o feliz Cabral a cruz alçára;

A cruz, símbolo santo de triumpho,  
De resgate e de gloria aos opprimidos:  
E Pedro, o defensor dos seus direitos,  
Ufano de o fundar sóbe a esse Throno,  
Que tem por base amor e liberdade.

« Vê que de balde derrubal-o intentam  
As armas desses feros Portuguezes,  
Que obedecem ao mando de um Madeira;  
E se lembram dos feitos singulares,  
Que seus avós no Oriente já fizeram.  
Vê que se trava sanguinoso pleito,  
Onde os Linhas se amestram corajosos,  
Defendendo o pendão da Independencia:  
E onde os netos illustres dos Vieiras,  
Do leal Camarão a par dos netos,  
Combatem pela mesma santa causa.

« Vê dos Tupis as descendentes tribus

Como alli se recordam que pelejam  
Contra os filhos dos seus perseguidores;  
E como nessa escola porfiosa  
Do novo Imperio os bravos se exercitam  
Para futuras lides e altos feitos.  
Alce-se o ferro contra o ferro alçado;  
Porém maldito quem provoca a lucta.

« Vê que a victoria fica aos defensores  
Deste Imperio da Cruz, da justa causa  
Que Deos ama e protege; e que lá fogem  
Tintos de sangue os feros inimigos  
Da nascente, brasilica liberdade.

« Saúda, oh Indio, a tua patria livre  
Do jugo contra o qual armas teu braço;  
E o espirito levanta a Deos Eterno,  
Que nunca deixa sem justiça os homens,

Pune os erros dos pais co'as mãos dos filhos,  
E prostra o oppressor aos pés do oppresso.  
Thronos cahem, thronos se erguem! Reis e povos  
Como as ondas do mar sobem e descem!  
Do pensamento humano o sopro ardente,  
Que da Razão perenne a luz recebe,  
As novas gerações inflamma e anima,  
Mão grado os antepostos refractarios!  
A vida é movimento, e a humanidade  
Como tudo caminha e se renova;  
Mas Deos, unico, immovel permanece:  
A seus eternos planos nada é tarde,  
Nada é cedo, tudo é quando ser deve,  
Que presentes lhe são os tempos todos.  
Como vês, n'um olhar, deste alto monte,  
O que andando verias pouco a pouco,  
Assim Deos tudo vê n'um só momento,  
Sem passado ou porvir tudo domina!  
E as almas puras, já do corpo extremes,  
Da terra pela morte resgatadas,  
Vêm co'os olhos de Deos o que estás vendo,  
Qu'inda é futuro p'ra os humanos olhos.

« Quero mostrar-te mais, o qu'inda mesmo  
Já passado causára espanto ao homem,  
Que as leis da Providencia desconhece,  
E harmonisar não sabe a coexistencia  
Da liberdade humana e do destino.

« Olha, e alli vê no meio da cidade  
Aquella vasta praça apinhoadá  
De longos batalhões, de povo em turmas,  
Que affluem dos quatro lados, como o sangue  
Afflue ao coração quando ha perigo.  
Não ouves o estridor da vozeria  
Como o som de longínqua trovoadá,  
Ou das ondas do mar o rumor surdo?  
Não vês como ao clarão da casta lra  
Relampejam em liúbas ondulantes  
Essas polidas armas erriçadas,  
Como si do inimigo voz de guerra,  
A santa paz e o somno perturbando,  
Ao combate chamasse essas phalanges?



« Sabe pois o qu'isso é. Uma palavra,  
N'um momento fatal articulada,  
Como a voz do destino alli retumba.  
O Fundador do Imperio abdica o Throno!  
Diz um adeos ás margens do Janeiro;  
Orphão deixa seu filho, teuro infante  
Qu'inda não pôde sopesar o sceptro,  
E mais tres filhas tenras sem defeza,  
Tanto elle creê no amor desse bom povo!  
E vai por alto impulso além dos mares  
Oppor-se ao proprio irmão em campo armado;  
Lihertar essa terra em que nascêra,  
Terra de seus avós, sempre querida;  
E firmar em seu Throno uma Rainha,  
A Segunda Maria, filha sua:  
E em fim morrer. O mundo dirá delle:  
—Soube ser cidadão, ser pai, ser homem  
Tendo nascido Rei.—E é quanto basta.

« Mas vê ao lado do auri-verde solio

Esse Infante gentil, que no seu berço  
Pelo sol tropical foi aquecido,  
E as auras respirou destas devezas,  
Que liberdade e amor bafejam n'alma.  
Vê o neto de Reis, de Pedro o filho,  
Desse prudente Lima acompanhado,<sup>2</sup>  
No seu paço, sem guardas que o defendam,  
Mas como o povo o ama! Como o guarda  
Com paternal cuidado e puro zelo,  
Sem que de imposto mando leve sombra  
Da espontanea afeição lhe offusque o brilho!  
Sublime proceder, que assás revela  
Como do povo o amor mais se dedica  
Quando menos se tenta escravisal-o!  
Grande lição aos Principes da terra,  
Que al pensando em tyrannos se convertem,  
Conculcando a justiça e a liberdade,  
Mananciaes de amor, de paz, de gloria;  
E cuidam que as phalanges sustentadas  
Co'o suor da nação escravizada  
São do Throno os esteios mais seguros:  
Erro fatal aos Reis, fatal aos povos!

« Oh que immenso futuro o Céu destina  
Ao Imperio da Cruz, e ao seu Mouarchia,  
Que com elle se firma, cresce e avulta!

« Mas não se fórma um povo de repente,  
Nem contam as nações sua existencia  
Por annos, tal como o homem conta a sua:  
Annos são dias, mezes são instantes  
P'ra o crescimento e a força dos Imperios:  
Por seculos, por seculos só contam!  
Condemnada ao trabalho a especie humana,  
Só co'o trabalho prosperar lhe é dado:  
A sciencia, a virtude, a paz são premios  
De mil lucubrações, de mil fadigas.  
E si um Pedro lançou do Imperio as bases,  
Outro o fará subir á mór altura,  
E a gloria, a força crescerão com elle.

« Mas antes que o Segundo, egregio Pedro,  
Viril genio mostrando em tenros annos,

Por voto da nação empunhe o sceptro,  
A discordia, accendendo a civil guerra  
Nos campos do Uruguay e do Amazonas,  
E do Hapicurú nas longas margens,  
Fará nascer, máo grado os seus furores,  
Novos amores e virtudes novas.  
Aqui e alli do velho Lima um filho  
Se ha de immortalisar, deixando á patria  
O nome de Caxias para exemplo <sup>3</sup>  
De bravura, justiça e lealdade.  
Como na essencia do homem força occulta  
Ao mal exterior resiste e o vence;  
Assim no seio da nação enferma  
Poder mysterioso a regenera.  
Tal é do mundo a lei, tal a harmonia,  
Que si o mal segue ao bem, tambem mil vezes  
Do mesmo mal o bem surge radiante,  
Como succede o dia á noite escura.

« Desse humano porvir, a Deos presente,  
O véo ergui, oh Indio, a um breve quadro,

Que nem tudo convém mostrar-te agora.  
Tu, que n'alma só vês a liberdade,  
Por quem soberbo affrontarás a morte,  
Sabe que o teu poder será vencido  
Por um poder maior e sobrehumano,  
Contra o qual dos mortaes forças não valem.  
Da verdade será essa victoria,  
E não d'aquelles que fruil-a aspiram,  
Que de tão longe vem após o ganho,  
Sem saber que outro fim mais alto os chama.  
Assim de Deos se ostenta a providencia,  
E o infinito saber, que espanta os homens.  
A verdade da Cruz sublime e santa  
Nestas incultas plagas brilhar deve,  
Porque a luz do Senhor não falte aos homens,  
Cujos pais a perderam por seus erros.  
Mas essa luz de Deos, que a Cruz reflecte,  
Não deslumbra a razão, não a escravisa,  
Nem aos pés de um tyrauno os homens prostra:  
Antes nos corações amor inspira,  
Paz, justiça, igualdade e liberdade,  
Que hão de com ella triumphar no mundo,

Posto que de seu brilho um pouco escassas,  
Porque as mãos dos mortaes tudo profanam.

« Como a agua da fonte pura emana,  
Mas no seu deslizar, sempre agitada,  
De terra envolta, a transparencia perde:  
Tal o supremo bem, a sã verdade,  
Emanação de Deos á intelligencia,  
No tropel das paixões, que se ante-elevam,  
Perde um pouco o fulgor e empallidece:  
Mas um só raio da verdade eterna,  
A caligem dos erros rechaçando,  
Basta para accender um sol de vida.  
E esse sol brilhar deve nestes climas!

« Indio, si amas a terra em que nasceste,  
E si podes amar o seu futuro,  
A verdade da Cruz accêita e adora.  
Que importa quem a traz ser inimigo,  
Si o bem fica e supera os males todos!

Bons e máos, tudo serve á Providencia!  
Como de um fructo putrido, lançado  
Sobre a terra, a semente germinando  
Nova arvore produz e novos fructos;  
Assim desses crueis, corruptos homens,  
Que vos flagellam hoje, um santo germen  
Aqui produzirá filhos melhores.  
Invencivel poder tem a verdade.  
Que o Christo do Senhor na cruz morrendo  
Legou aos homens todos—que se amassem.  
Amor é igualdade, paz, justiça,  
Fraternal união e caridade.  
Estas são as lições que a Cruz nos dicta. »

—Dai-me a cruz! — Brada o Indio mesmo em sonho:  
—Dai-me a cruz! A seus pés quero prostrar-me.

E uma alvissima cruz mais resplendente  
Do que a prata polida, e que o brilhante  
Ao luzir de um relampago, apparece

No céu sobre aureo fundo luminoso,  
Que em rosea vibração no azul se perde,  
Dolços sons de suavíssima harmonia  
Se evaporam nos ares perfumados,  
Estatico adorando o puro emblema,  
O santo guia ás nuvens se levanta  
Por dous alados Anjos sustentado:  
E o Índio absorto calhe sobre os joelhos,  
Na cruz fitando estatelados olhos,  
Mãos e braços erguidos, todo imóvel;  
Como si o espanto do prodigio immenso  
Petrificado lhe deixasse o corpo,  
E em seu arranco lhe soltasse a alma.

Mas o corpo que dorme, e a alma que sonha,  
Como si outra alma fosse em outro corpo,  
Diversa commoção experimentam.  
Da rede se alça o Índio mal desperto,  
E entre o sonho e a vigilia inda confuso,  
Vendo a grata visão esvacecer-se:  
« Salva-me, oh Cruz! » exclama, e de joelhos



Cahe attonito ao lado do Cacique,  
 Que tendo precedido o sol nascente,  
 Aos pés de um Crucifixo orando estava,  
 Como soia ao despontar da aurora.

Tibiricá se espanta, ergue-se, e brada  
 Co'um accento em que a fé se expande immensa:  
 « Tu me ouviste, oh Senhor! e tu venceste!  
 Tua palavra occulta e poderosa  
 Pôde mais do que a minha! Eis Jagoanharo  
 Por ti só convertido, que te adora!  
 E quem do teu poder duvidar pôde? »  
 E assim dizendo, e de prazer chorando,  
 Todo de santo amor assoberbado,  
 Terno se arroja aos braços do sobrinho,  
 E o aperta, e o beija, e titubeia, e arqueja,  
 E a voz lhe falla, e se redobra o pranto.  
 Após esses transportes jubilosos:  
 « Ah! vamos já, disse elle, prestos vamos  
 Ao nosso santo Anchieta, que na igreja  
 Certo já deve estar a Deos orando;

E talvez que já Deus por algum Anjo  
A tua conversão lhe annunciasse. »  
E ambos vão, um co'a mente em Deus só posta,  
E o outro só vendo o que sonhando vira.

Mas na praça da igreja o povo junto,  
Vozes e gritos a atenção lhes chamam.  
No meio do tumulto alguns selvagens  
Recente-chegados, velhos e mulheres,  
Co'as mãos p'ra traz ligadas, caminhavam.  
Param os dous: e Jagoanharo olhando,  
Oh encontro fatal, caso imprevisto!  
Com pasmo reconhece entre esses presos  
A formosa Iguassô, que ia chorando.

« Iguassô! onde a levam? . . . Brada e corre:  
Soltem-na já!... » E vai, e quer soltal-a;  
Empurra a quem se oppõe; muitos o expelleu.  
E luctando feroz se arroja, enfia  
Por entre as turmas qual bravo touro

Arremettendo a uns, prostrando a outros.  
A morte erguida em cem pontudos ferros  
Vai sobre elle cair; mas o Cacique,  
Que o segue, o antemura co'o seu corpo:  
« Não o matem! gritando: É meu sobrinho. »  
E ajudado d'alguns fieis amigos,  
Da confusão o arranca, e a custo o salva,  
Levando-o de rojão da igreja á porta.

Nisto alli se apresenta o padre Anchieta  
No lumiar da porta, acompanhado  
Dos discipulos seus, que orando estavam:  
E co'o gesto e co'a voz silencio impondo,  
Ouve a causa e as razões desse tumulto;  
Quem Jagoanbaro seja, ao que alli veio,  
E quem a presa indigena, que em pranto  
Longe já vai co'os vis que a captivaram.

Tendo Tibiriçá exposto o caso,  
O venerando Anchieta commovido:

« Jagoanharo, lhe diz, eu te prometto  
Que Iguassú voltará do pai aos braços.  
Vou tirá-la das mãos dos que a roubaram:  
Eu e Tibiriçá a entregaremos,  
P'ra que nada lhe falte, à tua prima,  
Esposa de Ramalho, em cuja casa  
Por nós será guardada e defendida.  
Vai em paz, filho meu; e dize a Aimbire,  
Dize a Pindobucú que sem receio  
Podem vir procurá-la e recebê-la. »

— Mas eu a quero já, lhe volta o Índio,  
Quero a Pindobucú levá-la eu mesmo. »

Porém Anchieta via que impossível  
Era nesse momento achar dispostos  
Os roubadores a entregar a presa;  
E só da persuasão branda empregada

Conseguir esperava o nobre intento;  
 E disto o Indio convencer tratava.  
 O que entendendo o irado Jagoanharo:  
 « Malvados! brada, oh perfidos traidores!  
 Assassinos cruéis! eu vos conheço!  
 E ainda fallareis de caridade?  
 Vossos pais o seu Deos crucificaram,  
 Derramaram seu sangue; e vós, infames,  
 Para mais insultar cobardemente  
 A esse Deos, que adorais por zombaria,  
 Vindes aqui roubar-nos e matar-nos  
 Com palavras de amor, a cruz mostrando.  
 Branca era a cruz que eu vi; a vossa é negra  
 Como as vossas acções e as almas vossas!  
 Eu chamo o vosso Deos para punir-vos,  
 E contra vós lhe off'reço os nossos braços. »

Isto dizendo, parte irado e insano,  
 As margens ganha, e na canõa entraudo,  
 Remando vai co'os dous que o esperavam,  
 E já de foz em fóra inda pragueja.

Assim as acções más, que aos olhos fallam,  
Destroem da sã doutrina o doce effeito.  
Como um som a palavra se evapora,  
Si a par della os exemplos de virtude  
Não vão ao coração, não o edificam.

---

**CANTO SETIMO.**

## ARGUMENTO.

---

Em quanto os Tamoyos esperam que Jagoanbaró volte com a resposta de Tibiriçá, parte Aimbire, só acompanhado de Parabuçu, para ir buscar os ossos de seu pai. — Seus presentimentos. — Chegam ao lugar, desenterram a igacaba, e vão lançar fogo á casa de Braz Cubas. — Salta este pela janella; Aimbire o aferra, e o leva de rastos ao pé da igacaba. — Lança-lhe Aimbire em rosto todas as suas crueldades; e no momento de matal-o apparece-lhe Maria, filha de Braz Cubas. — Enternecido pelos seus rogos, parte Aimbire sem vingar-se. — Motivo porque assim praticou. — Enterram a igacaba no Cairuçu, e voltam para o campo. — Sofrimentos de Iguassú. — Tenta Anchieta tiral-a do poder de Francisco Dias, e este-lhe responde descortezmente. — Divulga-se em São-Vicente a noticia que os Tamoyos se preparam a ir atacar a villa. — Susto dos seus habitantes e pregações dos padres.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

### CANTO SETIMO.

Além do Cairuçu surge de um lago,  
Na serra da Bocaina, o Parahyba,  
Que antes de receber o rico feudo,  
Que de Ubatuba traz-lhe o Parahybuna,  
Piratinga inda pobre se nomeia.  
Corre o rio, que após caudal se torna,  
Seguindo a direcção da serra  
Paraná-piacaba, ao mar vizinha,

Que pela costa alonga-se alterosa,  
Coroada de espessas, verdes mattas,  
Como o Parnazo e o Olympo jamais viram  
Nos tempos em que os vates fabulando  
De allos Numes seus bosques povoaram.

Nestas virgens devezas, entre as grimpas  
De successivos montes, donde emanam  
Centenares de arroios crystallinos,  
Á sombra dessas selvas gigantescas,  
Os fogosos Tamoyos esperavam,  
Por conselho dos velhos mais prudentes,  
A resposta devida a Jagoanharo.

O valente Araray, honrar cuidando  
O irmão Tibiriçá, dizia a todos  
Que elle, cedendo aos rogos do sobrinho,  
Do Tamandataly deixando as margens,  
Prompto viria co'a guerreira tribu,  
Que de Piratininga os campos enche.

« Impossível em creio, assim dizia  
O pai de Jagoanbaro, que um Cacique,  
Um Guayaná tão vil mostrar-se queira,  
Que esquecido do irmão e do sobrinho  
Se arme p'ra defender estranhas gentes,  
Ou se deixe ficar em ocio indigno. »

Araray! tu não sabes quanto imperio  
Tem uma ideia nova, grande e santa,  
Que a alma penetra, o coração subjuga,  
E doma, e vence os naturaes affectos!  
Uns pela gloria as vidas barateam,  
Outros a morte pela patria affrontam,  
Dão-se alguns á verdade em holocausto,  
E outros em sacrificio a Deos se votam:  
E cada qual da ideia que o domina  
Ao mago impulso, tudo o mais desdenha!  
Tibirigá por Christo a patria olvida,  
Sacrifica o irmão, deixa os amigos,  
E por Anchieta e Nobrega contente

Contra os seus se apparelha, tendo em gloria  
A causa defender dos Portuguezes,  
Que elle crê ser de Christo a santa causa!  
E si elle errasse, a crença o desculpara.

Mal transmontava o sol puro e radiante,  
E entre os seus archóes auri-purpureos  
Como um sublime adeos dizia á terra,  
Que elle deixava com amor sandoso.

E aonde vai tão pensativo Aimbire  
Pelos andurriaes dessas alturas,  
Só do irmão de Iguassú acompanhado?  
Onde vão elles sós, quando da noite  
Já placido susurra o vago sopro  
Por entre as invias, solitarias mattas,  
Onde recém-surgidas dos casulos  
Esvoaçam esphinges e phalenas?  
Ao ver um após outro esses dous vultos  
De agigantado porte e tez queimada,

Caminhando ao luar silenciosos,  
Por dous genios da noite os tomarias:  
E no incerto clarão, entre mil sombras,  
Em azas ponteagudas convertêras  
Esses feixes de settas emplumadas,  
Que das costas lhes pendem tremulantes.

Tinham já muito andado os dous amigos  
Sem que palavras entre si trocassem,  
Seguindo sempre a direcção de um rio,  
Dos muitos que sem nome humildes correm,  
Quando Parabuçú a voz erguendo:  
« Ao que pensas, Aimbire? Estamos longe? »

Aimbire para o céu erguendo os olhos,  
E ao Cruzeiro do Sul depois volvendo-os,  
Lento responde:— Não, . . . Mais alguns passos.

« E chegaremos nós co'o sol nascente? »

— Muito, muito antes que madrugue a aurora,  
Quando a lua chegar do céu ao meio,  
Devemos nós lá estar. . . Já perto estamos.

« Não ouves um rumor? »

— Sim; é o rio,

Que alli mais adiante se despenha,  
E depois mais abaixo á esquerda volta,  
E vai surgir na varzea. Pouco falta.

« E não te enganarás chegando ao sítio? »

— Presente o tenho; e como que estou vendo  
Meu velho pai ao tronco recostado  
Do grande ipê, que está do rio á margem,  
Perto de alguns palís e araçazeiros.

« Existirá o ipê? ou já queimado  
Terá servido ao fogo do Emboaba? »

Aimbire suspirou, e nada disse.  
Assim com grande pausa ambos fallavam,  
Como si em outra cousa ambos pensassem.  
Dados mais alguns passos, novamente  
O irmão de Comorim frio pergunta:  
« No que pensas, Aimbire? »

— Eu?

« Sim. »

— Pois dize

Tu primeiro.

« Vinha eu pensando agora. . .

E ambos — em Iguassú — dizem a um tempo!  
Por um momento os passos suspenderam,  
O folego, o fallar, como si attentos  
Seus corações presagos consultassem,  
Ou como si dos genios das florestas  
Quizessem escutar algum annuncio.

« Pensava em Iguassú, prosegue Aimbire:  
Como que a ouvia, que por mim chamava,  
Com voz tão sufocada e tão sentida  
Que de susto e de dôr me enchia o peito. »

— E eu como que a via, diz-lhe o amigo,  
Cabir nas mãos dos feros Emboabas.

« Não mais, Parabuçu! Que ousas dizer-me?  
Não mais; que essa lembrança me horrorisa!  
Ah quando terão fim nossas desgraças?  
Muito temos soffrido; e muito ainda,  
O coração m'ô diz, soffrer devemos.  
Que alluvião de males nos trouxeram  
Esses homens cruéis, que horrída guerra,  
Ou dura escravidão nos dão á escolha!  
Irmão de Comorim, ah tu não sabes,  
Não, tu não sabes o que é ser escravo!  
Não ser senhor de si, viver sem honra,  
Acordar e dormir sem ter vontade;



Calado obedecer com rosto alegre,  
Soffrer sem murmurar, comer chorando;  
Trabalhar, trabalhar ao sol e à chuva,  
E isto p'ra que um senhor tranquillo viva! . . .  
Ah! tu não sabes o que é ser escravo;  
E eu sei o qu'isso é. . . Quando em tal penso  
Abraza-me o furor. . . Meu pai, coitado!  
Na escravidão morreu: e si inda eu vivo  
É só para vingar tão grande infâmia.  
Elles n'ó pagaráõ co'um mar de sangue!  
Podesse o mar rolar os seus cadav'res  
Até ás praías que embarcar os viram,  
Que eu ás ondas seus corpos arrojara,  
P'ra que fossem de uós levar noticia  
Aos amigos e irmãos que lá ficaram. »

Dest'arte discorrendo os dous chegaram  
A um valle, onde por terra se estendiam  
Ingentes troncos de arvores annosas,  
Que os machados a custo derrubaram,

E o logo a cinzas reduzira os ramos,  
P'ra dar campo ao mesquinho pasto do homem.  
Enorme jataby, que n'al cortado  
Junto á raiz, co'o peso desabára,  
Atravessado estava sobre o rio  
Como uma ponte enraizada á terra.  
Passam por elle os dous; e além saltando,  
Perlustra Aimbire o sitio e o reconhece,  
Máo-grado tantas arvores soberbas  
Prostradas pelo chão. . . Vão-se-lhe os olhos  
Por esses negros troncos gigantescos,  
Como esqueletos de Titanea raça,  
Que o tempo conservára. . . Um calafrio  
Como o sopro da morte ao peito auciado  
O sangue lhe reflue. . . Reccia, teme  
Não achar o que busca. . . Avança os passos  
Pela margem do rio; e avante enxerga  
Negrejar ao luar o immenso vulto  
Do grandissimo ipê tão desejado.  
Como afanoso o coração lhe bate!  
— Eil-o! — brada; e correndo abraça e beija,  
E rega com seu pranto aquelle tronco

Junto ao qual enterrára a igaçaba,  
Que de seu velho pai guardava o corpo.

Trabalhando á porfia os dous amigos  
Cavam o chão, e a urna desenterram.  
Ao vê-la, o pio Aimbire enternecido  
Exclama: « Oh Cairuçá! guerreiro illustre,  
Que depois de uma vida gloriosa  
Tão malfadada foi tua velhice,  
E acabaste de dôr no captiveiro.  
Oh Cairuçá, meu pai! Desde essa noite  
Em qu'eu neste torrão guardei teus ossos,  
A sós, sem testemunha além da lua,  
Que hoje o camuho alumiar me veio;  
Desde essa noite, em qu'eu jurei vingar-te,  
Um dia só não tive de repouso.  
Assás luctado tenho, e inda não basta.  
Desta terra banhada com teu pranto,  
Terra de escravidão, que a um senhor nutre,  
Tirar venho teu corpo. . . Outro jazigo  
Te darei nesse monte ao mar fronteiro,

Que o teu nome terá para memoria,  
E onde os passos do barbaro estrangeiro  
Não mais farão estremecer teus ossos.  
Mas antes qu'eu te leve, atroz castigo  
Devo dar ao cruel que incauto dorme.  
Inda um momento espera; um bom amigo  
Aqui está p'ra ajudar-me. »

E tendo dito,

Vão os dous pelo campo recolhendo  
Gallios sêccos e fôlhas de coqueiros;  
E dous feixes formando, enormes feixes  
Atados com cipós, os põem às costas,  
E seguem por um trilho, entre cauteiros  
De milho e mandioca, até que avistam  
N'um pequeno terreiro uma fogueira,  
Que ou por prazer accendem cada noite,  
Ou para afugentar nocivas feras;  
E ao lado da fogueira uma choupana  
De mesquinhas senzalas rodeada.  
E mostrando-as Aimbire ao companheiro:  
« Nesta o cruel senhor, diz elle, habita;  
E naquellas os miseros escravos. »

E á choupana central se approximando,  
Junto aos esteios põem os combustíveis,  
E contra a porta em calculados montes;  
E do vizinho fogo accensas brazas,  
E inflammados fições em palha envoltos,  
Vão aos feixes lançando. Asinha o fogo,  
Pelo vento assoprado, arde e crepita;  
E o incendio chispando avulta e cresce,  
E em torno a casa lava e a cerca toda.  
Denso fumo nos ares se enovela,  
E as labaredas tremulas se elevam  
Lambendo as beiras do sapê do tecto:  
Já sobre elle voando á cuniceira,  
De um lado e d'outro as chammas se confluem  
Com vermelho clarão ao céu subindo.

Entretanto defronte da janella  
Vai Ambire postar-se, e attento espera,  
Tal como o caçador espera a caça  
Que o cão foi levantar dentro da mouta.

Eis abre-se a janella; e um vulto de homem  
 Espavorido se ergue, mal envolto,  
 Hirsuta a coma, os olhos desvairados,  
 Pallido todo, e ao chão se atira e corre,  
 Como um phantasma que abre a campa e foge,  
 Ou alma que do ardente inferno escapa.  
 Aimbire o reconhece, e prompto o aferra,  
 Como um demonio aferra a alma damnada  
 Que por pacto infernal lhe está sujeita.  
 E arrojando-o por terra enfurecido,  
 O leva de empurrões, quasi de rastos,  
 Té ao tronco do ipê, junto á igaçaba.

« Olha p'ra mim, Braz Cubas! brada o Indio  
 Com rouca, horrenda voz e um riso hediondo:  
 Olha-me bem, e vê si me conheces?  
 Não quero que tu morras sem que saibas  
 Quem se vingará de ti, dando-te a morte. »

Á tal ameaça a victima tremendo

Mal pôde articular: — Piedade, Aimbire!  
Tem compaixão de um pai.

« De um pai, tu dizes?

Eu tambem tive um pai; e tu, malvado,  
Delle e de mim piedade não tiveste.  
Dentro desta igaçaba jaz seu corpo  
Pedindo o sangue teu. »

— Porque? A vida,

Não a morte, lhe eu dera, si podesse.

« Sim, porque elle vivendo te servira,  
E eu inda hoje seria teu escravo.  
Escuta: quando tu p'ra aqui vieste,  
Ha muito tempo já, mulher eu tinha  
Tão bella como a lua que estás vendo,  
Tão joven, delicada, e tão mimosa  
Que outra esposa qual ella não havia;  
E um filho me devia dar bem cedo,  
Do nosso terno amor primeiro fructo.

Tu a viste, e não sei si a cubicaste.  
 E um dia, que eu caçando longe andava,  
 A vejo vir correndo, tropeçando  
 Pela montanha acima, já sem forças,  
 Quasi a vida exhalando. Corro á ella,  
 Nos braços a recebo; e ella cahindo,  
 Apenas dizer pôde:— os Emboabas!  
 E alli do susto e da fadiga exhausta,  
 E das dores talvez tendo a criança,  
 Num tremor expirou a malfadada,  
 A tão cara Potira, esposa minha. »

— E será minha a culpa?

« Sim: e que outros

Senão tu junto aos teus a perseguiram?  
 Escuta ainda mais: passados tempos,  
 Tu em paz com meu pai viver fugias.  
 Um dia acompanhado o acommetteste,  
 E como minha mãe te ia fugindo,  
 E gritando por mim que a soccorresse,



Tu apressado após lhe deste um tiro,  
E a mataste, cruel, dentro do matto.  
Preso meu pai trouxeste, e uma criança;  
E entregar-me vim eu ao captivoiro  
Para estar com meu pai e minha filha,  
E sobre elles velar. Si não matci-te  
Foi só porque esse velho e essa criança  
Não podiam na fuga acompanhar-me,  
E aqui ficando os teus os matariam.  
Lembras-te tu do pobre Guaratiba?  
Tu a um tronco o amarraste, em cuja base  
Havia um formigueiro, e o acontaste  
Até fazer saltar co'o sangue a pelle  
Das costas, que uma chaga lhe ficaram:  
E as formigas, em chusmas negrejando  
Sobre o convulso corpo, o remordiam!  
E eu, á casa voltando do trabalho,  
E vendo-o assim, por elle intercedendo,  
Tu furibundo me disseste:— O mesmo  
Tambem a ti farei, se ousado fores!—  
Guaratiba morreo martyrisado!  
Assim a esposa, a mãe, o pai, o amigo,

Tudo quanto eu amava me roubaste.  
Sabes em fim quem sou. . . Agora. . . morre! »

« Perdão para meu pai! perdão, Aimbire!  
Ah não mates meu pai! » Assim bradando  
Uma gentil menina, mal envolta  
Numa alva de dormir, se arroja ao collo  
Da victima, que jaz de susto immovel.  
« Ah não o mates, não. » Seu debil corpo  
Cobre o corpo do pai; e um braço alçado  
Como que apara o golpe, ou que o conjura.

Apjo da guarda alli do céu baixado  
Para salvar o peccador da morte,  
Tanto assombro ao Tamoyo não causára,  
Como essa apparição tão repentina,  
Que da lua ao palor, em tal soidade,  
Mais inspira terror mysterioso.  
O braço herculeo, que vibrava a maça  
Prestes a desfechar o mortal golpe,

Por instantaneo encanto no ar estaca.  
Recúa Aimbire o corpo, e apavorado  
Olha, e como que a si dubio pergunta:  
Si é verdade o que vê, ou si é um sonho.  
Em seu rosto feroz vagando o pasmo,  
Desfaz-lhe o senho, e lhe descerra os labios.  
E a piedade em seu peito o arquejo expande.

Elle enfim reconhece essa menina,  
Esse anjo tutelar. — Maria! exclama:  
Pobre Maria, és tu?! — E involuntario  
Um movimento faz para abraçal-a;  
Mas vendo alli o pai, o rosto volta,  
Dizendo: — Não tens sangue que me farte.  
Vamos, Parabuçú! vamos, partamos. —  
E tomando a igaçaba asinha fogem.  
Outros heroes mimosos da fortuna,  
Por atilocos vates celebrados,  
Nunca, brandindo da vingança o ferro,  
De tão grande piedade exemplos deram.

Pai e filha alli ficam quebrantados,  
Do susto o pai, e do heroismo a filha.

Já longe iam os dous; nem mais os olhos  
Voltaram para traz. Surgia a aurora,  
E Aimbire ao companheiro assim dizia:  
« Fraco talvez me julgues e cobarde,  
Que commovido á voz de uma menina,  
Deixei com vida o barbaro assassino,  
Mallogrando a fadiga de apunhal-o,  
Quando eu para faltar minha vingança  
Tinha a filha e o pai sob um só golpe.  
Porém essa menina que alli viste,  
Maria, aqui nasceo nos nossos bosques  
De uma boa mulher da nossa terra.  
Mil vezes em meus braços carreguei-a,  
E mil vezes chorando a mim corria,  
Quando seu duro pai a castigava.  
Ella com minha filha sempre unidas,  
Como duas irmãs da mesma idade,  
Me adoçaram o horror do captiveiro.

Quando eu voltava á casa e lle levava  
Alguns ovos de anuns, ella contente  
Se lançava a meu collo, e me beijava.  
Pobre Maria! tudo quanto tinha  
Comigo e minha filha repartia!  
Ah! eu a vi chorar junto ao cadaver  
De meu infeliz pai; que tanto a amava.  
Ella o cobrio de flores; e eu guardei-as  
Co'os restos de meu pai nesta igaçaba.  
Eis porque suas lagrimas, seus rogos,  
Todas essas lembranças reavivando,  
Ante seu pai meu braço desarmaram. »

—Mas porque do cruel não te vingaste?  
E contigo Maria não trouxeste?—

« Nem de tal me lembrei nesse momento.  
Tu não és pai; si o fôras me imitáras.  
Meu coração de pai, posto que irado,  
De uma criança ao pranto se enternece,

Como na guerra de furor acceso  
Nem com rios de sangue se contenta.  
Sou eu da raça dos tyrannos nossos  
P'ra matar ou roubar pobres crianças? »

Ao descahir do sol d'aquelle dia  
Abhelantes os dous emfim chegaram  
Ao cimo do elevado promontorio,  
Que inda hoje Cairuçu se denomina.  
Alli em frente ao mar, n'um sitio agreste,  
Onde talvez ninguem antes pisára,  
Déo Aimbire á igaçaba novo asylo,  
E ao corpo de seu pai descanso eterno.  
Depois os dous Tamoyos murmurando  
Um cantico funereo, p'ra o jazigo  
Grossa pedra arrastando o sigillaram.  
Então o terno filho alçando a fronte,  
E os braços para o céu: « Oh tu (impreca),  
Oh tu a quem os raios obedecem,  
E que pelo trovão aos homens fallas,  
Ou te chames Tupan, ou Deos te chamem,

Escuta minha voz, cumpre meus votos:  
Si jamais algum perfido estrangeiro  
Nesta pedra tocar, fulmina o impio  
Co'um prompto raio teu, e a pó reduz-o. »

O dever filial assim cumprido,  
Ao campo seu regressam satisfeitos.

Entretanto Iguassú, fiel amante,  
Quasi esposa de Aimbire, amargurada  
Soffria esse viver do captivo  
Longe do que era seu, do qu'ella amava.  
Mas Jagoanharo a vira; e doce esp'rança  
Fagueira como o zephyro da tarde  
Após calmoso dia, embebecendo-a,  
Lhe antepunha correndo o pai, o amante,  
O irmão, a taba toda p'ra salva-la.  
Nos devaneios seus de dar-se a morte,  
Constante aspiração do peito afflicto,  
Essa doce esperança a vigorava

P'ra viver e lutar, nobre esquivando  
Do seu torpe raptor a impudicicia.  
À força do brutal Francisco Dias<sup>1</sup>  
Ella oppunha essa força sobre-humana,  
Que ao feminil recato o céo inspira.

Com ella muitas outras jovens Indias  
Raptadas tinham sido pelo bando  
Que Dias caudilhára; e na partilha  
P'ra si este a tomára por mais bella,  
Que por isso à excursão movêra os outros,  
Companheiros no crime, mãos como elle.

Oh misera Iguassú, deixa que eu cale  
As repetidas luctas que tiveste,  
Teu egregio valor, tua constancia:  
Sim, tudo calarei, para furtar-me  
Ao pejo de narrar os cruceis tratos,  
E os lascivos ataques desse infame,  
Que para escrava impura te queria,



Sem respeitar a tua terra idade,  
Não se deleita a Musa que me inspira  
Com scenas que ao pudor as faces coram.

Grande rumor causára em São-Vicente  
O caso de Iguassú e Jagoanharo,  
E a noticia fatal que dera a Anchieta  
O chefe Guayaná, de que os Tamoyos,  
Pelo impavido Aimbire commandados,  
A villa em copia ingente ameaçavam.

Foi ter Anchieta co'o soberbo Dias,  
E com brandas palavras descreveo-lhe  
O castigo a que a villa estava exposta  
Por causa do viver licencioso  
Dos que andavam os Indios provocando  
Com rapinas e mortes; e rogo-lhe  
Que para remover maiores damnos  
Lhe entregasse Iguassú; que elle queria  
Os Indios desarmar restituindo-a

Aos seus, que irados vinham libertal-a.  
Que elle dêsse esse exemplo de virtude,  
A fim que os mais colonos o imitassem,  
Libertando os selvagens captivados,  
E de uma vez cessando de ir caçal-os.

Porém o Dias, qu'entre os seus consocios  
Das prégações dos padres murmurava,  
E contra elles movia surda intriga,  
Aproveitando o ensejo, respondeo-lhe:  
« Padre, és tu Portuguez, ou és selvagem?  
Que andas tu contra nós sempre bradaudo,  
Sempre a favor de uns animaes sem alma?  
Desconfio de tanta santidade.  
Queres á custa nossa, e em nosso damno,  
Conquistar o amor desses selvagens,  
Só para ás vossas leis tel-os sujeitos?!  
Não tendes vós tambem Indios escravos?  
Dai-lhes embora o nome que quizerdes,  
Que escravos são os que p'ra vós trabalham.  
Padre, vai-te com Deos prégar aos bosques.

Não dou-te a Índia; si eu a quiz, caciei-a.  
Deixa-me em paz. » E assim dizendo, foi-se.

A tão impia resposta o brando Anchieta,  
A quem só forças dava a caridade,  
Levando as mãos aos olhos, e enxugando  
As lágrimas que a flux lhe borbulhavam,  
Num suspiro exclamou: « Ah pobres homens!  
Sempre a Deos e á razão cegos e avessos!  
E a quem sempre a verdade escandalisa! »

Livre fez Deos o homem; razão deo-lhe  
Que o bem do mal distingue; leis sagradas,  
Inatas e prototypas gravou-lhe  
No coração, porque guias lhe sejam  
Na pratica do bem, do justo e santo,  
Porque lhe aplaquem das paixões a furia:  
E si contra essas leis o homem pecca,  
Aos olhos da razão elle é culpado,  
Responsavel a Deos: e o crime é do homem,

Porque Deos o fez livre. Oh liberdade!  
Comtigo o mal e o bem, a essencia humana!  
Sem ti do bruto a essencia, o fatalismo!

Era grande o temor em São-Vicente,  
E em seu capitão-mór Pedro Collaço,  
Que essas guerreiras tribus colligadas  
Como a enchente a colonia aniquilassem.  
E os dous servos de Deos, mais corajosos  
Que os escravos do inferno e do egoismo,  
Pelas praças prégando se esforçavam  
Para inspirar ideias de justiça  
Aos colonos, affeitos ao vil trato  
De caçar e matar os pobres Indios.

Apostolos de Christo, austero Anchieta,  
E tu, Nobrega, em vão, em vão bradavas:  
« Iguaes os homens são; e christãos devem  
Abraçar seus irmãos, do erro salvá-os,  
Guiá-os ao Senhor, morrer por elles,

E não mata-os como fazem lobos.  
Vós aos Índios chamais brutos sem alma,  
E assim credes poder escravisal-os.  
Mas o que desses brutos vos distingue?  
Que exemplos vós lhes dais que os edifiquem?  
Quando alguns dentre vós té mesmo, oh crime!  
A comer carne humana os aconselham! . . .<sup>2</sup>  
Tremei, oh Lusos, da justiça eterna.  
Deos não nos enviou do antigo mundo,  
Estrada abrindo em não trilhados mares  
A esta ignota plaga, p'ra flagello  
Destes miseros homens. Não, oh Lusos!  
Nossa missão é outra. A luz da Europa,  
Não seus erros, aqui mostrar devemos.  
Esta é a terra santa e hospitaleira,  
Onde á sombra da Cruz a liberdade  
Deve co'os homens repartir justiça.  
A Cruz ergamos, sim, a Cruz de Christo,  
Signal de redempção; a Cruz que outr'ora  
No Capitolio alçada salvou Roma,  
Como a arca santa, que salvou das aguas  
A antiga geração. Da Cruz em torno

Estas gentes de Deos a luz recebam,  
Como em outra éra os barbaros do Norte  
A seus pés cahir viram do erro a venda.  
Amor, fé, esperança e caridade,  
Eis do Cordeiro as armas invenciveis!  
Christo com ellas conquistou o mundo;  
Vós com ellas os Indios venceremos,  
E não com ferro e fogo. Ouvi, oh Lusos,  
As palavras do ceo, não as do inferno. »

Assim bradavam, mas em balde, os padres,  
Santificando as maximas sublimes  
Co'o firme exemplo de uma vida pura;  
E a caridade e a fé os roboravam.  
Não só desertos da Thebaida viram  
Milagres de constancia: o justo Auchieta  
E o venerando Nobrega aquí deram  
De virtudes christãas exemplo novo.  
Eram d'aquelles que paixões terrenas  
Co'o manto de Jesus não encobriam.

**CANTO OITAVO.**

## ARGUMENTO.

Satanaz, inspirando criminosas paixões nos corações dos valerosos Portuguezes, os revolta contra os padres; mas o seu triumpho é ephemero. — Renue Tibirigá todos os de sua tribo, e levando fogo ás suas plantações e choças, marcham para São-Vicente em defesa dos padres. — Desesperação de Amibire ao receber a noticia do captivoiro de Iguassú. — Partida das canoas, e cantico dos remeiros. — Chegada a São-Vicente. — O ataque. — Fritos dos principaes chefes. — Morte de Braz Cubas pelas mãos de Amibire. — Lucta Jaguarhao com Tibirigá, que o mata, e o baptisa antes de expirar. — Visão de An-elivá. — Salva elle da igreja com Iguassú, e vai entregal-a a Amibire. — Cessa o combate, e retiram-se os Timoyos.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

---

### CANTO OITAVO.

Contra os poucos athletas do Evangelho  
Um fatal inimigo conspirava,  
Aculeando os proprios Portuguezes.

Satanaz, rei do inferno, a quem só prazem  
Crimes, destruições, afflicto via  
Medrar a nova lei no Novo Mundo,

Costumes evangelicos, em troco  
De bruta crença e barbaras usanças.

Incansavel inimigo, em odio acceso,  
As paixões invocava socias suas;  
As paixões, que de côres mil se trajam,  
Mil fórmias tomam, mil aspectos mostram.  
Mil linguagens ostentam, mil encantos:  
Mas de todas Satan conhece a origem,  
Conhece a força, o caso, o tempo proprio  
De chamar-as a si. Sempre por ellas  
Sobre a terra imperou, dêo leis aos homens,  
Cidades arrasou, reinos, imperios.  
Ora amor, ora odio, ora a cobiça,  
Ora a vingança e a colera accendendo  
Nos corações dos homens; qual astuto  
Sophistico rhetorico, que entecia  
O incauto ouvinte, que enganar se deixa  
Encantado e sem fim a seu capricho;  
Satan dest'arte, o senso fascinando,  
Esualta o erro de brilhantes côres,

E antepõe a mentira aos olhos do homem  
Adornada co'as vestes da verdade:  
E o homem, que até no erro acertar cuida,  
Pela paixão guiado, escravo della,  
Ante o phantasma enganador se prostra,  
E canta o seu triumpho, e a si se applaude!  
Ai misero! e tão cego que cem vezes  
Repelle, insulta a quem salva-o intenta!  
Assim entre os narcoticos vapores  
Do fumo do opio, a moribunda victima  
O antidoto recusa, imaginando  
Vital somno dormir, e dorme,.... e morre!

Anjo. outr'ora da luz, hoje das trevas,  
Oh Lucifer maldito! o céu perdeste  
Pelo orgulho; e os mortaes, que obra é já tua,  
Arrastas pelo egoismo á nova perda!

..  
Já das trevas o rei jactancioso  
Cantava o seu triumpho, revoltando

Contra os dois eremitas os colonos,  
 E em seu proprio interesse lhes fallava.  
 A uns, para excitar maior despeito,  
 Ironico dizia: « Como, oh Lusos!  
 Não ouvís os conselhos de Anchieta?  
 Soffri o ardente sol deste igneo clima,  
 Trabalhai, e regai co' o suor vosso  
 A conquistada terra, em quanto os Indios.  
 A quem deveis respeito e amor fraterno.  
 Livres pelos desertos se recream.  
 Elles senhores são, e vós escravos!  
 Si elles vos atacarem, pacientes  
 Supportai suas flechas matadoras:  
 Que das vossas cabanas se apoderem:  
 E vós orai a Deos, morrei humildes. »

A outros com sophisticas arengas,  
 Em teor philosophico dizia:  
 « O homem marcha ao bem por lei do instincto:  
 É seu guia o prazer: virtude e vicio  
 São vans palavras: o interesse é tudo.

Na Grecia, em Roma ao vencedor foi dado  
A seu grado dispôr dos seus vencidos,  
A escravos reduzil-os ou matal-os.  
É vasto campo de batalha a terra,  
E oppostas forças sem cessar se embatem  
Por lei da Natureza: a vida e a morte  
Surgem deste conflicto; e a Natureza  
Apoia os fortes quando os fracos gera.  
Justiça é o poder, direito a força,  
E do mando a razão 'stá na victoria.  
Guerra aos barbaros, guerra! Ou vós, ou elles,  
Oh Romanos desta era! a vós a gloria  
De imitar a rainha do Universo.  
Vêde os frios Bretões, Gallos, Germanos  
Ceder á Roma a terra de Teutates,  
Depois de em vão regal-a com seu sangue,  
Palmo a palmo pleiteando-a ao pé romano.  
Assim, oh vós de Viriato prole,  
Se curvarão os barbaros Tamoyos;  
E elles, que os tiros vossos hoje affrontam  
Com voadoras flechas, hão de um dia  
Humildes acceitar vossas cadeias,

Arar por vós a terra que defendem,  
Por vós lutar contentes como escravos.  
Guerra aos barbaros, guerra! Avante, oh Lusos!  
Não vos deixeis levar de vans palavras  
De caridade e amor, com qu'esses padres  
Vosso brio e valor domar pretendem.  
Os fallaces discursos de Anchieta  
São mais fataes que as settas dos selvagens.  
Guerra, guerra a quem fôr vosso inimigo. »

Cada colono murmurar ouvia  
Estes e outros discursos corruptores  
No fundo de sua alma; e repetindo-os,  
Como si fosse inspiração divina,  
Cegos e revoltados contra os padres,  
De Satan o caminho iam trilhando,  
Aos tigres imitando na fereza.  
Roubar, Indios matar era a virtude  
Que cada qual em publico ostentava.  
E assim os corações se embruteciam,

O lume da razão se anuviava,  
E o rebanho de Christo ia mingoando.

Mas si na dura prova é dado ao inferno  
De chammas fornecer o altar terrivel,  
Expiatorio altar, onde se apuram  
As virtudes christãs das paixões átras;  
Qual o ouro no chrysol em fogo envolto,  
Em terra e em cinzas, mais se purifica,  
Perde as fezes, e limpo se condensa;  
Gozar não pôde o inferno o seu triumpho.  
A razão sempre vence, ou cedo, ou tarde.  
A lei da Providencia é infallivel,  
Por ella a humanidade ao bem caminha.

O perigo que ameaça esses colonos,  
Ameaça talvez a igreja e os padres:  
Ah! e só isso os salva; que a virtude  
Dos bons tambem aos máos serve de amparo:  
Como n'um campo, que verdeja apenas,

Para poupar-se o grão que desabrocha,  
Se deixa com pezar crescer o joio.

Tibiriçá de amor todo abrasado,  
Co'um zelo de christão dos priscos tempos,  
Do Tamandatehy correndo ás margens,  
Mil arcos p'ra o combate reunia.

« Meus Guayanás, bradava, dura guerra  
Temos que sustentar contra os Tamoyos,  
Pelo feroz Aimbire comandados.  
Araray e seu filho vem com elles;  
E eu contra meu irmão e meu sobrinho  
Não temo ir combater por Jesus Christo.  
Queimai vossas cabanas, vossos campos,  
P'ra que não dêm abrigo aos inimigos,  
Que podem aqui vir para vingár-se  
Do apoio que aos christãos contra elles damos.  
O Cubatão desçamos; vamos, vamos  
Defender São-Vicente ameaçado.



Alli Anchieta e Nobrega nos chamam:  
Eia, vamos, armai-vos, e segui-me. »

Deste geito fallou o chefe á horda,  
Que da guerra applaudio o grato annuncio;  
E logo decidido o exemplo dando,  
Fogo lançou a um campo que alli tinha:  
E promptamente os Indios o imitaram,  
Cioças e campos entregando ás chaminas.

Entre buleões de fumo que se enrola,  
Estalos, chispas dos combustos galhos,  
Correm, vôam as soltas labaredas  
Pelos mandiocaes e milharadas,  
À cinzas reduzindo as verdes roças.  
O homem que as plantou folga á tal vista!  
E as aves dos seus ninhos envotadas,  
Em profugos cardumes no ar pairando,  
Como que estão carpiudo a insania do homem,  
Que dos bens que o céu dá gozar não sabe.

Assim deixando após carvões e cinzas,  
E do incendio o rescaldo fumegante,  
Vão levados de amor, não da cobiça,  
Selvagens combater contra selvagens.

E Aimbire? Ah! com que dôr voltando ao campo,  
E ouvindo a narração de Jagoanharo,  
A nova recebeu qu'em São-Vicente  
Sua cara Iguassú captiva estava!  
Um subito furor, profundo, immenso,  
Devorando-o em silencio, como o fogo  
Que jaz da terra calcinando os seios,  
Todo no coração ficou-lhe oppresso  
Quando tal nova deo-lhe o mensageiro.  
Avesado a soffrer golpes tão duros,  
Seu peito em lento arquejo o ar tomando,  
De odio ao pungir da dôr se entunecia.  
Apenas seu olhar sombrio e vago,  
Sob um senho funereo e carregado,  
Como o céo no horizonte negrejante,  
De sua alma a tormenta revelava.

Sua forte vontade resistia  
À explosão do furor. Atroz vingança  
Aimbire meditava, e ostentando  
De outra ideia ocupar-se, assim prorompe  
Co'um sorriso forçado, e a voz convulsa:  
« Então Tibiriçá recusa unir-se  
A nós, e a seu irmão? Pois bem, que espere,  
Que a morte lhe darei como deseja. »

E dando um passo, e resolute olhando,  
Como quem ordens dar queria a todos,  
Seus olhos vêem Pindobuçá prostrado.  
Triste chorando pela cara filha,  
Co'a cabeça encostada sobre um hombro  
Do mesto filho, em cujo peito auciado  
As lagrimas dos dous juntas corriam.

Então Aimbire a coltra soltando,

Brada: « Oh Pindobucú, o pranto enxuga,  
E p'ra grande vingança te prepara.  
Terás livre Iguassú, eu te prometto;  
E com ella dar-te-hei para vingar-te  
Quantas filhas quizeres, mãis e esposas  
Dessa raça cruel. Rios de sangue  
Farei correr de Tacaré nas praias,  
E ergueri de cadav'res um monte  
Que chegue ao Marapé. Lauto banquete  
Vai dar meu braço aos urubús famintos.  
Eia! p'ra Bertioga! Ao mar canôas;  
Não ha mais que esperar. Ao mar! voemos. »

Assim bradando, fez roncãr na inúbia  
O rouco som do alarma e da partida:  
E pela praia e varzea, e na collina  
Foram todos os chefes repetindo  
O terrivel signal que ribombava,  
Chamando a gente, que acudia em chusmas,  
E os sons diversos das diversas trompas.

Co'os successivos echos misturados,  
Concerto horrendo e funebre faziam.

Ao ver em confusão de toda parte  
Como da terra erguidos, nós, poentos,  
Correr á praia centenaes de Indios,  
A mente, ás margens do Cedron voando,  
Cuidára ver os mortos revocados  
Ao som da trompa do Juizo eterno,  
Das entranhas da terra resurgindo,  
A Josaphat correr em mestos bandos.

Pela areia arrastando ao mar lançaram  
Os inteiriços leuhos monstruosos,  
Cujos bojos, cavados pelo fogo,  
Cincoenta a cem guerreiros abrigavam.  
Era bello esse mar todo juncado  
De innumeradas canoas esquipadas,

Que iam como cardumes de golphiños  
Á porfia rompendo as curvas ondas,  
Ao som da cantileua dos guerreiros,  
Pelo bater dos remos compassada.

« Voga, canôa, que é maré de amigo;  
Ligeira voga, sem temor das ondas;  
São braços fortes que aqui vão remando,  
Braços Tamoyos, que a remar não cançam.

« Gosto de ver-te pelo mar zingrando,  
Cabeceando, levantando espuma;  
Assim, canôa, assim bufando vóa,  
Como esses peixes que lá vão fugindo.

« O mar stá manso, estão dormindo os ventos;  
Mas p'ra o Tamoyo sempre o mar foi manso;  
Eia, canôa! o teu balanço é doce  
Como na terra o balançar da rêde. »

E a cantar, e a remar, como brincando,  
As praias de Ubatuba enfim deixaram.

Já da crastina luz longinquos raios  
Por entre os tristes arrebóes da tarde  
Aos negrumes da noite o céu cediam,  
Quando elles, suspendendo o afan dos remos,  
De São-Vicente ás praias abicaram,  
Nuas e solitárias, onde apenas  
Desdobrando-se as ondas murmuravam.

Eil-os todos em terra; e logo Aimbiré:  
« Filhos da liberdade, assim lhes falla,  
A terra em que pisais, que hoje é dos Lusos,  
Já foi dos Guayanás, que agora os servem.  
Sorte igual vos espera, qual tiveram  
Os bravos Carijós e os Taboyaras.  
Si amais a liberdade e a vossa terra,  
Acabemos co'o mal na própria fonte.  
Alli stão os terriveis inimigos!

Alli Tibiriçá unido a elles  
 Nos espera talvez. Alli captiva  
 A misera Iguassú vingança pede!  
 Ah! salve-se Iguassú. Eia, Tamoyos!  
 Vamos salva-la; e cada qual por ella  
 Como pai, como irmão, ou como esposo  
 Em quantos encontrar vingue-se irado. »

Tendo assim dito o experimentado chefe,  
 Dos Francezes seguindo o sabio aviso  
 De atacar a cidade por tres lados,  
 Divide a sua gente em tres columnas,  
 E p'ra cada columna alguns Francezes.  
 Pindobucú e o filho e mil flecheiros  
 Marcham p'ra o Marapé. Vai Jagoanharo  
 E seu pai Araray p'ra o lado opposto:  
 No centro marcha Aimbire: e a um tempo todos  
 Devem chegar e começar o ataque.

Porém Tibiriçá n'aquella noite



Co'a sua gente prompta e apercebida  
Por aviso de Anchieta os esperava.  
Mas como o soube Anchieta? Quem li'o disse?  
Algum Anjo talvez li'o revelára!

O servo do Senhor, joven, ardente,  
Nesse viver de ascetico eremita,  
Em continuos jejuns, longas vigílias,  
Prégações e trabalhos excessivos,  
Tinha, á custa do corpo e dos sentidos,  
As potencias do espirito exaltado;  
E arroubado em seus extasis divinos,  
Via co'os olhos d'alma algumas vezes  
O futuro sem véo apresentar-se.  
Foi n'um desses transportes estupendos,  
Em que a alma dos sentidos se liberta,  
Qu'elle teve a visão do mal propinquo;  
Alto favor do céo, que tantas vezes,  
Sempre talvez, em prol da humanidade  
Que o aprecia tão mal, se manifesta.  
Ah não faltam prophetas que revelem

O bem e o mal, só falta a fé que os ouça!  
Riram-se alguns dos Lusos desse annuncio,  
Mas de Tibiriçá a fé salvou-os.

Quando a correr p'ra villa os atalaias,  
Que o chefe Guayaná postado tinha,  
Novas levaram do imminente danno,  
De uns a crença e os receios confirmando,  
De outros tirando a duvida e incerteza,  
Já dos tres principaes chefes Tamoyos  
Por tres lados soavam as inúbias,  
Dando signal ao concertado ataque,  
P'ra os descritos tardio desengano.

Então rufando os marciaes tambores  
Dentro da villa:— ás armas! todos bradam,  
Ás armas, Portuguezes! Já Collaço  
Seus soldados alinha, e já Ramalho  
Se mostra em frente aos seus. Os mais incantos,  
De subito terror apoderados,

As armas repetindo, ás armas correm,  
Que neste caso o medo os torna alipedes.

Calno Tibiriçá, da igreja á porta  
Em defesa dos padres, firme espera  
O perigo affrontar com seis mil arcs.  
Talvez o unico seja em cujo peito  
Tenha a inconcussa fé vencido o susto.  
Cayoby, Cunhambéba, alli com elle  
Tupis e Carijós guiam á pugna.

Para maior terror dos sitiados  
Ao ataque os Francezes dão começo,  
Sens arcabuzes juntos disparando.  
Como ao som dos trovões repercutidos  
Igneos fuzis nos ares serpenteam.  
Assim ao som da horrivel vozeria  
Que fazem os Tamoyos, junto ao estrondo

Das fulminantes armas dos Francezes,  
Em torno a villa as balas sibilando  
Coriscam pelos ares enfumados.

Ao medonho estridor não esperado  
D'aquellas armas, que de em torno estouram;  
Ao chover da metralha, que atravessa  
Os tectos de sapé, levando o susto  
Aos peitos feminis: de toda parte  
Correm ao templo velhos e crianças.  
E as mãis co'os tenros filhos em seus braços.  
Bradando:—Senhor Deus! misericórdia!

Alli aos pés do altar, co'os companheiros,  
Humilde estava Anchieta, que prégando  
Nesse dia dissera: « Quando ouvirdes  
Nesta noite fatal, entre lampejos  
Horrenda arrebenhar a tempestade,  
Vós, mulheres, crianças indefesas,  
Vinde, vinde, correi á santa igreja

Pedir por vossos pais, por vossos filhos,  
E por vossos maridos e parentes.  
São gratas ao Senhor as deveis vozes  
Dos pobres innocentes misturadas  
Co'as supplicas das mãis em pranto envoltas. »

Na turma que da igreja o abrigo busca  
Vai co'os filhinhos de Ramalho a esposa.  
E a seu lado Iguassú, que a rogos della,  
E do chefe seu pai e do marido,  
Instados por Anchieta, consentira  
Seu roubador trazel-a, e entregar-lhe  
Para ser doutrinada e baptisada;  
E assim mais branda após achal-a espera.

Em quanto dentro da mansão sagrada  
Fervidas preces condoídas soam,  
Entre pungentes ais e amargo pranto:  
Fóra a pugna travada, porfiosa,  
Rebramando ferina se encarniça.

Ao clarão dos troantes arcabuzes,  
Que entre nuvens de fumo relampejam,  
Vê-se um chuveiro de emplumadas flechas,  
Que de todos os lados disparadas  
Se cruzam, se atropellam, se abalroam,  
E pelos ares pavorosas zunem;  
E esse crebro zunir simula o vento  
Por entre taquaraes bramindo irado.  
A espessa aluvião, que no ar negreja,  
Da lua o disco e o mesto alvor obumbra;  
E o próprio dia convertêra em noite,  
Sí o sol nesse momento se mostrasse.

Não contarei os golpes e as flechadas,  
E os tiros, que p'ra sempre nessa noite  
Tantas almas dos corpos separaram.  
Poe terra em borbotões jorrava o sangue:  
E o odôr do sangue, e os gritos dos feridos,  
E os arquejos finaes dos moribundos,  
Mais da guerra o furor exasperavam.

Cançado de espargir mortes a esmo,  
Avança Aimbire os passos, e rodando  
Os olhos, que o furor de sangue tinge,  
Procura os principaes d'entre os contrarios.  
Qu'elle veja morrer sob seus golpes.  
« Traidor Tibiriçá, onde te escondes!  
Cayoby! Canhambéba! » E assim dizendo,  
Com Braz Cubas se encontra. « És tu? lhe brada:  
Dei-te a vida, e tu vens buscar a morte? »  
—Venho vingar-me; o Portuguez lhe volta:  
Vil escravo, selvagem! reconhece  
Em mim o teu senhor, que vem punir-te. —  
E assim dizendo lhe desaba o golpe,  
Que apenas resvalou na maça do Indio.

« Tens a lingua mais forte do que o braço;  
Pouca é a gloria de tirar-te a vida.  
Si a queres, eu te a deixo; e tu bem sabes  
Si dessa vida alguma vez fiz caso.  
Mas vem comigo, e mostra-me primeiro  
Onde jaz Iguassú, e quem roubou-a. »

O Portuguez, que o julga alheio á lucta.

Calcula o lance, ironico dizendo:

—Quero poupar-te a magoa de choral-a.

« E eu a infâmia da vida que te pesa. »

E co'a prompta resposta um prompto golpe

Acerta-lhe o Tamoyo, e a um tempo soam

Resposta e golpe, e do infeliz a queda.

« Dar-te não posso a morte que mereces

Lenta e cruel; n'um só momento morre;

Tenho pressa. » E o deixou nadando em sangue.

Como o ardente tufão vò a o gnerreiro,

Por toda parte semcando estragos.

Parabuçú, que o irmão vingar deseja,

Com quantas frechas sólla a morte envia.

Pindobuçú, que a filha crê perdida,

Odiando a vida e procurando a morte,

Proezas faz que o proprio filho inveja;

Porém a morte aos temerarios foge.



O aucião Coaquira não desmente a fama  
Que em annos juvenis colheo brioso.  
Como a onça esfaimada e furiosa,  
Bramindo anda Araray; corre-lhe o sangue  
Da ingente maça ao incauçavel braço,  
Que vibrando sedento prosta e mata,  
E junca o chão de mortos e feridos.

Entre os mais bravos do contrario lado  
Se ostenta Cayoby, e se recorda  
Que já contra Francezes e Tamoyos  
Bravo em Villegagnon foi acclamado.  
Não quer ceder-lhe a palma Cunhambéba,  
Nem no zelo christão, nem na bravura;  
E ambos por toda parte se assignalam.  
O valor portuguez tem em Ramalho,  
E em todos os colonos Lusitanos,  
Novos, valentes braços que o sustentam  
Nessa nocturna, encarniçada lucta,  
Quaes sempre os teve nas diversas partes

Da Europa, Africa e Asia, onde seu nome  
Com sangue escripto fez-se heroico e grande,  
Ao seu vate immortal inchando a tuba,  
Que esses duros engenhos mal pagaram.

Mas quem te negará, Cacique illustre,  
Entre os mais fortes o lugar primeiro?  
Gloria a Tibiriçá, gloria a teu nome,  
Aos teus preclaros feitos e á constancia  
Credora d'hymno excelso, com que sempre  
Essa nascente igreja defendeste,  
Fonte primeira nesta inculta plaga  
Da luz sublime e santa que a illumina,  
E hoje immenso fulgor sobre ella estende!

Onde vais, Jagoanharo? impetuoso,  
Temerario mancebo! Não te basta  
Tanto sangue espargido por teu braço?  
Cega-te o orgulho do vigor dos annos?  
Não vês, não ouves, de pavor não te enche

Essa ave negra, que voou da igreja,  
E a teu lado passou triste gemendo?  
Buscas Tibiriçá! Medir-te queres  
Com quem tremer fizera o proprio Aimbire?  
Lamento o teu furor! A morte buscas!

« A mim, Tibiriçá! brada o arrogante. »  
Ei-los no adro da igreja que se encontram!  
Tio e sobrinho se olham; por um pouco  
Hesitam si travar devem a lucta.

—Que vens tu procurar?— diz-lhe o Cacique:  
Desta espada não vês pendente a morte?

« Não a temo, replica-lhe o manco.  
Entrega-me Iguassú, que alli 'stá dentro.  
Um profugo dos teus certificou-me  
Que alli a vira entrar com tua filha.  
Vai buscal-a; senão irei eu mesmo. »

E assim dizendo, para a porta investe.  
Porém Tibiricá frio, impassível,  
Qual da foz do Janeiro a ingente mole,  
Ante a porta da igreja se colloca.  
A par da Cruz de Christo que o decora,  
Brilha em seu peito um aureo relicário,  
Que sobrenatural força lhe inspira,  
E calmo o faz e sobranceiro a tudo.  
Elle só contra todos combatêra,  
Certo que não é dado á dextra humana  
Tirar-lhe a vida tão votada á igreja!  
O que não pôde a fé n'alma do crente?!

Ousa o joven levar-lhe a mão ao peito  
P'ra arrancal-o d'alli; mas empurrado,  
Recúa tropeçando, e pouco falta  
Que por terra não caia: onda arrojada  
Repellida assim é por duro escolho.  
Ligeiro se equilibra; e o pejo e a raiva  
Satanico furor lhe accendem n'alma,  
Nervos, arterias, musculos lhe inchando.

De colera convulso, co'as mãos ambas  
Levanta a ingente maça e a descarrega;  
Mas a espada do placido Cacique  
Apara o golpe, pela maça entrando,  
E encravada se quebra. Braço a braço  
Se atracam, lutam, corcoveam ambos:  
Ambos como um só corpo rodopiam,  
Suam, fumegam, rugem: treme a terra,  
Espuma Jagoanharo, o tio o aperta,  
De si o arranca, o balanceia, o arroja.  
Arfa, empina-se o indomito mancebo,  
Já não homem, mas fera: e salta, e investe  
Com força tal que derrubára um tronco  
De amoso acayacá: mas como o touro,<sup>1</sup>  
Para linear no canguçu que o assalta<sup>2</sup>  
Enrasta as corneas pontas e as sacode;  
Assim Tibiriçá, curvando o corpo,  
Estica os fortes braços, e agarrando  
Com força herculea o misero sobrinho,  
O levanta da terra, e contra a pedra  
Da soleira da igreja o arremessa,  
Co'a fronte sotoposta, e a quebra, e a esmaga.

Vendo qu'inda estrebuxa, entra, e da pia  
Com agua benta volta, e proferindo  
As sagradas palavras, o baptisa:  
« Tirei-te a vida, disse, mas ao menos  
Salvo-te essa alma. » Jagoanharo expira:  
E volta o vencedor a novas justas.

Que atroz carnificina! Que de horrores  
A noite aos combatentes encobria!  
A lua, que já mal os aclarava,  
Occultou-se de todo espavorida.  
E o odor do sangue, rescendendo ao longe,  
Chamava os urubús, que em negros bandos  
Fariscando o festim mudos já vinham.

Nessa hora Anchieta, que ante o altar prostrado,  
Cõas mãos e olhos para o céu erguidos,  
Ao côro gemebundo a litanía

Fervoroso apontava, de repente  
Pasma, estremece, estatico alli fica  
Attento olhando, como si visivel  
A seus olhos celesse mensageiro  
Ordem suprema lhe estivesse dando!  
Cala-se o côro, e Nobrega não ousa  
As preces proseguir, nem despertal-o.  
Após breves instantes, como alçado  
Por uma força occulta, se levanta  
O ministro de Deos; olha, e direito  
Vai a Iguassú; co'a mão no hombro lhe toca:  
« Ergue-te, oh filha! diz-lhe, vem comigo. »  
Ambos da igreja sahem. Todos absortos  
P'ra deixal-os passar abrem caminho.  
Onde irão! uns aos outros se perguntam.  
Mas estranho prodigio esperam todos.

Pelas trevas lá vão silenciosos;  
Ella cheia de assombro, a tudo alheia;  
Elle como impellido, calmo e attento,  
Evitando passar por onde ha sangue!

Que luz na escuridão, ou que Anjo o guia  
Ao campo da batalha? Eil-o que pára:  
—Aimbire! chama, e sua voz parece  
Resoar em caverna harmoniosa.  
Aimbire! Aimbire!—O rabido Tamoyo,  
Que perto combatia, se apresenta  
Todo escorrendo sangue, espavorido.  
—Toma Iguassú, lhe diz, deixa-nos, parte.  
Em quanto fascinado o Indio volvia  
Os olhos a Iguassú, some-se Anchieta,  
E andando sua voz dizia:—parte.

No mesmo instante ouviu-se o som da inubia  
Dando signal de prompta retirada,  
Não foi Aimbire quem o deo! Raiuosos  
Os Tamoyos ainda se lembraram  
De accender e lançar por despedida  
Os galhos seccos, de algodão envoltos,  
Que deixaram ardendo; e carregando  
Aos hombros os seus mortos e feridos,  
Para suas canôas se partiram.



**CANTO NONO.**

## ARGUMENTO.

Voltam os Tamoyos a Iperohy, enterram os seus mortos, e Coaquira cura os feridos.— Casamento de Aimbiré com Iguassú, e de Ernesto com Potira.— Chegada de Nobrega e de Anchieta, que são bem recebidos e obsequiados.— A missa.— Reunem-se os chefes para ouvirem as proposições de paz, que lhes fazem os Missionarios.— Falla Aimbiré, Anchieta, e o Fradez Ernesto.— Conclusão do concílio.— Parahuá e alguns Indios tentam assassinar os deus religiosos, mas á vista delles recuam.— Dissipa Aimbiré todas as más intenções contra os seus hospedes.— Resolve-se Nobrega a partir para São-Vicente, a fim de concluir a paz com os Tamoyos, entre os quaes fica Anchieta,

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

### CANTO NONO.

De volta a Iperohy, sítio selvoso,  
Perto do Cairuçu e de Ubatuba,  
Os Tamoyos seus mortos enterraram  
No meio do alarido das mulheres,  
Que oito dias choraram sobre as campas.

Entre todos Coaquira, apregoado

Tanto pela sciencia excelsa e humana  
 Que ousa á morte se oppor sanando os males,  
 Quanto pelo alto dom dos sacros hymnos,  
 Cuidadoso os feridos animando,  
 Por modos varios lhes curava as chagas:  
 E dest'arte mostrava quanto é certo  
 Que o amor do bem, ao da verdade unido,  
 Pelo instincto do bello se revela.  
 Não te enganaste, veneranda Grecia,  
 Quando do sabio deos da Poesia  
 Filho julgaste o deos da Medicina!

De uns Coaquira acalmava as cruéis dores  
 Com folhas virtuosas, que a Natura  
 Abundante produz nestas florestas;  
 De outros, co'um dente afiado abrindo as veias,  
 Correr deixava o rescaído sangue;  
 A outros, ao calor de brando fogo  
 Os mal feridos membros de alto expondo,  
 Lhes seccava os humores e os curava.  
 Oh! por mais que infeliz e desgraçado

No estado de bruteza o homem caia,  
Sempre da intelligencia a luz que o aclara  
Sua origem revela e seu destino!

Aimbire cada vez mais fero e onsado,  
Dos seus Tamoyos exaltando os feitos,  
Para um novo combate os incitava.  
« Nascemos para a guerra; assim dizia:  
E o ocio é só dos vis. Pouco nos falta  
P'ra extinguir essa raça de tyrannos.  
Vingança Jagoanharo está pedindo.  
E quem não quereará viugar o amigo?  
Deixaremos em paz os que o mataram?  
Impunes ficarão, jactanciosos,  
Chamando-nos talvez vis e cobardes?  
Cobardes nós? Jamais! antes a morte. »

Julgando os votos seus ter já cumprido  
Co'o passado combate, em que a victoria  
Posto que dubia para si tomára,

E por ter para nova sepultura  
Os ossos de seu pai já trasladado;  
Aimbire, dando a filha promettida  
Ao Francez, que em consorcio lhe a pedira,  
Quiz tambem premiar seus proprios feitos,  
E esposo de Iguassú se declarára,  
Mas só no nome esposo, p'ra a seu lado  
Ver o lindo botão desabrochar-se,  
Té que possa fruir de amor o nectar.  
Assim destas impuberes esposas  
Soem os Indios respeitar severos  
A virginea innocencia, até que chegue  
Das delicias a aurora. Ah tão brutos,  
Tão lascivos não são, que avidos colham  
De amor o fructo verde! Amava Aimbire  
A sua teura esposa, como um lyrio  
Prestes a abrir o calice mimeso  
Aos beijos do colibri: mas nos bosques,  
Onde a Natura pouco esconde aos olhos,  
O amor, sem o incentivo do mysterio,  
Não mata, não subjuga os duros peitos,  
Que da guerra o furor sómente inflamma.

Pindobuçú, Coaquira, e os dons amantes  
Juntos em fresca tarde respirando  
As auras de Ubatuba, reclinados  
Na verdura de um combro ao mar fronteiro,  
De elevadas ideias se occupavam.  
Relatava Ignassú quanto aprendêra  
Da esposa de Bamalho, e de Anchieta  
Sobre as cousas de Deos e da outra vida,  
E convencida quasi se mostrava:  
O pai, o velho com prazer a ouviam.  
Aimbire, referindo o estranho sonho.  
Ou nocturna visão, que Jagoanbaro  
Indo p'ra São-Vicente lhe contára,  
Dos seus sobre o destino meditava,  
E sobre esse futuro annunciado.

« Eu creio, elle dizia, que a doutrina  
Desse Filho de Deos qu'elles mataram  
É na verdade boa. Muitas vezes  
A Lery e a Richer ouvi com pasmo  
Fallar de um Deos tão bom, que é mesmo pena

Que por gente tão má morrer quizesse,  
E depois lá do céu inda a proteja.  
Todos esses que vem em nome delle,  
De diversas nações e varias linguas,  
Em guerra sempre estão uns contra os outros,  
Lá mesmo em suas terras; e aqui dizem  
Que o seu Deus não quer guerra! Todos elles  
Só tratam de viver á custa alheia.  
Oh! e quão loucos são, e ambiciosos!  
Por um ponco de pó, por uma pedra,  
Por um tronco de páo elles se matam!  
Parece que tem medo que lhes falte  
Terra e mar, ar e céu, aves e bosques!  
Si fossemos fazer o que nos dizem  
Esses seus Abarés, em paz deixando<sup>1</sup>  
Essa gente de tudo apoderar-se,  
O que fóra de nós? Ah bem depressa  
Seriamos nós todos seus escravos!  
Eis porque com tal gente paz não quero. »

Assim fallava Aimbire, quando viram



Esquipada canôa sobre as ondas  
A praia demandando. Índios possantes  
Afanados em pé vinham remando.  
Distinguiram dous vultos assentados,  
De longas, negras tunicas vestidos.  
Iguassú mal que os vio reconheceo-os:  
—É Nobrega o mais velho, o outro Anchieta!

—Vamos ver o que querem. — Logo os quatro  
Para a beira do mar promptos desceram,  
E em torno alguns Tamoyos se agruparam.  
Já no alcance da voz erguem-se os padres,  
E Nobrega assim falla:

« A vós, sem armas  
Nós ministros de Deos nos entregamos.  
Sabemos que sois bons, quanto sois bravos;  
E que jamais Tamoyos recusaram  
Agasalho seguro ao estrangeiro.  
Mas si quereis em nós, que vos buscamos  
Com propostas de paz, vingar affrontas

Que os nossos vos tem feito, eia, Tamoyos,  
 Disparai vossas flechas; nossos peitos  
 Expostos aqui stão a recebê-las,  
 Sem qu'os defendam nossas mãos inertes. »

— Quem nos procura em paz nos acha amigos;  
 Podeis desembarcar. Jamais Tamoyo,  
 Para dar agasalho ao estrangeiro,  
 Perguntou-lhe quem era, e o que queria.  
 De mais, ha entre nós quem vos conheca. —

Com tal resposta do sincero Ambire,  
 Ferrou o lenho a praia; e os Missionarios,  
 Saliendo em terra, recebidos foram  
 Com grande acatamento. As mãos beijou-lhes  
 Respeitosa Iguassú, não deslembrada  
 Desse uso que aprendêra em São-Vicente;  
 E a todos mui festiva ia dizendo:  
 « Eís os dous Abarés nossos amigos!  
 São estes de quem eu vos tenho dito

Que fallam com seu Deos. De dia e noite  
Para fazer-nos bem stão sempre promptos. »

Todos os principaes lbes offreceram  
Suas pobres palhoças, mas Coaquira  
Por mais idoso a preferencia teve;  
E alegre os conduzio para seu pouso,  
De toda aquella gente acompanhado.

P'ra que nada aos seus hospedes faltasse  
Cada qual lbes levou algum presente  
De cuias de farinha, aves e peixes,  
Igaçabas de vinho e varias fructas;  
E em frente da cabana de Coaquira,  
Á sombra de frondosos cajueiros,  
No chão pozeram tudo, sobre folhas  
De banana e de inhame; e convidando  
Os seus illustres hospedes p'ra meza,  
Assentaram-se em roda, e sem cerimonia  
Em boa paz comeram; reservando

Para o crastino dia a embaixada,  
E as propostas de paz e de amizade.

Vinda a hora de dar repouso ao corpo,  
Suspenderam nos cantos da cabana  
Duas rédes de palha recamadas  
De pennas de sahís e de tucano;  
E com ellas á escolha lhes pozeram  
Lindas jovens, que os padres recusaram,  
Não sem pasmo de gentes tão singelas.

Mal que a aurora raiou ao som do canto  
De milhões de canóros passarinhos,  
Os nossos eremitas, ajudados  
Por Coaquira e alguns outros, prepararam  
Tosco altar verdejante e mui florido,  
Á sombra de um coqueiro, em cujo tronco  
Pendia um Crucifixo, e cuja rama  
De aberta e verde umbella lhe servia.  
Alli o padre ancião e o companheiro,

Em alta voz cantando, celebraram  
O primeiro incruento sacrificio  
Que viram esses bosques. Curiosos  
E pasmados os Índios, mui attentos,  
De Anchieta e de Iguassú seguindo o exemplo,  
Em pé ou de joelhos assistiam.  
Muitos até, co'as mãos no rosto errando,  
O signal de christão contrafaziam.

Entre esta gente inculta não se acharam  
Templos, altares, idolos e culto;  
Mas si em Tupan, seu Deos, acreditavam,  
Si ouviam aos Payés, e si temiam  
Os crueis Anhangás, talvez tivessem  
(E quem o negará?) um culto interno,  
Ou danças ou cantigas consagradas  
Á deidade do bem, do mal aos genios!

Findo o sacro mysterio, os Missionarios  
Co'os Caciques Tamoyos em concilio

Paz p'ra sempre e amizade propozeram,  
Mostrando os gratos bens que fundiria  
Para os Indios e Lusos a concordia.  
Pró e contra razões se levantaram.  
Em silencio os ouvintes sempre attentos,  
As queixas e as respostas escutando,  
Jamais o orador interrompiam.

« Em fim, Aimbive disse, si é verdade  
Que desejais viver em paz connosco,  
Entregai-nos os nossos prisioneiros,  
Que tendes como escravos, e com elles  
Tambem Tibiriçá e Cunhambéba,  
Caioby, e esse Dias, que atrevo-se  
A raptar Iguassú. Estes punidos  
Devem ser pelo mal que nos tem feito.  
Não podemos ter paz co'os tres traidores,  
Que contra seus irmãos vos dão apoio. »

Como a eloquencia apraz té aos selvagens,

E a palavra aquecida e perfumada  
De santa inspiração abala os peitos,  
A colera dissipa, o amor inspira,  
E augmenta da razão a força e o brilho;  
O venerando Nobrega, que via  
Quanto o seu companheiro moço e ardente,  
Mais versado na Túpica linguagem,  
Com prazer pelos Indios era ouvido,  
Pedio-lhe que ao Tamoyo respondesse;  
E Auchieta obedecendo orou dest'arte:

« Sabei, bravos Tamoyos, que nós somos  
Servos d'aquelle Deos auctor do mundo,  
Qu'è pai de todos nós, e nos ordena  
Que os homens todos como irmãos amemos.  
Nós vos amamos, sim; e si affrontamos  
Os perigos do mar e as vossas frechas,  
É só p'ra obedecer ao seu mandado.  
O mandado de Deos é que a verdade,  
Luz eterna das almas, mais sublime,  
Mais grata que esta luz que aos olhos brilha,

Vos seja em fim mostrada, dissipando  
A noite em que viveis immersos no erro.  
Como ao raiar do sol se abrem os olhos,  
E tudo alegre renascer parece,  
Assim abrir-se devem vossas almas  
À verdade que Deos por nós vos manda;  
Então renascereis p'ra f'licidade,  
E alegres saudareis a nossa vinda.  
Crede-nos pois, Tamoyos! vis enganos  
Não esperéis de nós. O que for justo,  
Sem que vós o peçais, nós vos faremos.  
Em breve vos serão restituídos  
Quantos dos vossos temos prisioneiros:  
De amigos, não de escravos precisamos,  
E si os fazemos trabalhar connosco,  
É que o trabalho aperfeiçoa o homem;  
E os que connosco a trabalhar se avesam,  
E aprendem nossas artes, nossos usos,  
Se ufanam de saber mais do que os outros,  
E ao antigo viver voltar não querem.  
Mas tu pedes, Aimbire, que te entreguem  
O desgraçado Dias? E quem póde



Dar-te agora o que pedes? Ah! punido,  
Bem punido elle foi! Talvez tu mesmo,  
Nessa noite fatal p'ra São-Vicente,  
Fosses quem lhe cravou no corpo a morte  
Co'uma setta, que o peito atravessou-lhe.  
Mortalmente ferido, pouco tempo  
Após, em dura angustia blasfemando,  
Morreo como vivêra o pobre Dias.  
Onde estará sua alma? Ah! Deos piedoso  
Como bom pai as culpas lhe perdõe.

Quanto a Tibiriçá, a Cunhambéba,  
A Caioby, que pedes; onde, Aimbire,  
Onde está a bondade de tua alma?  
Onde a tua grandeza e lealdade,  
Que uma perfidia assim de nós reclamas?  
Que fé te merecêra quem trabisse  
Deste modo os deveres da amizade?  
Si algum nosso inimigo, algum Tapuya  
Viesses aqui pedir-te as nossas vidas,

Tu, Aimbire, com quem juntos comemos,  
Nos entregáras tu aos seus caprichos?  
Não: jamais um Tamoyo tal fizera!  
E jamais nós christãos tão vis seremos  
Que amigos entreguemos tão sinceros.  
Não, Aimbire, jamais! antes a morte.  
E si a paz como espero celebrarmos,  
Si fordes todos vós nossos amigos,  
Tambem por todos vós o nosso sangue  
Daremos com prazer, como por esses  
De queza somos amigos, e o seremos. »

Assim fallou Anchieta, e os circumstantes  
Co'um ligeiro sorriso á flor dos lábios,  
E um olhar entre si, o applaudiram.  
E o mesmo Aimbire, que melhor que todos  
Da palavra os encantos conhecia,  
Posto que de vingança sequioso,  
Cedeo á força da razão sublime,  
E calmo respondeo por este modo:

« Apraz-me o teu fallar sincero e livre:  
E si todos os teus tão leaes fossem  
Como tu e o teu velho companheiro,  
Jamais guerra entre nós teria havido.  
A vós amlhos conheço, e vos respeito,  
Porque a minha Iguassú, a quem salvastes,  
Grandes cousas de vós me tem contado;  
Que o futuro sabeis como o presente,  
E conversais com Deos, que vos concede  
Tudo quanto pedis. Sei, qu'ella o disse,  
Que na casa de Deos orando estaveis  
Pelos vossos, na noite do combate,  
Quando do céo não sei que mensageiro  
A ti descendo, Anchieta, a ordem deo-te  
De entregar-me Iguassú, e assim salvai-os.  
Eu não sei porque modo, ou porque força,  
Quando com Iguassú me appareceste,  
Teu olhar, teu aspecto fascinou-me,  
A mim que dos Payés desprezo o mando!

« Mas quem foi que tocou a retirada,

Nesse momento que eu contigo estava?  
O primeiro signal cuidaram todos  
Ser da inubia do bravo Jagoanharo;  
E nesse engano os chefes o imitaram.  
Mas não foi elle, ah não, que morto estava!  
Quem foi então o auctor da vil astucia?  
Em que mãos essa inubia atraioou-nos?  
Sabei pois que si então nos retirámos,  
Por esse engano foi, não por fraqueza.  
Mas enfim esqueçamo-nos de tudo;  
É por amor de vós de paz tratemos.  
Uma só condição eu vos proponho,  
Mas justa condição, boa p'ra todos.  
Fiquem os Portuguezes muito embora  
Com todas essas terras já tomadas  
Aos filhos dos Tupis e dos Tapuyas,  
Mas deixem-nos em paz no Guanabara:  
Respeitem estas terras que habitamos;  
Nunca mais aqui venham saltar-nos,  
E roubar-nos os filhos e as mulheres;  
Podem, sim, vir trocar o que quizerem  
Connosco em Nitheroy; porém não tentem

Jamais alli ser donos de um só palmo  
Dessa terra, que é nossa; nem se atrevam  
A roçar e a queimar nossas florestas,  
E a vir edificar casas e villas.  
Jamais, jamais consentirei que o façam.  
Assim teremos paz, senão, só guerra! »

Todos os Indios com prazer o ouviram,  
E justa a condição acharam todos.  
Mas Anchieta, que nada promettia  
Com tenção de illudir, assim replica:

« Bravos Tamoyos, bem fallára Aimbire,  
E a sua condição mui justa fôra,  
Si de terras sómente se tratasse.  
Terras e terras temos nós de sobra  
Por todo o mundo, aquem e além dos mares.  
Mas sagrado dever por Deos imposto  
Nos obriga a tratar das vossas almas.  
Esqueceis-vos talvez que a luz de Christo

Deve raiar p'ra vós? Qu'elle nos manda  
Prégar-vos a verdade, e conduzir-vos  
À graça, á salvação, e á liberdade?  
Não essa, que vos faz andar errantes,  
Mas a que livra o homem do peccado,  
Do dominio do inferno e da ignorancia.  
E como este dever cumprir podemos  
Si no meio de vós não habitarmos,  
Para hem vos servir, edificando  
Igrejas, casas, villas, onde o exemplo  
Acheis das boas obras co'a doutrina  
Que á civilisação guiar-vos devem?  
Homens incultos n'uma terra inculta,  
Sem haver quem os tire da ignorancia,  
Naufragos são em vasto mar perdidos,  
Que a morte behem no volver das ondas.  
Deos, que o mundo creou, e fez o homem  
Dotado de razão e á imagem sua,  
Quer que o homem tambem trabalhe e crie,  
E por isso nos deo a terra bruta:  
E quem desobedece á lei suprema,  
Cultivar desdenhando a si e a terra,

Quasi que perde a natureza humana.  
Vêde que desejais o proprio damno! »

Com ar de reflexão, que denotava  
Desejo de acertar em bivio estranho.  
Ia Aimbire fallar, quando temendo  
Que elle fosse acceder, assim o atalha  
O Franco Ernesto, de Potira esposo:

« Aimbire, antes de unir-me á tua filha  
Já tinha unido a minha sorte á tua,  
Certo que tu jamais consentirias  
Em ter paz e amizade com tal gente,  
Que de terra e de escravos não se farta.  
De mais lhe tens cedido. E vós, Caciques,  
Não acabais de ouvir os seus intentos?  
Bem preciso ante vós fallou Anchieta.  
Do bello Nitheroy nas ferteis margens,

Que ha muito os Portuguezes vos disputam,  
Querem elles erguer villas e igrejas,  
E assim a seus escravos reduzir-vos,  
E de todo esbulhar-vos dessas terras,  
Dessas tão poucas terras que vos restam.  
E onde estareis já sem o soccorro  
Que os Francezes amigos vos tem dado  
Na defesa dos vossos patrios ninhos?  
Onde irieis agora, como as aves  
Chorando quando os ninhos vêem tomados  
Pelas serpes, que os ovos lhes devoram?  
Onde irieis achar remoto asylo  
P'ra tão grande furor de perseguir-vos?  
Promette-vos Anchieta doutrinar-vos,  
E instruir-vos na lei de Jesus Christo!  
Mas quem de vós lhe pede esse serviço,  
Que caro pagareis co'a liberdade?  
Falta acaso entre nós quem vos instrua?  
Não temos nós Lerys, Richers não temos,  
Chartiers, e outros muitos, que a verdade  
Melhor mostrar-vos podem, sem roubar-vos  
A vossa liberdade e independencia?



E em troco desses bens, que a tudo excedem,  
Que outro bem estes padres vos promettem?  
A civilisação? . . . Fatal presente!  
A civilisação qual dar-vos podem,  
Qual ao vencido o vencedor concede,  
Vos inspirára horror si a conhecesseis.  
Eu, que uella nasci, eu que a conheço,  
Della fugi p'ra sempre. Embora digam  
Que homens incultos sois em terra inculta:  
Antes, antes assim. Aqui ao menos,  
Longe dessas nações civilisadas,  
Somos todos iguaes. Ninguem de fome  
E afadigado morre sem asylo,  
A par do rico, que no fausto vive  
Á custa do suor da pobre gente!  
Aqui o que Deos dá pertence a todos.  
Aqui não ha tyrannos, nem escravos,  
Não ha ferros, prisões, não ha fogueiras,  
Que elles do Santo Officio denominam,  
Onde frades infames, furibundos,  
Queimam por cousas vãs as creaturas,  
Homens, mulheres, velhos e crianças!

Oh vergonha da Europa! E Reis, e Papas  
Protegem essa infamia! Oh crime horrendo!  
Oh impostura atroz! . . . Filhos dos bosques,  
Homens da Natureza! Deos vos livre  
Da civilisação que dar-vos querem.  
Outra sorte melhor vos reservamos,  
Nós, que de tantos crimes indignados  
Fugimos para sempre á velha Europa.  
Nós, que viver comvosco desejamos  
Como vossos irmãos, como homens livres,  
Ensinando-vos tudo o que sabemos.  
Comvosco em Nitheroy p'ra sempre unidos,  
Pelos laços de amor e de amizade,  
Uma nação faremos, nova e grande,  
Livre, forte e temida, e sem exemplo.  
Para nos proteger nesta alta empreza  
Temos em Nitheroy novo soccorro  
De algumas náos francezas, apinhadas  
De homens todos como eu vossos amigos.  
Outras virão após com gente nova.  
Nada temais, Tamoyos! Decididos  
Podeis zombar dos inimigos vossos,

E dizer corajosos: — Portuguezes,  
Paz convosco e alliança não queremos. »

Bem respondêra Anchieta ao calvinista,  
Si Aimbire interrompendo não bradasse:  
« P'ra que tanto fallar inutilmente?  
O qu'eu disse está dito; e terminemos.  
Restituam os nossos prisioneiros;  
E si quizerem paz, em paz nos deixem. »  
E á longa discussão assim poz termo.

Ia soando a nova que chegados  
Eram a Iperohy os Missionarios,  
Dos quaes dizia Ernesto, e alguns selvagens,  
Serem duas espías disfarçadas,  
Vindas p'ra ver o campo dos Tamoyos,  
E dar aviso aos seus, que após viriam  
Por sorpresa atacal-os. Como o embuste  
Azas parece ter, e accesso facil

No humano coração, a crer propenso  
Sempre em tudo que é máo; um tal boato  
Pelos sertões voando, e logo crido,  
Alvorocava os animos dos Indios,  
Que em chusmas vinham p'ra matar os padres.  
E até Parabuçú, que longe estava,  
Correo a Iperohy, dos seus seguido;  
E inopinado entrando na cabana  
Que abrigava os dous santos eremitas,  
Os achou de joelhos, co'as mãos postas;  
E suspenso ficou, vendo esses corpos  
Que o continuo jejum emmagrecera;  
E essas mãos descarnadas, e essas faces  
Pallidas, transparentes como a cêra  
Que se queima no esquife dos finados;  
E com pãsmo os olhava. A voz erguendo,  
Calmo lhe disse Anchieta: « P'ra que tantos  
E armados contra duas creaturas  
Fracas e sem defesa? Uma criança  
P'ra tirar-nos a vida bastaria!  
Eia, Parabuçú! Eis-nos immoveis;  
Bem nos podes matar como quizeres. »

Envergonhado o Indio retirou-se,  
Dizendo aos companheiros: « Dai-lhes antes  
Alguma cousa que lhes mate a fome,  
Que elles de fome e de fraqueza morrem. »

Soube Pindobucú que era chegado  
Seu filho a Iperoby com tal intento;  
E já corria a socorrer os padres,  
Quando com elle, que d'alli voltava,  
No caminho encontrou-se; e ouvindo o caso,  
Disse: « Oh Parabucú, meu bravo filho,  
Tu me enches de alegria por não teres  
Manchado as tuas mãos no sangue insonte  
Dos grandes Abarés nossos amigos.  
Respeita-os sempre, e nunca mais medites  
Fazer-lhes mal algum; antes defende-os. »

Porém alguns dos Indios, não convictos  
Da virtude dos dous religiosos,  
Apezar dos esforços de Coaquira

E de Pindobuçú em defendel-os,  
Contra elles murmurando, persistiam  
Na barbara intenção de assassinal-os.  
O que sabendo Aimbire, irado e presto  
Foi ter co'os turbulentos, e lhes disse:  
« Saibam todos qu'eu dei minha palavra  
A estes Abarés, que aqui podiam  
Connosco estar sem susto; e quem matal-os  
Co'a vida pagará o infame arrojô. »  
E assim os mãos intentos se acabaram.

Tendo dest'arte os padres conseguido  
Dos Tamoyos ganhar a confiança,  
Disse Nobrega a Anchieta: « É necessario,  
Irmão José, que o tempo aproveitemos,  
E que vá um de nós a São-Vicente  
Patrocinar a causa destes Indios;  
Dizer o que aqui temos visto e feito;  
Pedir que os prisioneiros restitua  
Para satisfação do nosso empenho;

Escrever p'ra Lisboa, e p'ra Bahia,  
Rogando a Mem de Sá que sem demora  
Mande gente p'ra o Rio de Janeiro  
Fundar uma cidade, antes que o façam  
Os astutos Francezes protestantes,  
Que com grandes promessas e bom trato  
Vão ganhando a afeição destes selvagens,  
E com tal arte aos nossos se avantajam;  
Que infelizmente os nossos Portuguezes  
Querem tudo levar a ferro e fogo.  
E quem de nós ficar, não fica ocioso,  
Que tem de apostolar entre gentios,  
Entregue a privações, á morte exposto,  
E sujeito aos embustes do demonio,  
De todos estes inimigos do homem  
Na lucta assídua triumphar deve elle  
Para gloria de Deos, e honra da igreja. »

« Padre, responde Anchieta, si consentes,  
Escolho aqui ficar. Tua palavra  
Tem mais autoridade em São-Vicente.

É justo que os trabalhos se repartam  
Segundo as aptidões e as forças nossas. »

— Sempre modesto e corajoso escolhes  
Os maiores perigos. Assim seja :  
Caia o peso maior sobre o mais forte. —

Tendo uisso assentado os dous amigos,  
Seus intentos aos Indios expozeram,  
E qual dessa partida a justa causa.  
E os Tamoyos, que muito nelles criam,  
Contentes co'a ficada de Anchieta,  
Na partida de Nobrega assentiram.  
E tudo enfim disposto, pezarosos  
Os dous santos varões se separaram.

---



**CANTO DECIMO.**

## ARGUMENTO.

---

Grandeza d'alma de Anchieta. — Suas diversas occupações entre os Tamoyos: cura, catechiza, e compõe um poema latino em louvor da Santa Virgem. — Impacientam-se os Tamoyos com a tardança da resposta de Nobrega. — Annuncia-lhes Anchieta que em tres dias receberão noticias de paz. — Chega com effeito Cunhambeba no dia prefixo, trazendo cartas de Nobrega, os prisioneiros e presentes. — Regressa Anchieta para São-Vicente. — Pouco dura a paz. — Chega o Capitão-mór Estacio de Sá ao Rio de Janeiro, e começa a fundar a fortaleza da Praia Vermelha e a Cidade velha. — Vai Aimbire atacar os Portuguezes. — Prolonga-se a guerra. — Estacio de Sá manda Anchieta á Bahia pedir socorro a seu tio Mem de Sá. — Vem este, trazendo a seu bordo o Bispo D. Pedro Leitão, e Anchieta já com ordens sacras. — Em dia de São Sebastião atacam os Portuguezes as trincheiras de Croçá-merim e de Parnapicuby, onde Estacio de Sá é mortalmente ferido. — Morte de Iguassú e de Aimbire. — Fundação da cidade do Rio de Janeiro. — Anchieta dá sepultura em suas praias aos cadaveres dos dous esposos.

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

### CANTO DECIMO.

Quanto me apraz a egregia heroicidade  
Do illustrado varão, que não movido  
De affecto vil, mas só de amor guiado,  
Mil perigos e a morte assoberbando,  
Todo se sacrifica a bem dos homens!  
Que outra virtude a tanto amor iguala?  
Nesta mansão de cardos e de espinhos,  
O vero heroismo, que o dever só segue,

Floridas c'roas p'ra exultar não busca,  
Nem os applausos e o pregão da fama:  
Mas nem por isso o merecido encomio  
Lhe negue a Musa da virtude amiga;  
Antes mais sonora a voz erguendo,  
Faça o mundo entoar do justo o nome.  
Anchieta, de ti fallo! e o céu conceda  
Que eterno o nome teu sõe em meus versos.

Interprete sincero da lei santa,  
Que o Cordcero de Deos legou aos homens,  
Anchieta, igual no amor, no zelo ardente  
Aos que da morte o Vencedor onviram,  
Todo se consagrava a bem dos Indios,  
Praticando as virtudes que ensinava  
No meio desta gente inculta e fera.

Sua alma pela fé purificada  
Era como um altar da caridade,  
Que em todos os seus gestos transluzia,

E sublime expressão lhe dava ao rosto.  
Seu descarnado corpo, enfermo e fraco,  
Só por essa virtude roborado,  
A todos os trabalhos se amoldava.

Inda dormia a virgem Natureza,  
E os alados cantores somnolentos  
O hymno matinal não gorgeavam,  
E já essa alma activa, que a seu corpo  
Poucas horas só dava de repouso,  
Antecipando o albor da rosea aurora,  
Alerta erguia a Deos seu primo arroubo;  
E do dia afanoso que o esperava,  
Distribuindo as horas e os trabalhos,  
Forças pedia ao céo p'ra tanta lida.

Com todos repartindo os seus cuidados,  
Ia pela manhã colher nos bosques  
Plantas medicinaes, qu'elle levava  
Aos que enfermos jaziam, já deixados

Dos seus rudes, ineptos mezinheiros,  
Que si algum tanto o mal lhes resistia,  
Depressa desistiam de cural-o;  
E elle mesmo, o remedio preparando,  
Lhes dava carinhoso, e os animava  
Com palavras de affecto e de conforto,  
Que a esperanza e o vigor infundem n'alma.  
E a não poucos roubando á morte certa,  
P'ra o rebanho de Christo os conquistava.  
No clinico exercicio muito assiduo  
O seguia Coaquira, ora aprendendo,  
Ora a practica sua revelando.

Nessas horas do dia em que os Tamoyos,  
Depois da caça, juntos repousavam  
Sobre a fresca verdura, á sombra amiga  
Do bosque protector vizinho á taba;  
E sorvendo e soltando o fumo odoro  
Dos tubos de taquara, que embocavam,  
Cheios de seccas folhas de pituma, <sup>4</sup>  
Se aprazem a ouvir estranhos casos,

E a memorar seus feitos e combates;  
Anchieta, sempre assiduo em doutrinal-os,  
Alli se apresentava e lhes fallava  
D'alma, da vida eterna, do futuro,  
Do premio e do castigo além da morte,  
Da gloria perennal, pura, celeste  
Aos justos reservada, e dos horrores  
Desse Inferno em que os máos vão abysmar-se.  
Contava-lhes de Christo a santa vida,  
Seu infinito amor aos homens todos,  
E o tremendo, sublime sacrificio  
Do seu sangue vertido p'ra salvar-nos.  
E jamais dessa morte elle fallava  
Sem que os olhos de lagrimas se enchessem.

Como de Antão, nos ermos, a virtude  
Os corações das feras abrandava,  
Assim de Anchieta as vozes commoviam  
Os peitos desses homens da Natura,  
Que p'ra melhor ouvil-o, pouco a pouco  
Erguendo-se da terra, se formavam

Em torno d'elle em circulo compacto.  
 E quando o eremita, respirando,  
 Seu vehemente discurso suspendia,  
 Questões sobre questões lhe dirigiam,  
 Ora Pindobuçú, ora Coaquira,  
 Sobre os pontos sublimes que os tocavam.  
 E Iguassú, que aprendêra em São-Vicente  
 A doutrina de Christo, a vida e as obras,  
 Do seu saber ufana, ora chamava  
 A attenção das mulheres que o escutavam,  
 Ora lhes repetia o que ia ouvindo,  
 Como p'ra mais gravar-lhes na memoria  
 As cousas que mais gratas lhe soavam.

Só Aimbire em silencio tudo ouvia,  
 E no fim perguntava ao Missionario:  
 —Acaso os Portuguezes não conhecem  
 Essa santa doutrina que nos pregas?  
 Como pois contra nós em guerra assidua,  
 Sem medo de seu Deos, crucis se mostram?  
 Ou porque elles de Deos ao Filho adoram,



Lhes é dado o poder de perseguir-nos?  
Si elles do céu ás leis desobedecem,  
Que Deos é esse então que os deixa impunes,  
E vem por tua bocca ameaçar-nos?—

« Livres os homens são, lhe respondia  
O illustrado varão; de livre impulso  
Quer Deos que os homens seus preceitos cumpram,  
Sem o que nenhum merito teriam.  
Nem todas essas arvores regadas  
Pelas aguas do céu dão fructos doces;  
Mas vós que os bons colheis p'ra alimentar-vos,  
Não destruis os troncos dos acerbos.  
A grandeza de Deos dá vida a tudo,  
E tudo serve a Deos por modos varios.  
Elle tudo conhece, e a nenhum deixa  
Sem premio ou sem castigo na outra vida. »

Com estas e outras practicas continuas  
Anchieta os dias seus santificava.

No meio dessa virgem Natureza,  
Onde pouco o recato occulta aos olhos  
O agulhão de paixões concupiscentes,  
Elle moço e severo, p'ra furtar-se  
A pensamentos vis e ao ocio indigno  
Que embala os corações em devaneios,  
Votos fez de cantar na Lacia lingua  
A pureza da Virgem Soberana,  
Que os castos pensamentos apadrinha  
D'alma que ao throno seu a fé sublima.

Quando entre o céu e o mar o sol no occaso  
Seus ullimos fulgores dardejava,  
Tingindo o berço seu de um mesto roxo;  
Nessas placidas horas em que os bosques  
Se cobrem de sombria magestade,  
Ia o vate christão meditabundo  
Vagar sósinho na deserta praia,  
Co'a mente cheia do celeste assumpto  
Que em versos de seus labios derramava.  
Como p'ra vel-o, e alumiar-lhe os passos,

Entre os cirios do céu se erguia a lua,  
Longa zona argentina reflectindo  
Sobre o mar salpicado de ardência:  
Disseras ser um rio de luz pura,  
Que de vulcão celeste á flux surgindo,  
Em campo diamantino deslizava.

Ao fulgor dessa luz tão cara aos vates,  
Elle co'o seu bordão ia escrevendo  
Seus espontaneos versos sobre a areia,  
Que das vagas os beijos alizaram;  
E na firme memoria recolhendo  
Essa correcta pagina, deixava  
Que o mar na enchente lhe varresse os traços.

Quantas vezes Aimbire receioso  
Desse nocturno vaguear na praia,  
Se escondia co'os seus, e o surprendia  
No poetico arronbo murmurando;  
Ora os olhos p'ra o céu erguendo e os braços,

Ora co'a dextra compassando a ideia.  
E certos qu'elle só com Deos fallava,  
Para a cabana após o acompanhavam.

Uma voz se espalhou que alli notou-se  
Branca pomba adejar em torno ao vate.

Oh mil vezes feliz a alma sublime  
Que abrazada no fogo da poesia,  
Tudo que a toca de harmonia envolve,  
Como a flor embalsama o ar que a beija!  
Oh certo, quando Deos mandou que o homem  
Fallasse, e elle fallou cheio de assombro,  
Foi n'um hymno de amor que a alma em seus labios  
Espontanea expressou seu pensamento.

Cantava Anchieta: e que al fazer podia  
Que mais grato ao céo fosse em tal soidade,  
Em horas taes que o vulgo ao ocio entrega?

Mas quem alli seus cantos entendia?  
O céo, o puro céo, p'ra quem cantava;  
Esse céo que o inspirava; e após, mais tarde  
Bíblicos hymnos inspirou a Caldas,  
E a São Carlos os cantos numerosos  
Da siderea Assumpção da Santa Virgem.  
Esse céo, onde os Anjos já sabiam  
Os nomes de Durão, dos Alvarengas,  
De Bazílio e de Claudio, e de outros vates,  
Que em seculos futuros assomando,  
A terra do Cruzeiro honrar deviam.  
Inspire-me esse céo, que vio-me infante  
Nos braços maternas beber co'a vida  
Esse amor da harmonia que afagou-me;  
E possa ouvir meu canto derradeiro,  
E o meu suspiro extremo, nessas terras  
Do saudoso Carióca, onde descançam  
Os ossos de meus pais. E Deos conceda  
Que junto aos ossos seus meus ossos jazam.

Nessas lucubrações que a mente apuram,

Nesses santos trabalhos que edificam,  
Via o servo de Deos tranquillamente  
Dias, semanas, mezes ir passando,  
Sem o peso sentir do sacrificio.

Cinco signos o sol passado tinha,  
Do Gemini á Libra percorrendo,  
Desde que alli vivia o anachoreta;  
E já o ardente chefe dos Tamoyos  
Longo achava o armistício, e demorada  
De Nobrega a resposta promettida,  
Que os ajustes de paz ratificasse.  
Os Francezes, instructos nas fallacias  
Com que em casos taes a gente culta  
P'ra illudir o inimigo temporisa,  
A não mais esperar os incitavam.  
Além disso temiam que os Tamoyos,  
Os conselhos seguindo de Anchieta,  
Por esperanças vãs, e iguaes promessas,  
Desistissem da guerra e se espalhassem.

E elles sós nestes bosques contra os Lusos  
Nem as vidas se quer salvar podiam.

Mas o chefe selvagem, cujo peito  
Nem medo, nem vilezas abrigava,  
Calmo lhes respondia: « Nada temo.  
Tarda a resposta, é certo; e já me cança  
Este longo esperar: porém Anchieta  
Foi quem nos procurou co'o seu amigo,  
E ambos por esta paz muito se empenham.  
Elle não mente, nem fugir procura,  
E confiado em nós tranquillo vive.  
De que pois receiar? Que nos illudam?  
Bem caro pagarão si a tal ousarem.  
Não temos nós Anchieta em poder nosso? »

Já contrarias razões os indispunham,  
E a zizania no campo apparecia,  
Quando o santo ermitão veio dizer-lhes,

Que uma celeste voz lhe annunciára  
Que como o sol tres vezes se mostrasse,  
Antes de transmontar a vez terceira  
Novas de paz ao campo chegariam.

Entre a duvida e a crença vacillantes,  
Mas curiosos todos, acudiram  
Quaes desde o amanhecer, quaes desde a sesta,  
E a praia encheram na aprazada tarde.

Com espanto e prazer tumultuario,  
De uma ponta de terra surgir viram  
Esquipada canôa, já vizinha,  
Demandando a enseada. Indio galbardo  
Na prôa vinha em pé, fazendo acenos  
Em signal de amizade.

— Donde vindes?

Toda a chusma bradou.

« De São-Vicente.

E de paz boas novas vos trazemos. »



Quem tal resposta deo foi Cunhambeba,  
Que mal saltando em terra, co'os Tamoyos  
À liberdade e aos seus restituídos,  
Genuflexo beijou a mão de Anchieta,  
E uma carta de Nobrega entregou-lhe.  
E sem mais esperar indo á canôa,  
Dalli voltou com todos os remeiros  
Carregados de agrarios instrumentos,  
Panos de vivas côres e avellorios,  
Que aos pés do padre em montes depozeram.

Lida a carta e exultando, assim se explica  
O servo do Senhor: « Foi Deos servido  
Minhas preces ouvir, e dar-me annuncio  
Desta paz que ora vejo confirmada!  
Infinita de Deos é a bondade!  
Altos, inexerutaveis seus mysterios!  
Graças demos ao Céu. Não mais da guerra  
Nos divida o furor. Cessem os odios,  
Apaguem-se as lembranças do passado,  
E vivamos em paz, oh caros filhos,

Como Deos quer que irmãos entre si vivam,  
Recebei, reparti estes presentes,  
Penhores d'amizade que nos une;  
Instrumentos de paz, deixai por elles  
Essas armas crueis tintas de sangue.  
A terra cultivai, luctai com ella,  
Que assim domam-se os barbaros instinctos.  
Eu vos devo deixar; e assaz me custa  
Separar-me de vós: porém minha alma  
Lembrados vos trará. Em toda parte  
Em mim tereis um defensor e amigo,  
Testemunha de vossa lealdade. »

« Só por amor de ti, voltou-lhe Aimbire,  
Aceitamos a paz que, não pedida,  
Nos vieste propor co'o teu amigo.  
Vê bem que a tua gente a não quebrante,  
Que entre nós ninguem falta ao promettido. »

Inda essa noite alli juntos passaram,

Mas a crastina aurora separou-os.  
Cada qual nesse ensejo ao peregrino  
Trouxe por despedida alguma offrenda  
De pelles de animaes, aves e fructas,  
Parcos dons, que o amor encarecia.

Jamais com tanta dôr, com tanto choro  
Ternos filhos o pai viram saudoso  
Partir dos braços seus p'ra longes terras;  
Nem do amor filial mais convencido  
Mesto pai de seus filhos separou-se.  
Pindobuçú, a filha e o ancião Coaquira,  
Cujos peitos a fé mais penetrára,  
Com vehementes instancias lhe rogavam  
Que depressa voltasse áquellas plagas,  
Onde por elle a suspirar ficavam.  
Anchieta o prometteo; e da canôa,  
Que de um tiro amarrou-se, abençoou-os.

Quão pouco os embalou a doce crença

Dessa paz mal firmada. — Ai! pobres Indios!  
A paz que vos outorgam taes senhores,  
Que de tudo que é vosso se crêm donos,  
É a vida de escravo, e o dever cego  
De ceder-lhes a terra, e obedecer-lhes.  
Tal é a paz que ao fraco outorga o forte,  
Que a despeito da voz da consciencia  
Tem convertido a força em jus sagrado,  
E em suprema razão o vil egoismo.

Grosso enxame de profugos Tamoyos  
Alli chegou, com Guaxará seu chefe,  
Dando a nova fatal que a Lusa frota,  
Com grande estrondo o Guanabara entrando,  
Gente sem conta despejára em terra.

Era Estacio de Sá, que obedecendo  
Da Augusta Catharina ao regio mando,  
Com duas náos deixára a foz do Tejo,  
E alli era chegado co'o reforço

De mais dous galeões, que na Bahía  
Lhe dera Mem de Sá, seu nobre tio,  
Governador geral destes Estados;  
E outros navios, barcos e canoas,  
Com que se reforçara em São-Vicente,  
Dalli trazendo grande copia de Indios,  
E os Missionarios Oliveira e Anchieta.  
Ordens trazia de expulsar os Francos  
De todo o Nitheroy, e em suas margens  
Do Janeiro á cidade dar começo,  
Como já Mem de Sá proposto tinha.

Junto do alto penedo Pão d'Assucar,  
Balisa natural do immenso golpho,  
Já o Capitão-Mór entrincheirado,  
De forte praça os bastiões erguia  
Na praia que Vermelha hoje chamamos.

Como ao som de um trovão inesperado  
Mudas e quedas por um pouco ficam

As aves que chilravam saltilantes;  
Mas passado o momento da surpresa  
Em confusas bandadas vão gritando:  
Assim por breve espaço estatelados  
Alli ficaram todos com tal nova,  
E suspensos se olhavam; mas ao pasmo  
Succedeo o furor; e pelo campo  
Correndo em confusão, iam bradando:  
« Guerra! guerra! Corramos! temos guerra! »  
E sem mais esperar de Aimbire as ordens,  
Armados p'ra marchar se apresentaram.

« Bem eu vos amoestei, dizia Ernesto,  
Genro de Aimbire, que esta gente iniqua  
Nos queria trahir com vãs promessas!  
Bem eu vos amoestei que repellissem  
A proposta de paz, infame engodo  
Com que temporisar só procuravam.  
Vêde si eu me enganei! Eil-os agora  
Que reforçados vem, jactanciosos,  
Da vossa boa fé dar-vos a paga. »

No furibundo olhar do irado Aimbire  
Despeito, odio, vingança flammejavam.  
Do Francez as palavras como espinhos  
Mais o picavam que a fatal noticia;  
E o silencio da colera rompendo:  
« Antes assim! bradou. Agora ao menos  
Melhor conhecem todos o inimigo.  
Acabou-se a piedade; e dura guerra,  
Guerra de morte aos perfidos faremos.  
Ronque da marcha a inubia; á guerra vamos,  
E por terra e por mar, eia, partamos. »

Todos da guerra o brado repetiram,  
Menos os dous anciãos, que se lembravam  
Das prêgações de Anchieta, e já temiam  
O castigo do Céu, e o fogo eterno.

« Que ides fazer? Pindobucú bradava:  
Sabeis vós que intenção traz essa gente!  
Si ella vem contra nós, ou contra os Francos,

Que inimigos são seus? Deixai, oh filhos,  
Qu'elles lá entre si sem nós se matem. »

Do outro lado Coaquira ia dizendo:

« Não quebremos a paz que promettemos  
Ao amigo de Deos, que p'ra salvar-nos  
Nos veio procurar. Os Portuguezes  
Mais fortes do que nós a paz pediram,  
É que connosco em paz viver desejam.  
Porque iremos sem causa provocal-os? »

Estas e outras razões iam soltando  
Os dous prudentes velhos convertidos:  
Mas todos vozeando caminhavam,  
Sem prestar-lhes ouvido. Só Aimbire  
Indignado bradou:— Velhos, calai-vos:  
Si isso é medo, ficai-vos; quem vos chama?

« Como posso ficar? volta-lhe o sogro.



Não levas tu meus filhos? E sem elles  
De que me serve a vida, que me pesa?  
Irei morrer com elles a teu lado;  
Que si hoje algum temor me esfria os membros,  
Não é da morte, ah não! é do castigo  
Qu'esse terrível Deos reserva áquelles  
Que desprezam as leis dos seus ministros. »

« Quem vai crer no que diz gente tão falsa?  
Replicou-lhe o guerreiro destemido.  
Quão diverso te vejo do que foste!  
Pensa em teu Comorim qu'elles mataram:  
E despreza de Anchieta as ameaças,  
E os contos vãos com que turbon-te o siso. »

Nada mais disse o velho. O extinto filho  
N'alma vagou-lhe; e um ai roçou-lhe os labios.

Eil-os em fim a Nitheroy chegados;

E á vista das muralhas mal erguidas  
Da nova fortaleza, onde tremúla  
Das Quinas o estandarte, enfurecidos  
Investem os Tamoyos, disparando  
Settas e settas, que lhe chovem dentro.  
Das triucheiras bramando os arcabuzes,  
Entre raios e fumo a morte espargem.  
Redobra-se o furor de dia em dia;  
Repetem-se os ataques; dura a guerra;  
Sucedem-se as ciladas. Longos mezes  
Se devolvem na lucta porfiosa.  
Aimbire não repousa; a sua gente,  
Ceifada pelas flechas e pelouros,  
Com reforços continuos se renova.

Duas vezes a terra completára  
Sua orbita annual do sol em torno,  
E a lucta pertinaz sem fim renasce.  
Cançada anda de Estacio a forte gente,  
Falta de munições e de soccorro;

E o sabio capitão, que a tudo attende,  
Sobre a sorte dos seus dubio e cuidadoso,  
Manda Anchieta á Bahia, encarregado  
De expôr á Mem de Sá suas fadigas,  
E pedir-lhe efficaz, prompto soccorro,  
Com que possa pôr termo ao longo pleito.

Cumpre Anchieta a missão; e ao mesmo tempo  
O ensejo aproveitando, alli recebe  
Do seu noviciado o augusto premio,  
Que os deveres lhe impõe do sacerdocio.

Mem de Sá, cujo peito ama as fadigas  
E os perigos da guerra, aprestar manda  
A armada, e prompto vem, trazendo Anchieta,  
Dar a Estacio soccorro decisivo.

No Aquorio sigao, em meio, o sol gyrava,  
Quando de Nitheroy no immenso golpho

Entrou soberba a protectora armada,  
Saudando a terra e a nova fortaleza  
Co'os trovões das flammigeras bombardas,  
Que respondidos foram das ameias.

Ao prolongado, horrisono ribombo,  
Que no vasto reconcavo resôa,  
Surgem dos bosques, accorrendo ás praias,  
Grandes cardumes de emplumados Indios,  
Qual espessa floresta movediça,  
Que do mar de improviso assombra as margens.

Vê-se entre elles Aimbire, olhando attento  
Para a armada fatal. Na capitanea  
Fitos os olhos tem; e a reconhece:  
—É Mem de Sá!— murmura. E do passado  
Cruel recordação lhe aviva n'alma  
Do forte Coligny o atroz combate,  
E põe-lhe o vencedor alli presente!  
Essa não, essa não morte lhe augura!

Passa a dextra na fronte anuviada;

Mesto os olhos do mar ergue ás montanhas,  
Que sublimam do golpho a magestade;  
E as vai como saudando. Após os volve  
De um lado e d'outro aos seus, á filha, á esposa,  
Que alli com elle estão. Adeos saudoso,  
O ultimo adeos, dizer parece a tudo.  
De novo involuntario a não attenta;  
E a lagrima, que a dôr lhe nega aos olhos,  
Lhe cahe no coração petrificada!

—Ficaremos aqui?— Bradou-lhe Ernesto.

—Que nos cumpre fazer?—

Como acordando:

« Combater e morrer!—voltou-lhe Aimbire.  
Não podemos no mar ir ataca-os;  
Mas vamos esperal-os nas trincheiras  
De Parnapicuby. Da nossa gente  
Em Uruçú-merim metade fique,  
P'ra que melhor possamos defender-nos,  
Sem tudo aventurar n'um só combate. »  
Disse, e a um aceno as turmas o seguiram,  
Deixando as praias que branquejam nuas.

Entretanto em concilio se reuñem  
Estacio e Mem de Sá, e os mais illustres  
Da companhia dos dous. Conformes todos  
Sobre o plano de ataque discutido,  
Commette Mem de Sá a grande empreza  
A seu nobre sobrinho; decidindo  
Que no crastino dia, consagrado  
Ao Santo Padrociro da cidade,  
Roupa a batalha ao resurgir da aurora.

Ao alvorar da fausta madrugada  
P'ra a morte a brava gente se apparelha,  
Com grande devoção ouvindo a missa  
Que Dom Pedro Leitão na não celebra;  
E a benção do prelado recebendo,  
Em rapidos bateis demanda a terra.

Já de Uruçú-merim os defensores,  
Que Ernesto e Araray capitaneam,  
Francezes e Tamoyos, nas trincheiras  
Com pellouros e settas os recebem.  
Já em terra os do mar saltando avançam

Por São Sebastião chamando todos.  
Estacio os guia, ninguém teme a morte!  
Nala direita vai Gaspar Barboza,  
Illustre capitão de mar e guerra;  
E na sinistra Salvador Corrêa,  
De Estacio e Mem de Sá primo e sobrinho,  
Que por morte d'aquelle tomar deve  
Bem cedo do Janeiro a governança.

Trava-se horrenda e se encarniça a lucta;  
Roncam bombardas, arcabuzes troam,  
Balas e frechas pelos ares zunem.  
Ninguém cede em valor ao seu contrario;  
E no ardor de matar ninguém se guarda.  
Já nos fossos espuma o sangue em lagos,  
Em que rolam cadav'res mutilados,  
E sobre elles os vivos ás trincheiras,  
Leões ferozes, rabidos investem.  
—Victoria!—brada Estacio; e o furor cresce  
De um lado e d'outro ao grito de victoria.  
Inutil resistencia!... Indios, Francezes,  
E os seus chefes na atroz carnificina

Mortos todos em montes cahem por terra!  
Tambem alli da vida despedio-se  
O bravo capitão Gaspar Barboza,  
E outros muitos varões e gente ignota,  
De grandes feitos instrumento iuglorio.

Á Parnapicuby os vencedores  
D'alli vão gloriosos e açodados.  
Lá os espera Aimbire. Eil-o! seus olhos  
Parecem fuzilar vendo o inimigo.  
Ao crebro trovejar da artilharia  
Sua alma irada como o mar se espraía.  
Não repousa seu braço; a morte o impelle,  
E em cada frecha ervada um raio vibra.  
Em torno delle em vão seus companheiros  
Feridos cahem bramando, ou mortos rolam  
Salpicando-o de sangue: elle os conculca,  
E a toda parte vóa. Em vão lhe zunem  
Os pellouros em torno: elle os affronta!  
Das trincheiras pedaços arrancados  
Curvos lhe passam sobre a hirsuta fronte.  
Sobre combros de mortos e ruinas



Desafiar parece a terra e o inferno,  
Que ante elle em fumo, em fogo se desfazem.  
Abobadas de fumo, em que lampejam  
Mil vermelhos fuzís, o azul encobrem  
Do céu de Nitheroy. É noite horrenda,  
Medonho meteóro onde combatem  
Demonios infernaes... Aimbire! Aimbire!  
Vê quão poucos dos teus já se defendem!  
Em vão luctas, oh Indio! O sol que desce,  
Occulto aos olhos teus por tanto fumo,  
Ha de ver amanhã a cruz alçada  
Nas praias do Janeiro, e della em torno,  
Á voz de Mem de Sá victorioso,  
Erguer-se uma cidade, a quem destina  
Grande futuro o Céu. . .

Inda um momento

O Indio seguirei. Victima illustre  
De amor do patrio ninho e liberdade,  
Elle que aqui nasceo nos lega o exemplo  
De como esses dous bens amar devemos.

Poucos lhe restam da guerreira tribu,

Que livre aqui nasceo e morreo livre.  
Iguassú, sua esposa, que o não deixa,  
Varado o peito, aos pés lhe cabe e expira,  
Sem exhalar um ai! Pára instantaneo  
O indomito Tamoyo. Ante o inimigo,  
Que victoria já brada, Estacio avulta,  
E uma setta de Aimbire a esposa vinga,  
Ferindo o Capitão, que da victoria  
Por poucos dias gozará dos louros.  
Rápido após como um possesso toma  
O cadaver da esposa, ao hombro o lança,  
Empunha a bereulea maça e feroz brada:  
« Tamoyo sou, Tamoyo morrer quero,  
E livre mórrerei. Comigo morra  
O ultimo Tamoyo; e nenbum fique  
Para escravo do Luso: a nenbum delles  
Darei a gloria de tirar-me a vida. »

Rabido e cego, meneando a maça,  
Foi abrindo uma estrada de cadav'res  
Por entre o inimigo, e ao mar lançou-se.

Quando no dia crastino os valentes  
Companheiros dos Sás já destas plagas,  
Que Anchieta abençoára, se apossavam,  
Traçando do Janeiro os fundamentos,  
E a São Sebastião um templo erguendo,  
Viram nas ondas fluctuar dous corpos,  
Que o mar na enchente arremessára ás praias.  
De Aimbiré e de Iguassú os corpos eram!  
Vio-os Anchieta com chorosos olhos:  
Para a terra os tirou; e nessa praia,  
Que inda depois de mortos abraçavam,  
Sepultura lhes deo, p'ra sempre unidos.

Excelso Imperador, que justo empunhas  
O Sceptro do Brasil, onde Teu berço  
Por seu ardente amor foi embalado;  
Onde um só coração não ha que um throno  
De amor Te não consagre; onde espontaneas  
De livres cidadãos as gratas vozes  
Tuas grandes virtudes apregoam:

Tu, cuja vida vivifica os germens  
Da gloria nacional, que Te circunda;  
Defensor do Brasil, Tu que, instruido  
Dos deveres de Rei, sabes que o throno,  
Barreira de paixões desordenadas,  
O apoio deve ser da liberdade,  
Da justiça e da paz, e o altar sagrado,  
Cujo fogo perenne animar deve  
Sciencias, letras, artes, e virtudes;  
Monarcha Brasileiro, accêita o canto  
Que Te dedica o vate agradecido;  
E faze que outros muitos mais ditosos,  
Porém não mais da nossa terra amigos,  
Eterna gloria dêem a Ti e á Patria.

FIM.

# NOTAS

---

## CANTO I.

Nota 1, pagina 2.

### **Doçura deram do Carióca as aguas.**

Diz Rocha Pitta, apoiado em uma tradição, que as aguas do Carióca tem a virtude de dar boas vozes aos musicos. Vem esta creença dos Indios, por quanto os Tamoyos, que habitavam o Rio de Janeiro, eram mui dados á musica, e mui conhecidos e estimados entre todos os selvagens pelo seu talento poetico, como affirma Gabriel Soares. Por muito tempo foram os filhos do Rio de Janeiro appellidados *Cariócas* por causa do grande chafariz da sua capital, onde correm as aguas desse rio, si bem que já hoje misturadas com as de outros: e sabem todos quanto os Fluminensees amam e cultivam a musica e a poesia; e nisto como na bravura, no amor da patria e liberdade, parecem-se elles com os antigos Tamoyos.

Nota 2, pagina 5.

### **Feroz sucuriúba horrída ronca.**

A sucuriúba é uma serpente de 40 pés de grandeza, só anda nas lagoas e pégos de aguas mortas. Atando a cauda a uma raiz ou ponta de pedra, no fundo d'agua, agarra todo vivente que se aproxima á margem, e o engole sem o despedaçar, como fazem as cobras na Europa aos coelhos: ronca debaixo d'agua ouvindo algum estrondo fóra: as lontras são os seus maiores inimigos. (Ayres do Casal, *Corographia Brasitica.*)

Nota 3, pagina 13.

### **Como o guará que perde as alvas pennas.**

O guará, uma das mais lindas aves paludaes, tem o corpo de uma perdiz, pernas compridas, pescoço longo, bico comprido e um pouco curvo; sem cauda. A primeira penna é branca, passado algum tempo torna-se negra, e finalmente escarlata, conservando a segunda côr nas extremidades das azas. (Ayres do Casal, *Corog. Bras.*)

Nota 4, pagina 15.

### **O incendio e a morte ás tabas indianas.**

Tabas são as aldeias ou praças fortes dos Indios, fortificadas com grandes cercas de madeira.

Nota 5, Pagina 16.

### **Já o cadaver dentro da igaçaba.**

A igaçaba dos Indios é como uma talha ou vaso de barro, de largo bojo, serve não só de deposito d'agua e dos seus licores, como tambem de urna fúnebre, onde mettem o cadaver antes de enterrá-lo.

Nota 6, pagina 18.

### **Aqui abaixo o Comorim se alarga.**

A lagôa Comorim é a mesma que tambem denominam Jacarépaguá.

Nota 7, Pagina 19.

### **Quem um patumujú te não julgára.**

O patumujú é uma das mais lindas e importantes arvores dos bosques pela sua duração ao tempo, e íntima união com o prego no cintado, albos e cobertas dos navios, em que se emprega, e é uma especie de *Balania Brasiliense*: o seu comprimento chega a cento e cincoenta palmes, e até vinte e cinco de circumferencia, etc. (Balthazar da Silva Lisboa, *Arvores do Rio de Janeiro*.)

Nota 8, pagina 21.

### **O echo de nenhum Maraguigana.**

Maraguiganas eram, segundo a creença dos Indios, os espiritos ou almas separadas dos corpos, como as nossas almas do outro mundo, que denunciavam morte, e a que davam muito credito.

Nota 9, pagina 22.

### **Apenas ha tres sóes que uns Emboabas.**

Emboabas: assim appellidavam os Indios aos Portuguezes, por causa das calças de que usavam, por analogia aos passaros desse nome, que tem as pernas cobertas de pennas até abaixo.

## **CANTO II.**

Nota 1, pagina 34.

### **E o mais forte é por chefe respeitado.**

Ácerca da creença, leis e governo dos selvagens, é curioso o que diz Gabriel Soares no Cap. 150, Parte 2.<sup>a</sup> do seu *Tratado descriptivo do Brasil*; e foi depois repetido por Simão de Vasconcelles no § 116, Liv. 1.<sup>o</sup> da sua *Chronica*



da *Companhia de Jetus*: « que faltavam ao alfabeto dos Indios as letras F, L, R, porque elles não tinham Fé, nem Lei, nem Rei. » Como si em todas as nações, em todas as linguas sómente assim se devessem chamar as cousas correspondentes a esses nomes! Discorrendo o primeiro escriptor acima citado sobre a falta dessas tres letras, diz: « Si não tem F é porque não tem fé em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre christãos, e doutrinados pelos padres da Companhia, tem fé em Deos nosso Senhor, nem tem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E si não tem L na sua pronunciação é porque não tem lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz a lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre elles leis com que se governem; nem tem lei uns com os outros. E si não tem esta letra R na sua pronunciação, é porque não tem rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem ao filho o pai, e cada um vive ao som da sua vontade. »

Mas pergunto: si assim tão brutos e independentes eram os selvagens da raça Tupica; si nada dessas cousas tinham; si em nada eriam; si a ninguém respeitavam e obedeciam; si por nenhuma lei ou practica se regiam: como então acreditavam elles na existencia de um Ente Supremo, a quem denominavam Tupan? Como admittiam os espiritos malignos Anhangás, Juruparis, Carupiras e outros? Como respeitavam os seus Payés ou feiticeiros? Como com tanto agasalho recebiam os estrangeiros? Como viviam em tabas ou aldeias? Como elegiam os seus Creiques, escolhendo os mais capazes para esse cargo, si o fallecido chefe não deixava filho ou irmão com as qualidades

necessarias para isso, segundo nos assegura o mesmo Gabriel Soares? Não acreditavam elles em nenhuma cousa? Esse mesmo auctor diz: « Bastava que um Payé lhes dissesse: vai, que has de morrer, para que esses barbaros se fossem deitar nas redes pasmados, sem quererem comer, e de pasmo se deixassem morrer! » Então eram elles nimamente credulos. Não tinham lei com pessoa alguma? Eram por conseguinte egoistas, perfidos e ingratos. E Soares escreveu no capitulo 160, parte 2.ª « Costumam mais estes Indios, quando vem de caçar ou pescar, partirem sempre do que trazem com o principal da casa em que vivem, e o mais entregam ás suas mulheres, ou a quem tem o cuidado de os agasalhar no seu larço... Tem estes Tupinambés uma condição mui boa para frades Franciscanos, porque o seu fato e quanto tem é commum a todos os da casa que querem usar delle; assim das ferramentas, que é o que mais estimam, como das suas roupas, si as tem, e do seu mantimento; os quaes, quando estão comendo, pôde comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lh'o impedirem, nem fazerem por isso carranca! » Logo tinham lei até com os seus inimigos; eram humanos e hospitaleiros, e exercitavam, sem o saberem, uma das mais bellas virtudes do christianismo!

O Padre Simão de Vasconcellos, que no livro 1.º da sua *Chronica* repete, sem declarar a origem, aquellas desarrazoadas reflexões sobre a falta das tres letras, cita no principio do livro 2.º os nomes de grande numero de Caciques que, convertidos á Fé com milhares de Indios » foram, como diz elle, afamados, louvados e premiados dos governadores e reis por valerosos, engenhosos, guerreiros e fieis; e o que mais é, por duceis, pios, amorosos, republicos

e christãos soffredores de todos os contrastes. » E acrescenta: « Chegaram a ter para si muitos d'aquelles primeiros povoadores, não só idiotas, mas ainda mesmo letrados, que os Indios da America não eram verdadeiramente homens racionais, nem individuos da verdadeira especie humana, e por conseguinte que eram incapazes dos Sacramentos da Santa Igreja: que podia tomal-os para si qualquer que os houvesse, servir-se delles, da mesma maneira que de um camelo, de um cavallo, ou de um boi; feril-os, maltratal-os, mata-los sem injuria alguma, restituição, ou peccado. E o peor é que pôz o interesse dos bouens em praxe usual tão deshumana opinião. » Eis pois revelado o segredo de todas as calumnias contra os pobres Indios! Cremos que bem se pôde louvar a civilisação, e apreciar os serviços prestados pelos primeiros colonisadores desta parte da America, sem que por isso necessario seja infamar e calumniar os Indios.

Nota 2, pagina 34.

#### **De tacapes e maças de páo-ferro.**

Tacapes são umas grandes clavas de páo durissimo como as clavas dos antigos cavalleiros.

Nota 3, pagina 37.

#### **A terrivel inúbia que assignala.**

A inúbia é uma especie de grande bozina, feita de páo, e usada na guerra.

Nota 4, página 40.

**Em seus corceis ao Curultai armados.**

Curultai é a assembléa soberana dos Tartaros, onde todos os homens livres comparecem a cavallo, tratam de paz e de guerra, e proclamam as suas leis.

Nota 5, página 44.

**Descido aos campos de eternas delicias.**

Crém os Indios que as almas dos guerreiros, separadas do corpo pela morte, vão nos corpos dos colibres habitar os campos alegres, além das montanhas que denominam *azues*, onde gozam de continuos delicias.

As almas dos máos, porém, e as dos cobardes, são, segundo elles, devoradas pelos Auhangás, genios malfazejos como os nossos demônios.

Nota 6, página 47.

**No Guanabara estava n'um rochedo.**

Este rochedo é denominado hoje Villegagnon, occupado n'aquelle tempo pelos Francezes, que nelle se haviam fortificado, sob o commando do cavalleiro daquelle nome, que ficou em memoria.

Mem de Sá, mandado pela rainha D. Catharina, com alguns navios de guerra, d'alli os expulsou em Janeiro de 1560, quatro annos depois que os Francezes se tinham apoderado d'aquelle ilhéu, e nelle edificado o forte

Coligny, que foi demolido pelos Portuguezes. Os Tamoyos prestaram apoio aos Francezes nesse combate.

Nota 7, pagina 48.

**Os seus trovões não são Tupaçunangas,  
Nem os seus raios são Tupaberabas.**

Tupaçunangas quer dizer verdadeiros trovões de Tupan, e Tupaberabas verdadeiros raios de Tupan; em opposição aos trovões e raios produzidos pelas armas de fogo.

### CANTO III.

Nota 1, pagina 73.

**Ou sejam Anhangás, ou sejam homens.**

Anhangás, espiritos máos, ou plantasmas. Creio ser esta palavra composta de *Anhó*, só, e *Angá*, alma: isto é: alma só, ou alma sem-corpo.

Nota 2, pagina 77.

**O ardente nanauy, e outros diversos  
Saborosos licores...**

Muitas espécies de vinhos fabricam os Indios: do ananaz fazem o na-

nany, do cajú o cajuy, da pacova o pasoy, do milho o abatiy, da raiz do apim o eany ou cruim, etc.

Nota 3, pagina 79.

**Pois eu te chamarei Guaraciaba.**

Guaraciaba quer dizer—cabella do sol. *Guaracy*, sol, e *aba* cabelo. Nome de uma especie de colibri.

Nota 4, pagina 81.

**Como um saby de um guanumby ao lado.**

O saby é uma linda especie de passarinho geralmente comberido. O guanumby ou goanhamby é o nome generico que dão os Indios á todas as especies de colibris.

Nota 5, pagina 83.

**Troam todas as bellicas inúbias,  
Marraques e urucás.**

Varios instrumentos musicos possuem os Indios: a inúbia guerreira, de que já fallimos na nota 3.<sup>a</sup> do 2.<sup>o</sup> canto: o marraque, que consiste em um taboço cheio de pedrinhas, suspenso em um cabo enfeitado de penas; pôde ser comparado a um grande choocalho com que brincam as nossas crianças: o urucá é outro instrumento, cuja fórma não sei indicar.

**CANTO IV.**

Nota 1, pagina 110.

**Que o grão Tamandaré depois das aguas.**

Tamandaré é o Noé dos povos brasileiros. Segundo a sua tradição, esse Payé, ou Mago de grande saber, fôra avisado por Tupan, excellencia superior, que um dilúvio devia inundar a terra e cobrir os montes, á excepção de uma palmeira que estava em certa montanha muy alta: nessa palmeira salvou-se Tamandaré e sua familia, alimentando-se com os seus fructos durante o dilúvio; findo o qual desceram, e de novo povoaram a terra.

Nota 2, pagina 113.

**Com tanto amor te deo? Caro Araujo.**

Meu amigo o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, Director da Academia Imperial das Bellas Artes.

Nota 3, pagina 115

**Da immovel araponga que soluça.**

A araponga é um passaro branco como a neve, do tamanho d'uma pequena pomba; tem o bico largo na raiz, um pedaço depernado e de cov

verde á roda dos olhos. Este passaro pousa no tópo da mais alta arvore dos bosques, e allí passa a maior parte do dia em um canto, que imita bem o ferrador atarracando ferraduras na bigorna. (Ayres do Casal, *Corographia Brasílica*.)

Nota 4, pagina 117.

**Que os malignos genios Macacheras,  
E os ruins Juruparis os aconmettam.**

Macacheras são os espiritos dos caminhos; e Juruparis, espiritos máos, que Simão de Vasconcellos confunde com os Anhangás, e que talvez sejam os espiritos dos matos.

Nota 5, pagina 121.

**Fugir!... que Curupira malfazejo  
Inspirou-te tão baixos pensamentos?**

Curupiras são os espiritos dos pensamentos, segundo Simão de Vasconcellos. Mas no *Diccionario Portuguez e Brasiliano* publicado em Lisboa vejo Jurupari corresponder á palavra diabo, e Curupira a demonio que apparece no mal. Sendo pois certo que os Indios acreditam na existencia de uns espiritos que apparecem nos bosques, inclino-me a crer serem estes os denominados Juruparis, e não Curupiras, sendo estes ultimos os espiritos que presidem aos pensamentos, como diz o citado chronista Vasconcellos.



Nota 6, pagina 122.

### Como as tapiras que de tudo fogem.

Tapiras, ou antas: quadrupede da grandeza de um bezerro, fúido e velocissimo na carreira; foge quando é atacado, e só resiste quando cangado já não pôde fugir.

Nota 7, pagina 128.

### Que mysterios são estes da Natura?

Esta feiticaria da Tangapeina vem mencionada no livro 2.º, paragrapho 17, da *Chronica da Companhia de Jesus* pelo Padre Simão de Vasconcellos, que a não põe em duvida. Os que explicam a dança e bruculas das mesas, e evocação dos espiritos dos mortos pela influencia da força magnetica animal, o que tanto occupa actualmente a attenção publica na Europa e na America, podem explicar este phenomeno do mesmo modo, e attribui-lo á mesma causa occulta. No caso contrario poderão recorrer a uma explicação, que li em um dos numeros da *Civiltà Cattolica* do primeiro semestre de 1853, Revista publicada em Roma por Jesuitas, que admitindo como inevitaveis os extraordinarios phenomenos do movimento das mesas e evocação dos espiritos, attribue tudo á obra do diabo. Da mesma opinião são quasi todos os bispos de França, como o declararam em suas pastoraes publicadas nos jornaes de Paris de 1853, condemnando as experiencias das mesas fallantes: opinião que acaba de ser longamente desenvolvida e sustentada com grande erudição por Mr. Eudes de Merville

em um livro dado á luz em 1854, o qual tem por titulo: *Des esprits et de leurs manifestations fluidiques*: livro bastante extraordinario para o nosso seculo.

### CANTO V.

Nota 1, pagina 150.

#### **Estes ouviram de Sumé as vozes Junto do Itajurú. . .**

Simão de Vasconcellos e outros escriptores affirmam que os Indios das diversas nações da America conservavam uma tradição, pela qual se collige que entre elles estivera o Apostolo S. Thomé, a quem os do Brasil chamavam Sumé. Alonga-se o mencionado Jesuíta Poraguez em demonstrar ser verdadeira essa tradição; e, entre as muitas razões que allega, dá como prova da passagem do Santo Apostolo pelas terras do Brasil certas pegadas de homem, que elle viu em uma pedra em Hapúá, pouco distante da cidade da Bahia: o caminho de areia em Marapé, dez leguas no interior do reconhecido d'aquella cidade: os signaes do seu bordão em um penedo de Itajurú, perto da cidade de Cabo Frio, e outros signaes e vestigios da mesma natureza. Sem entrar aqui na elucidação desta tradição, faço esta nota para os que, por pouco lidos em taes materias, podessem suppor ser invenção minha tanto esta tradição, quanto o mais que no texto deste poema a ella se refere.

**CANTO VI.**

Nota 1, pagina 179.

**E desse sabio Andrada, que se nfama  
Co'os illustres irmãos. . .**

José Bonifácio de Andrada, Marlim Francisco Ribeiro de Andrada, e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, illustres promotores da independencia do Brasil, sabios e prebos ministros.

Nota 2, pagina 185.

**Desse prudente Lima acompanhado.**

O benemerito tenente-general Francisco de Lima e Silva, um dos primeiros Regentes na menoridade do Senhor D. Pedro II.

Nota 3, pagina 187.

**O nome de Caxias para exemplo.**

Luiz Alves de Lima, Marquez de Caxias, tenente-general, filho do

precedente, illustre pacificador das provincias do Maranhão, S. Paulo, Minas, e Rio Grande do Sul.

### CANTO VII.

Nota 1, pagina 226.

#### A força do brutal Francisco Dias.

Este supponho eu ser aquelle immoral Francisco Dias, muitas vezes e inutilmente admoestado por Anchieta; e que talvez por fim meio arrependido, entrando no Auto composto pelo dito Padre, e representando no adro da igreja de S. Vicente em vespuras do jubileo da festa de Jesus, como nos refere Simão de Vasconcellos, dizia, fallando em seu proprio nome:

A viagem 'stá acabada,  
A não vai-se alagando,  
E nesta vida em que ando  
Por tantas causas errada  
Meus dias já não são nada,  
Pois peço por tantas vias;  
Triste de Francisco Dias,  
Não lhe sinto salvação,  
Si vós. Mãe da Conceição,  
Não pagais as avarias.

Nota 2, pagina 231.

**Quando alguns d'entre vós té mesmo, oh crime!  
A comer carne humana os aconselham!**

Para que não creiam ser isto exaggeração poetica, e para que vejam mesmo que não me animei a dizer em verso o que sobre isto li em prosa, transcreverei aqui o periodo de uma carta do respeitavel padre Manoel da Nóbrega, dirigida ao governador Thomé de Sousa, em data de 5 de Julho de 1559. Diz a carta: « Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que é grande serviço de Deos Nosso Senhor fazer nos gentios que se cômam, e se travam uns com os outros, e nisto tem mais esperança que em Deos vivo; e nisso dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto approvam capitães e prelados, ecclesiasticos e seculares, e assim o poem por obra todas as vezes que se offerecem, e daqui vem que nas guerras passadas que se teve com o gentio sempre dão carne humana a comer não sómente a outros Indios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao gentio o comerem-se uns nos outros, e já se acham christãos a mastigar carne humana para dar com isso bom exemplo ao gentio. »

Essa carta bastante longa e interessante achta-se impressa no tomo 6.<sup>o</sup> dos *Anaes do Rio de Janeiro* por Balthazar da Silva Lisboa, da pagina 63 a 101.

**CANTO VIII.**

Nota 1, página 265.

**De amoso acayacá. . .**

Acayacá é o nome que davam os Indios ao cedro.

nota 2, página 265.

**Para ficar no canguçu que o assalta.**

Canguçu é uma espécie de onça.

**CANTO IX.**

Nota 1, página 278.

**Esses seus Abarés. . .**

Abaré, appellido que davam os Indios aos padres.

**CANTO X.**

Nota 1, pagina 310.

**Cheios de seccas folhas de pituma.**

Pituma, ou pitima, é o nome brasileiro do tabaco.

FIM.